



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

ECOS DO PASSADO
OS VESTÍGIOS ÓSSEOS, OS REGISTOS PAROQUIAIS E AS CRENÇAS NA SERTÃ

Filipa Tavares dos Santos



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Filipa Caldeira Lopes Tavares dos Santos

ECOS DO PASSADO
OS VESTÍGIOS ÓSSEOS, OS REGISTOS PAROQUIAIS E AS CRENÇAS NA
SERTÃ

Dissertação no âmbito do Mestrado em Evolução e Biologia Humanas orientada pela Professora Doutora Ana Luísa Santos e apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

FILIPA CALDEIRA LOPES TAVARES DOS SANTOS

ECOS DO PASSADO

OS VESTÍGIOS ÓSSEOS, OS REGISTOS PAROQUIAIS E AS CRENÇAS
NA SERTÃ

Dissertação no âmbito do Mestrado em Evolução e Biologia Humanas orientada pela Professora Doutora Ana Luísa Santos e apresentada ao Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020

Sumário

Índice de figuras	v
Índice de tabelas	ix
Agradecimentos	xi
Resumo/Palavras-chaves	xiii
Abstract/Keywords	xv
1. Introdução.....	1
1.1. A Sertã e a sua matriz	1
1.2. A escavação arqueológica.....	4
1.3. Objetivos.....	5
2. Material e métodos.....	7
2.1. Vestígios osteológicos	7
2.2. Registos paroquiais.....	10
2.3. Entrevistas.....	11
3. Resultados e discussão	13
3.1. Vestígios osteológicos	13
3.1.1. Antropologia funerária	13
3.1.2. Paleodemografia	16
3.1.3. Morfologia.....	18
3.1.4. Paleopatologia	21
3.2. Registos paroquiais.....	29
3.3. Entrevistas.....	47
4. Conclusão	55
5. Bibliografia	59
Anexo A	
Tabela A 1 - Espólio recuperado durante a escavação arqueológica na Igreja Matriz da Sertã no ano de 2005	69

Figura A 1 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 1 durante o acompanhamento arqueológico.	70
Figura A 2 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 2 durante o acompanhamento arqueológico	70
Figura A 3 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 3 durante o acompanhamento arqueológico	71
Figura A 4 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 4 durante o acompanhamento arqueológico	71
Figura A 5 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 5 durante o acompanhamento arqueológico	71
Apêndice A	
Tabela A 1 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1593 e 1597	73
Tabela A 2 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1636 e 1640	76
Tabela A 3 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1736 e 1740	80
Tabela A 4 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1830 e 1834	86
Apêndice B	97

Índice de figuras

Figura 1 – Localização do concelho da Sertã no mapa de Portugal	2
Figura 2 – Inscrição em calcário no exterior da Igreja Matriz da Sertã com a imagem de uma sertã	2
Figura 3 – Gravura de Tinoco retratando a Igreja Matriz da Sertã no ano de 1618	3
Figura 4 – Exterior e interior da Igreja Matriz da Sertã.....	4
Figura 5 – Planta da Igreja da Sertã com as diferentes áreas intervencionadas.	5
Figura 6 – Entrada do Cemitério Municipal da Sertã	7
Figura 7 – Restos de sacos transparentes e um dos sacos preto em que foram acomodados os vestígios ósseos no Cemitério Municipal da Sertã.....	8
Figura 8 – Último assento de óbito com local de enterramento dentro da Igreja Matriz da Sertã.....	11
Figura 9 – Sepultura 4 após exumação sendo observável o esquife antropomórfico	13
Figura 10 – Sepultura 4 durante a exumação. É visível a presença de palha entre o indivíduo e o caixão	14
Figura 11 – Sepultura 1 depois da escavação sendo observável o corte na camada rochosa	14
Figura 12 - Diagnose sexual das peças ósseas pertencentes a adultos na amostra.....	16
Figura 13 - Idade à morte estimada para as peças ósseas pertencentes a não-adultos na amostra	17
Figura 14 – Fíbula (IMS-2005-400) pertencente a um indivíduo com idade estimada entre 24 a 28 semanas de gestação.....	17
Figura 15 - Idade à morte estimada para os ilíacos pertencentes a indivíduos adultos na amostra	18
Figura 16 - Abertura septal em dois úmeros esquerdos e dois direitos. Da esquerda para a direita: IMS-2005-210, IMS-2005-151, IMS-2005-111 (todos em norma anterior) e IMS-2005-119 (em norma posterior).....	21

Figura 17 - Extremidade distal do rádio direito (IMS-2005-182) exibindo uma fratura de Colles. Esquerda: norma posterior. Direita: norma anterior.....	22
Figura 18 - Fíbula esquerda (IMS-2005-207) com fratura oblíqua no terço distal. Esquerda: norma medial. Direita: norma lateral.....	22
Figura 19 - Extremidade proximal de um osso longo (IMS-2005-233) com fratura. Esquerda: norma medial. Direita: norma anterior	23
Figura 20 - Fémur (IMS-2005-233) com uma fratura a meio da diáfise. Esquerda, em cima: norma lateral. Esquerda, em baixo: norma medial. Direita: norma anterior	23
Figura 21 - Diáfises de duas tíbias direitas apresentando osso lamelar. Esquerda: (IMS-2005-199), norma lateral. Direita: (IMS-2005-202), norma lateral.....	24
Figura 22 - Fragmento de osso longo com presença abundante de osso <i>woven</i>	25
Figura 23 - Extremidade proximal da ulna com formação óssea na chanfradura troclear. Em cima: (IMS-2005-260), norma anterior. Em baixo: (IMS-2005-261), norma anterior.	25
Figura 24 - Vértebras recuperadas do indivíduo da sepultura 4 com fusão vertebral. Norma anterior.....	26
Figura 25 - Esquerda: Coluna vertebral do indivíduo da sepultura 4 com fusão vertebral. Direita: Fusão da sacroilíaca esquerda no indivíduo da sepultura 4	26
Figura 26 - Endocrânio do parietal direito pertencente a um não-adulto (IMS-2005-463) com formação óssea.....	28
Figura 27 - Úmero direito de um indivíduo com três meses (IMS-2005-385) apresentando formação óssea no terço proximal da diáfise. Esquerda: norma lateral. Direita: norma anterior.....	28
Figura 28 - Frontal de um indivíduo adulto (IMS-2005-268) com <i>cribra orbitalia</i> . Norma inferior	29
Figura 29 - Distribuição dos óbitos pelos anos estudados do século XVI e XVII	30
Figura 30 - Distribuição dos óbitos pelos anos estudados do século XVIII e XIX.....	30
Figura 31 - Distribuição do número de óbitos dos anos estudados entre o século XVI e XIX pelos meses do ano.....	31
Figura 32 - Número de óbitos por sexo nos quinquênios estudados entre o século XVI e XIX.....	32

Figura 33 - Distribuição do número de indivíduos falecidos entre 1830 e 1834 por classes etárias.....	32
Figura 34 - Distribuição do número de mortes por sexo e classe etária entre os anos de 1830 e 1834	33
Figura 35 - Distribuição do número de falecidos adultos e não-adultos pelos meses do ano entre 1830 e 1834	34
Figura 36 - O concelho da Sertã e as suas freguesias anteriores ao ano de 2013.....	34
Figura 37 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XVII	36
Figura 38 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XVIII.....	36
Figura 39 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XVIII.....	36
Figura 40 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XIX.....	36
Figura 41 - Causas de morte nos registos de óbito ocorridos entre 1830 e 1834.....	37
Figura 42 - Causas de morte classificadas como Infeciosas e Parasíticas registadas entre 1830 e 1831	38
Figura 43 - Causas de morte classificadas como sintomas não classificados noutra categoria registadas entre 1830 e 1831	39
Figura 44 - Distribuição das causas de morte por classes etárias nos indivíduos falecidos entre 1830 e 1831.....	40
Figura 45 - Distribuição das causas de morte pelos meses do ano entre 1830 e 1834 ..	40
Figura 46 - Local de inumação dos indivíduos falecidos entre os anos 1736 e 1740....	41
Figura 47 - Local de inumação dos indivíduos falecidos entre os anos de 1830 e 1834	41
Figura 48 - Distribuição do número de óbitos entre os anos de 1635 e 1640.....	42
Figura 49 - Distribuição do número de óbitos de 1638 pelos meses do ano.....	43
Figura 50 - Distribuição do número de óbitos de cada sexo pelos meses do ano de 1638	43

Figura 51 - Distribuição dos óbitos presentes nos registos paroquiais de 1638 pelas freguesias do concelho da Sertã.....	44
Figura 52 – Distribuição dos óbitos por “bexigas” desde Novembro de 1830 até Janeiro de 1831	44
Figura 53 – Distribuição do número de óbitos pelos meses do ano de 1834	45
Figura 54 – Número de óbitos por patologias com possível origem infecciosa no ano de 1834.....	46
Figura 55 – Distribuição das causas de morte mais frequentes pelos meses do ano de 1834.....	46
Figura 56 – Distribuição das causas de morte mais frequentes no ano de 1834 pelas classes etárias.....	47
Figura 57 - Adro da Igreja Matriz da Sertã. A inumação dos não-adultos estaria reservada à área 1 enquanto os enterramentos dos adultos eram realizados na área 2 ...	49
Figura 58 - Esquerda: fragmento de tibia e fémur encontrados em 2019. Direita: localização onde foram encontradas os vestígios ósseos	50
Figura 59 - Entrada da Sertã. É observável a Capela de Santo Amaro e o muro que pertencia ao cemitério	51
Figura 60 - Locais de enterramento na vila da Sertã. 1- Capela de São João Baptista; 2- Igreja Matriz; 3- Capela de Santo Amaro; 4- Cemitério Municipal	52

Índice de tabelas

Tabela 1 – Classes etárias utilizadas para a estimativa de idade à morte e para os registos de óbito. Adaptado de Buikstra e Ubelaker, 1994	9
Tabela 2 – Caracteres discretos estudados no esqueleto craniano. Adaptado de Hauser e De Stefano, 1989.....	9
Tabela 3 – Caracteres discretos estudados no esqueleto craniano. Adaptado de Finnegan, 1978	10
Tabela 4 – Indivíduos entrevistados neste estudo	12
Tabela 5 – Guião de perguntas colocadas aos entrevistados	12
Tabela 6 – Dados recolhidos sobre os indivíduos exumados da Igreja Matriz da Sertã	15
Tabela 7 - Número mínimo de indivíduos adultos e não-adultos obtidos para esta amostra através dos ossos longos	16
Tabela 8 - Cálculo da estatura através do úmero segundo Mendonça (2000) e Olivier <i>et al.</i> (1978).....	19
Tabela 9 - Cálculo da estatura através do fémur segundo Mendonça (2000) e Olivier <i>et al.</i> (1978).....	19
Tabela 10 - Frequência dos caracteres discretos cranianos na amostra	20
Tabela 11 - Frequência dos caracteres discretos pós-cranianos na amostra.....	20
Tabela 12 - Dados retirados de cada século dos registos paroquiais da Sertã.....	30
Tabela 13 - Datas de fundação das freguesias do concelho da Sertã.....	35
Tabela 14 - Número de óbitos por classe etária com causa de morte “bexigas” no ano de 1831 (N=15)	45

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof. Doutora Ana Luísa Santos pela disponibilidade, críticas, apoio e, principalmente, a paciência, a muita paciência que teve comigo.

À Câmara Municipal da Sertã, na pessoa do Sr. Presidente José Farinha Nunes e da engenheira do ambiente, Dr.^a Ana Paula Geraldês, e ao Pároco Daniel Santos Almeida que prestaram todo o apoio necessário para a realização deste trabalho.

Aos indivíduos que foram entrevistados, obrigado por partilharem a vossa memória e o vosso tempo.

Ao Rui Lopes e ao Daniel Caldeira que desde o início disponibilizaram todos os materiais que precisei sobre a Sertã e a sua história.

Ao Dr. Vítor Matos que me iluminou nos caminhos tenebrosos da estatística e do IBM SPSS.

Ao Dr. Fernando Henriques pela cedência do relatório arqueológico e as fotografias da escavação.

À D. Fátima pelos momentos de boa disposição, mesmo nas manhãs mais frias, e ao Sr. Virgílio e Sr. Amadeu, que viram o seu local de trabalho virado do avesso.

A todos os que dividiram estrados comigo no Orfeon Académico de Coimbra, porque não há melhor maneira de acabar o dia do que na sala de ensaios com vocês. É tão bom cantar no Orfeon.

À Maria, Cecília e Clorinda, porque os maiores super-heróis são as nossas avós.

Aos meus pais, por todas as lágrimas que tiveram de limpar da minha cara, todos os sorrisos que causaram e toda a paciência que têm. Há coisas que eu nunca conseguiria fazer sozinha.

A todos aqueles que já não estão presentes e, sem saberem, foram por mim estudados, é uma honra poder ser a voz que conta a vossa história.

Resumo

Neste trabalho realizou-se o estudo paleodemográfico, morfológico e paleopatológico de um conjunto de ossos humanos desarticulados, provenientes do interior da Igreja Matriz da Sertã e enterrados no Cemitério Municipal em 2005, tendo sido exumados parcialmente em 2017. Foram também analisados 1241 registos de óbitos, referentes a quatro quinquénios entre os séculos XVI e XIX, com recurso ao programa IBM SPSS, e entrevistadas seis pessoas para saber a sua opinião sobre a exumação e o estudo dos vestígios ósseos. Foi determinado um número mínimo de 40 adultos e 17 não-adultos. Estimou-se que 46 peças ósseas de adultos eram referentes a indivíduos do sexo masculino e 58 do feminino. Dez peças ósseas pertenciam a indivíduos falecidos entre as 22 e as 40 semanas de gestação, 21 a indivíduos entre as 40 semanas e os três anos, 76 entre os três e 12 anos, 17 entre os 12 e os 18, 15 entre os 35 e os 55 e quatro a maiores de 55. Foram encontrados maioritariamente casos de patologia traumática e infecciosa coincidindo com os registos, sendo as maiores causas de morte de origem infecciosa e parasítica (17,44%) e possível origem infecciosa (30,52%). Nos registos paroquiais não existiam diferenças no número de óbitos por sexo e o enterramento no interior da matriz era realizado sem distinção de sexo ou classe etária e social. No século XIX, a maior mortalidade ocorria nos maiores de 55 anos (39,27%) seguido dos menores de três anos (20%), com os indivíduos entre os 12 e os 18 a apresentarem o menor valor (2,68%). Foram descobertos três anos com aumentos de mortalidade: 1638 com causa desconhecida, 1831 que se deve à varíola, corroborando um possível diagnóstico de *osteomielite variolosa* em duas ulnas, e 1834 que terá como causa cólera ou febre tifóide. Nas entrevistas não existiram diferenças nas respostas de cada sexo, com todos os entrevistados a exhibir interesse no estudo dos vestígios ósseos mas apelando a que estes fiquem no concelho. A multidisciplinaridade mostrou-se uma ferramenta imprescindível para formar uma imagem mais fiel da Sertã e dos seus antigos habitantes. Torna-se importante a realização de outros trabalhos nesta região do país tão pouco estudada.

Palavras-chave: Séculos XVI – XIX; Entrevistas; Perfil Biológico; Varíola; Paleopatologia.

Abstract

In this study was performed a paleodemographic, morphologic and paleopathological characterization of a sample of disarticulated human bones from the Church of Saint Peter, Sertã, buried on the Municipal Cemetery in 2005 and partially exhumed in 2017. A total of 1241 parish death records were also examined, referring to four quinquennia between the 16th and the 19th centuries, using the IBM SPSS software, and six individuals were interviewed about their opinion on the exhumation and study of the skeletal remains. A minimum of 40 adults and 17 non-adults were present on the sample. It was determined that 46 bones belonged to male individuals and 58 to female. Ten bones referred to individuals who perished between the 22 and the 40 gestational weeks, 21 who died between 40 gestational weeks and three years, 76 between 12 and 18 years, 15 between 35 and 55 and four older than 55 years. The most common pathologies found were traumas and infections, which concurs with the parish records with the major causes of death being of infectious and parasitic origin (17,44%) and possible infectious origin (32,52%). There were no differences in the number of deaths registered for each sex on the parish records and the burials inside the church were performed without any distinction of sex, age or social class. In the 19th century, the highest mortality rate occurred in individuals older than 55 years (39,27%), followed by those younger than three years (20%), with the lowest rate belonging to the individuals aged between 12 and 18 (2,68%). Increases in mortality were discovered in three years: 1638 with unknown cause, 1831 due to smallpox, corroborating a possible diagnosis of *osteomyelitis variolosa* in two ulnas, and 1834 which was caused either by cholera or typhoid fever. There were no differences in the responses of each sex, with the interviewees exhibiting interest in the study of the skeletal remains appealing, however, for them to stay in their village. Multidisciplinarity proved to be an invaluable instrument to obtain a more accurate image of Sertã and its former inhabitants. It is important to continue the study of this region, often overlooked by anthropologists.

Keyword: 16th to 19th centuries; Interviews; Biological Profile; Smallpox; Paleopathology.

1. Introdução

Os vestígios osteológicos humanos, e o seu contexto funerário, permitem a obtenção de informação sobre a biologia, o comportamento, a saúde e o bem-estar das populações do passado (Larsen, 2002; 2006). No entanto, há muita informação sobre uma população que não é possível obter apenas através do estudo dos esqueletos humanos, seja pela realização de estudos através de amostras, o que poderá influenciar a representatividade de idades ou sexos de uma população, seja pelo facto de várias patologias matarem muito rapidamente para provocar alterações nos ossos ou por apenas atingirem os tecidos moles (Roberts e Manchester, 2010). Para uma melhor compreensão das populações do passado, a interdisciplinaridade mostra-se indispensável, sendo importante a articulação do estudo antropológico do esqueleto com o seu contexto através do recurso à arqueologia, à história, à geografia e à antropologia social (Buzon, 2012) com a bioarqueologia, disciplina que articula essas várias áreas de maneira inovadora para complementar o conhecimento sobre as populações, a crescer no campo científico (Larsen, 2006).

Com base nesta abordagem, este trabalho terá uma vertente multidisciplinar, sendo estudada uma amostra osteológica proveniente do interior da Igreja Matriz da Sertã, recuperada durante as escavações arqueológicas de 2005, tendo sido, ainda, analisados os registos de óbitos preservados na paróquia da Sertã. Para complementar este estudo, foram realizadas entrevistas a populares sertaginenses. Os dados obtidos permitirão uma maior e mais fidedigna imagem sobre os habitantes do concelho da Sertã, designadamente dos últimos quatro séculos.

1.1. A Sertã e a sua matriz

O concelho da Sertã encontra-se no distrito de Castelo Branco, na região da Beira Baixa (Figura 1), sendo rodeado pelos municípios de Oleiros, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão Grande, Ferreira do Zêzere, Vila de Rei e Proença-a-Nova.

Tendo já pertencido aos Romanos e aos Mouros, a vila da Sertã e o território que hoje forma o seu concelho, foram doados por D. Afonso Henriques à Ordem do Templo no ano de 1169 e à Ordem do Hospital por D. Sancho I em 1194, onde toma um papel de relevo sendo considerada uma das mais antigas e importantes comendas desta ordem em Portugal, tendo sido o primeiro Capítulo Geral da Ordem do Hospital realizado na vila da Sertã (Teixeira, 1926; Farinha, 1930; Sabrosa e Henriques, 2015; Lopes, 2013).

Crê-se ter sido precisamente um prior da Ordem do Hospital a ordenar a construção da Igreja Matriz da Sertã, também denominada Igreja de São Pedro, no ano de 1404, data inscrita numa lápide no exterior da igreja (Figura 2), no que poderia ser o local de uma antiga ermida, com a finalidade de acolher o seu túmulo (Lopes, 2013; Sequeira, 2017). A existência de vários documentos que atestam a residência nesta localidade de Álvaro Gonçalves Camelo, prior da Ordem do Hospital de 1387 a 1419, aliada à descoberta no século XX da sua pedra tumular na Igreja Matriz da Sertã e de uma inscrição em calcário neste templo em que aparece o seu nome, consolidou a hipótese de que seria Álvaro Gonçalves Camelo o fundador da matriz. Antes desta descobertas era teorizado que a igreja teria sido construída por D. Nuno Álvares Pereira, condestável do reino e nascido no município da Sertã, com base na presença no templo de uma pedra gravada com a cruz floreada dos Pereira (Lima, 1730 *in* Teixeira, 1926; Azevedo, 1991 *in* Sequeira, 2017).



Figura 1 – Localização do concelho da Sertã (a vermelho) no mapa de Portugal. Adaptado de <http://www.terrasdeportugal.pt/serta> [Acedido a 01-10-2020].



Figura 2 – Inscrição em calcário no exterior da Igreja Matriz da Sertã com a imagem de uma sertã, abaixo lê-se: *E(ra) : D(e) : MIL : CCCC : XL : II : / FOI : FEITA : ESTA : I/G(r)EIA : A (h)ONRA : / DE SAM : PEDR(o) / E FEZEA : IOH / AN EANES : P(e) R / EIRO : DE OURÉM* (Barroca, 2000 em Sequeira, 2017: página 24). Foto cedida por Fernando Henriques.

Ao longo dos mais de 600 anos de história, a Igreja Matriz da Sertã foi alvo de diversas obras, como a ampliação para a acomodação da nova estrutura da Colegiada e a construção de capelas e altares, sendo praticamente impossível observar a sua estrutura original como é perceptível através de uma gravura de 1618 do arquiteto Tinoco (Figura 3) em que o traçado difere do atual (Teixeira, 1926; Lopes, 2013; Sequeira, 2017).

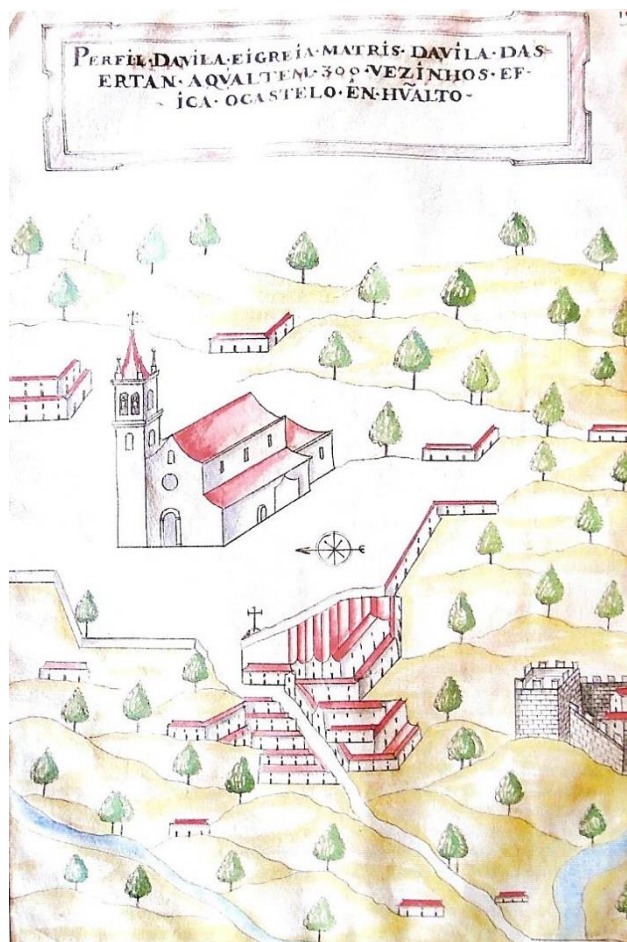


Figura 3 – Gravura de Tinoco retratando a Igreja Matriz da Sertã no ano de 1618. Adaptado de Lopes, 2013: página 79.

Atualmente a igreja, classificada como monumento nacional, apresenta exteriormente um aspeto de Renascimento pobre e no seu interior vigora a arquitetura Gótica, sendo constituída por uma planta longitudinal composta por três retângulos justapostos, encontrando-se o corpo da igreja dividido em três naves separadas por quatro arcos torais quebrados assentes em pilares cruciformes e tomam lugar dois altares laterais, um dedicado a Nossa Senhora do Rosário e o outro ao Espírito Santo (Teixeira, 1926; Sabrosa e Henriques, 2005; Lopes, 2013; Sequeira, 2017) (Figura 4). Existem ainda duas sacristias e duas capelas laterais (Sequeira, 2017).



Figura 4 – Exterior e interior da Igreja Matriz da Sertã. Esquerda: foto da autora. Direita: Foto cedida pelo Padre José António Gonçalves.

1.2. A escavação arqueológica

As obras de repavimentação da Igreja Matriz da Sertã, cujo objetivo consistia no rebaixamento do nível do solo em 20 centímetros, decorreram no ano de 2005 e foram acompanhadas pelos arqueólogos Armando Sabrosa e Fernando Henriques e pela antropóloga Cristina Cruz, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005). Os trabalhos arqueológicos foram executados de 23 a 28 de Abril desse ano e foi realizada uma escavação em área com base na previsível ocupação sepulcral do espaço (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005). A área da igreja foi dividida em quatro zonas diferentes (numeradas de um a quatro) de tamanho semelhante tendo sido, ainda, delimitada uma outra junto ao altar-mor, perpendicular às outras e de dimensões mais reduzidas designada por área cinco (Figura 5) (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005).

Foram exumados sete esqueletos dentro de caixões de madeira e um ossário delimitado como unidade estratigráfica, alcançando uma profundidade de 38 cm, que se estendia por todo o comprimento da igreja com uma maior concentração junto do altar-mor (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005).

Os vestígios ósseos exumados da Igreja Matriz foram posteriormente inumados no Cemitério Municipal da Sertã a 23 de Junho de 2005 tendo sido colocada uma laje de mármore com uma placa a identificar o local.

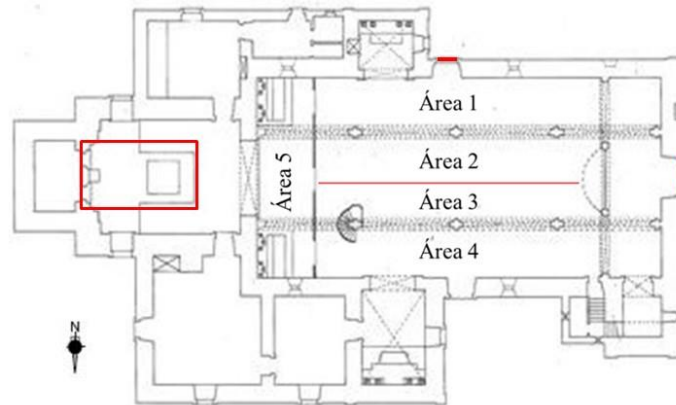


Figura 5 – Planta da Igreja da Sertã com as diferentes áreas intervencionadas. Encontram-se assinalados o altar-mor e as portas da igreja. Adaptado de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1 [Acedido em 07-04-2017].

1.3. Objetivos

O presente trabalho tem como principal objetivo contribuir para o conhecimento da história da Sertã e da população que aí habitou entre o final da Baixa Idade Média e a Idade Moderna inicial (séculos XV a XIX) através de três vertentes de pesquisa.

A primeira vertente consiste no estudo dos vestígios ósseos (com recurso ao seu contexto funerário e à análise paleodemográfica e paleopatológica) provenientes da escavação arqueológica realizada em 2005 na Igreja Matriz de São Pedro e exumados do Cemitério Municipal em 2017.

A segunda é referente à consulta dos registos de óbito da paróquia da Sertã, o que irá permitir a obtenção de informações mais detalhadas sobre a evolução ao longo dos séculos da mortalidade, das patologias que afetavam a população sertaginense e da existência de alguma diferença nos ritos funerários do defunto e do seu sepultamento originada pelas diferentes classes sociais. Estes dados irão possibilitar uma complementaridade das informações obtidas através dos vestígios ósseos que poucas vezes é executada mas que se afigura fundamental para o estudo de uma população.

Por fim, a realização de entrevistas junto dos habitantes da vila irá trazer uma nova visão, muitas vezes esquecida, sobre o trabalho do antropólogo, a visão daqueles mais próximos aos vestígios ósseos estudados, seja por estes pertencerem à memória coletiva da localidade em que habitam ou por serem descendentes daqueles a quem apenas restam os seus ossos. Os indivíduos de maior idade poderão, ainda, partilhar e esclarecer dúvidas quanto aos antigos rituais funerários na Sertã e crenças que os regia,

o que se afigura de grande importância, não só para este estudo mas para uma preservação do conhecimento para a posteridade.

2. Material e métodos

2.1. Vestígios osteológicos

A amostra osteológica estudada foi exumada do Cemitério Municipal da Sertã (Figura 6) a 29 de Novembro de 2017 após autorização por parte do pároco Daniel Santos Almeida e do Senhor Presidente da Câmara Municipal da Sertã, José Farinha Nunes. Contou com a presença da autora, da engenheira do ambiente da Câmara Municipal da Sertã, Dr.^a Ana Paula Gerales, do pároco Daniel Santos Almeida, dos coveiros do cemitério e do operador da retroescavadora utilizada para abrir a vala. Esta exumação teve lugar para a realização deste trabalho por ser considerado que seria uma oportunidade única para se recuperar uma parte da história da vila. É importante realçar que não foi possível a exumação de todos os vestígios ósseos que haviam sido exumados da igreja, quer por reaproveitamento do espaço do cemitério para novas sepulturas quer pela fragmentação óssea apresentada.



Figura 6 – Entrada do Cemitério Municipal da Sertã. Foto da autora.

Os vestígios osteológicos estariam acondicionados em sacos pretos quando foram colocados no cemitério no ano de 2005, porém, estes tinham-se degradado tendo sido encontrado apenas escassos vestígios destes (Figura 7). Alguns sacos transparentes mais pequenos, que estariam dentro dos sacos acima referidos e que continham os ossos que se encontravam em articulação dentro de caixões, foram recuperados.

Durante a exumação, os vestígios osteológicos foram colocados em sacos pretos de 100 litros, num total de sete sacos, tendo sido posteriormente limpos com recurso a escovas e finalmente acondicionados em caixas de plástico. Procedeu-se à marcação das peças ósseas, com exceção dos pequenos fragmentos, com caneta de acetato sobre uma

camada de verniz transparente com o acrónimo IMS-2005-N, sendo IMS correspondente ao local de inumação primário dos vestígios osteológicos em estudo, a Igreja Matriz da Sertã, seguido do ano da escavação na Igreja Matriz e N identificando o número atribuído à peça óssea. O estudo decorreu no próprio Cemitério Municipal da Sertã num edifício cedido pelas entidades responsáveis.



Figura 7 – Restos de sacos transparentes e um dos sacos preto em que foram acomodados os vestígios ósseos no Cemitério Municipal da Sertã. Foto da autora.

A amostra exumada encontrava-se muito fragmentada, devido à destruição *post-mortem*, com poucos ossos longos a preservarem as suas epífises e apenas algumas peças ósseas estavam totalmente preservadas.

Sendo a amostra constituída por ossos desarticulados, o cálculo do número mínimo de indivíduos (NMI) foi realizado com recurso ao método de Hermann *et al.* (1990 adaptado por Silva, 1993) aplicado aos ossos longos. Para o estudo paleodemográfico da amostra foram estimados o sexo e a idade à morte. No caso da diagnose sexual foram utilizados métodos morfológicos, com base nas recomendações de Ferembach *et al.* (1980) e de Buikstra e Ubelaker (1994) para o crânio e para o osso ilíaco, e métricos, com recurso ao método desenvolvido para os pontos de cisão dos ossos longos por Wasterlain (2000), tendo-se optado pelas medidas do fémur e do úmero pela maior fiabilidade que permitem graças a um maior dimorfismo destes ossos. Para estimar a idade à morte nos adultos foram utilizados os métodos de Lovejoy *et al.* (1985) para a metamorfose na superfície auricular e Suchey e Brooks (1990) para as alterações na sínfise púbica do osso ilíaco. Para estimar a idade à morte nos não-adultos recorreu-se à fusão epifisária dos ossos longos descrita por Ferembach *et al.* (1980) e Scheuer e Black (2000), à calcificação e erupção dentária de acordo com Ubelaker

(1989) e à medição do comprimento da diáfise por Schaefer *et al.* (2009) e Fazekas e Kósa (1978) para a fíbula. Para manter a uniformidade dos dados obtidos através dos vestígios ósseos e dos registos paroquiais, foram definidas classes etárias com base em Buikstra e Ubelaker (1994) e adaptadas para o presente estudo (Tabela 1).

Tabela 1 – Classes etárias utilizadas para a estimativa de idade à morte e para os registos de óbito Adaptado de Buikstra e Ubelaker, 1994.

Intervalo Etário	
Feto	<0[
1ª Infância	[0-3[
2ª Infância	[3-12[
Adolescência	[12-18[
Jovem Adulto	[18-35[
Adulto	[35-55[
Idoso	[55<

Para a análise morfológica dos vestígios ósseos da amostra foi efetuado o cálculo da estatura dos adultos aplicando o método de Olivier *et al.* (1978) e Mendonça (2000) para o úmero e para o fémur. Foram também examinados caracteres não-métricos, ou discretos, tendo sido estudada a sua frequência. Para o esqueleto craniano (Tabela 2) foram seguidas as descrições definidas por Hauser e De Stefano (1989) e para o esqueleto pós-craniano (Tabela 3) foram tomadas as recomendações de Finnegan (1978).

Tabela 2 – Caracteres discretos estudados no esqueleto craniano Adaptado de Hauser e De Stefano, 1989.

Crânio	Mandíbula
Sutura metópica	
Sutura supranasal	
Osso sutural lambdoide	
Osso sutural coronal	
Osso sutural sagital	
<i>Ossiculum</i> no ptérion	<i>Foramina mentalia</i> duplos
<i>Ossiculum</i> no bregma	Ponte mielohióide
<i>Ossiculum</i> no lambda	<i>Torus</i> mandibular
<i>Ossiculum</i> no asterion	
<i>Foramina</i> infra-orbitários acessórios	
<i>Foramina</i> supra-orbitários	
<i>Torus</i> palatino	
<i>Foramina</i> parietais ausentes	

Tabela 3 – Caracteres discretos estudados no esqueleto craniano Adaptado de Finnegan, 1978.

Caracter Discreto	
Escápula	<i>Os acromial</i> Forâmen supraescapular
Úmero	Abertura septal Processo supracondilóide
Íliaco	Prega acetabular Terceiro trocânter Fossa de Allen
Fémur	Faceta de Poirier Placa Fossa hipotrocânteriana
Tíbia	Faceta de agachamento medial Faceta de agachamento lateral
Talus	<i>Os trigonum</i> Faceta talar medial Extensão talar lateral Superfície articular inferior talar
Calcâneo	Faceta dupla anterior Faceta anterior ausente Tubérculo peronial

Para a análise paleopatologia da amostra, recorreu-se à observação macroscópica das peças ósseas e à sua posterior descrição tendo sido realizado o diagnóstico diferencial sempre que possível.

2.2. Registos paroquiais

Os registos paroquiais da Sertã encontram-se disponíveis no Centro Paroquial da Sertã para os anos anteriores a 1833 e no website do da Torre do Tombo (<https://tombo.pt/f/srt12>) para os anos posteriores.

Atendendo ao elevado número de registos existentes, a análise foi efetuada por amostragem. Assim, foram consultados os assentos de óbito dos primeiros cinco anos de que há registos, de agosto de 1593 a 1597, nos séculos XVII e XVIII foram examinados, respetivamente, os anos 1636 a 1640 e 1736 a 1740, visto serem as únicas datas similares em que os livros de registos se preservaram e em que a escrita é facilmente decifrável, e os últimos cinco anos em que ocorreram sepultamentos no interior da Igreja Matriz da Sertã, 1830 a 1834, sendo a última inumação datada de Agosto desse ano (Figura 8).

Para a consulta dos assentos de óbito dos registos paroquiais mostrou-se imprescindível o recurso a um dicionário da mesma época como o *Vocabulario portuguez e latino* (Bluteau, 1712) para consulta de termos atualmente em desuso, como por exemplo a designação de algumas causas de morte.

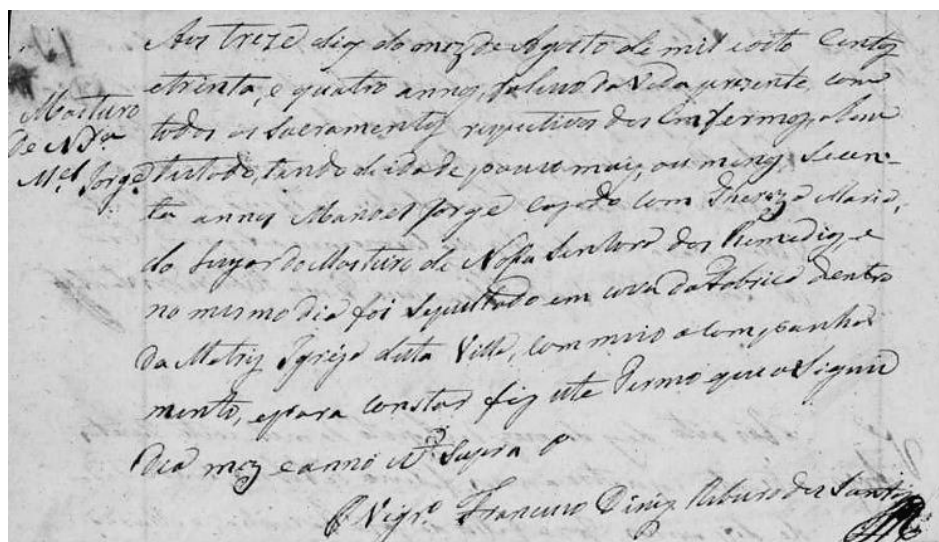


Figura 8 – Último assento de óbito com local de enterramento dentro da Igreja Matriz da Sertã. Adaptado de <http://digitarq.adctb.arquivos.pt/viewer?id=1050750> [Acedido em 23-03-2018].

Os dados retirados foram: data, nome, idade, estado civil, cônjuge, morada, progenitores, causa de morte e local de enterramento. Estes foram inseridos no Microsoft Excel 2010 e posteriormente estudados, através de análise estatística, com recurso ao programa IBM SPSS 25. Foi utilizado o teste χ^2 (Qui-Quadrado) e, para definir os limites de rejeição da hipótese nula, o nível de significância (p) utilizado foi de 0,05.

2.3. Entrevistas

Foram entrevistados seis indivíduos, três do sexo masculino e três do feminino, com idades compreendidas entre os 24 e os 88 anos (com uma média de 59,8 anos e um desvio padrão de 25,95) naturais e moradores na freguesia da Sertã (sendo que os indivíduos de 24 anos nasceram em hospitais fora da freguesia) (Tabela 4).

Para a realização de uma entrevista semiestruturada foi preparado um guião com perguntas comuns a todos os entrevistados acerca da sua opinião sobre a exumação e o estudo dos vestígios osteológicos descobertos na Igreja Matriz da Sertã (Tabela 5,

números 1-4) e três destinadas aos quatro indivíduos de maior idade (Tabela 5, números 5-7).

Tabela 4 – Indivíduos entrevistados neste estudo. Os nomes foram alterados para preservar o anonimato.

	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão
Ana	Feminino	80	Ensino Básico	Reformada
Antônio	Masculino	71	Ensino Secundário	Reformado
Beatriz	Feminino	88	Ensino Básico	Reformada
Bernardo	Masculino	72	Ensino Superior	Reformado
Carla	Feminino	24	Ensino Secundário	Esteticista
Carlos	Masculino	24	Ensino Superior	Trabalhador independente

Tabela 5 – Guião de perguntas colocadas aos entrevistados.

- 1 Teve conhecimento das obras levadas a cabo na Igreja Matriz no ano de 2005 e consequente escavação arqueológica?
- 2 Teve conhecimento das ossadas retiradas da Igreja e reenterradas no Cemitério Municipal?
- 3 O que acha de terem sido retiradas as ossadas da Igreja?
- 4 Qual a sua opinião sobre as ossadas serem estudadas? Porquê?
- 5 Ouviu falar de outro cemitério na vila da Sertã que não o atual?
- 6 Recorda-se de serem encontradas ossadas no adro da Igreja Matriz?
- 7 Como eram os velórios e os enterros quando era jovem?

Foi utilizado um gravador e as entrevistas foram posteriormente transcritas para o Microsoft Word 2010. Com o objetivo de proteger a identidade dos entrevistados os nomes foram alterados.

Além das entrevistas, foram realizadas conversas informais com outros habitantes da Sertã sobre os antigos locais de inumação na vila.

3. Resultados e discussão

3.1. Vestígios osteológicos

3.1.1. Antropologia funerária

Os sete indivíduos em inumações primárias recuperados da Igreja Matriz da Sertã encontravam-se em decúbito dorsal e com uma orientação Oeste-Este, comum em enterramentos cristãos (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005), num esquife de madeira de pinho, com a área da cabeça e dos ombros mais larga que a dos pés (Figura 9), apresentando vestígios de cal e uma camada de palha entre o caixão e o esqueleto (Figura 10) (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005). Segundo estes autores, os enterramentos de não-adultos possuíam folhas de fetos aglomeradas na cabeceira e Sabrosa e Henriques (2005) referem que “[p]alha e fetos no interior dos caixões traduzem simbologia de preocupação e conforto pós-morte, última dádiva de um mundo físico que se adivinha como essencialmente rural, povoado por gentes de poucas posses [...]”. Eram ainda visíveis os sinais de corte no substrato rochoso para o encaixe dos caixões (Figura 11), permitindo o aproveitamento do solo disponível (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005).



Figura 9 – Sepultura 4 após exumação sendo observável o esquife antropomórfico. Imagem cedida por Fernando Henriques.

Na Área 1 apenas foi encontrado um ossário, de maior concentração na zona mais próxima do altar, com a sua distribuição a indicar uma possível tentativa de constituir uma camada de nivelamento (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005).

Também a Área 3 apresentava uma camada de ossos dispersos e, embora fossem as únicas áreas sem esquifes à superfície, são visíveis os contornos de valas de enterramento (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005).



Figura 10 – Sepultura 4 durante a exumação. É visível a palha entre o indivíduo e o caixão. Imagem cedida por Fernando Henriques.



Figura 11 – Sepultura 1 depois da escavação sendo observável o corte na camada rochosa. Imagem cedida por Fernando Henriques.

Na Área 2, além de uma camada de ossos dispersos, foram encontradas seis sepulturas *in situ*, organizadas e sucessivas, lado a lado, com valas de enterramento bem visíveis, porém apenas três foram intervencionadas (sepultura 1, 3 e 4) por se encontrarem acima do nível proposto para o assentamento de brita (Cruz, 2005; Sabrosa

e Henriques, 2005). Na Área 4 foi encontrada uma sepultura embora sem ossos em articulação (sepultura 2), o que poderá estar relacionado com os distúrbios resultantes da construção do púlpito da igreja, de origem renascentista (Teixeira, 1926; Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005; Sequeira, 2017).

A área 5 encontra-se junto ao altar-mor e caracteriza-se por só terem sido encontrados vestígios ósseos de não-adultos, facto atribuído pelos arqueólogos e pela antropóloga às “ [...] *as menores dimensões e o recurso pragmático de utilização do exíguo espaço, associada à relação inocência / proximidade divina.*” (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005). Nesta área foram encontradas dez sepulturas tendo sido escavadas quatro delas (sepultura 5, 6, 7 e 8) (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005). Quanto ao espólio recuperado, a maior parte recolhidos do ossário, foram identificados fragmentos de azulejo policromáticos (séc. XVII), similares aos existentes nas paredes da igreja, restos de vestimenta (como mortalhas, véus, fivelas e calçado), terços, cruces latinas em madeira e em cobre, botões, dois numismas (apenas foi possível datar uma delas pertencendo esta à segunda metade do séc. XVIII), entre outros (Anexo A) (Cruz, 2005; Sabrosa e Henriques, 2005).

Os dados recolhidos sobre os indivíduos em inumação primária encontram-se reunidos na Tabela 6 (Cruz, 2005).

Tabela 6 – Dados recolhidos sobre os indivíduos exumados da Igreja Matriz da Sertã.

		Diagnóstico Sexual	Estimativa de Idade	Espólio
Área 1	Sem sepulturas <i>in situ</i>			
	Sepultura 1	Feminino	55,48 ± 15,48	Mortalha, laços de fita na zona das mãos e das pernas
Área 2	Sepultura 3	Feminino	59,42 ± 15,48	Mortalha, véu, alfinete
	Sepultura 4	Masculino	Indeterminado	Roupa na zona do tórax, laço de fita a envolver as mãos
Área 3	Sem sepulturas <i>in situ</i>			
Área 4	Sepultura 2	Sepultura com vestígios ósseos em desarticulados de 1 ou mais indivíduos		
	Sepultura 5	Indeterminado	7,3 - 13	Solas de sapatos
Área 5	Sepultura 6	Indeterminado	2 - 8	Sem espólio
	Sepultura 7	Indeterminado	6,5 - 10	Mortalha, alfinetes
	Sepultura 8	Indeterminado	<2,5	Sem espólio

3.1.2. Paleodemografia

A análise do NMI através dos ossos longos permitiu estimar um mínimo de 40 indivíduos adultos e de 17 não-adultos na amostra estudada, tendo estes valores sido obtidos, respetivamente, através do número de úmeros e fémures direitos (Tabela 7).

Tabela 7 - Número mínimo de indivíduos adultos e não-adultos obtidos para esta amostra através dos ossos longos.

Peça Óssea	Adulto		Não-Adulto	
	Esquerdo	Direito	Esquerdo	Direito
Úmero	27	40	13	9
Ulna	17	15	7	4
Rádio	12	14	1	4
Fémur	21	23	9	17
Tíbia	17	25	9	10
Fíbula	8	5	5	4

Os métodos para a estimativa do sexo foram passíveis de serem aplicados a 59,09% (26/44) dos fragmentos cranianos pertencentes a adultos, dos quais é verificável que 73,08% (19/26) seriam de indivíduos do sexo masculino e 15,38% (4/26) do feminino (Figura 12). Três fragmentos ósseos foram considerados pertencentes a indivíduos de sexo indeterminado. No caso dos úmeros estimou-se o sexo de 61,76% (42/68) da amostra, com 23,81% (10/42) relativos indivíduos masculinos e os restantes 76,19% (32/42) a femininos. De 33 fragmentos do osso ilíaco, foi exequível a diagnose sexual de 90,90% (30/33) deles sendo observável que 56,67% (17/30) pertencem a indivíduos masculinos, 40% (12/30) a indivíduos do sexo feminino e 3,33% (1/30) de sexo indeterminado. Foi ainda estimado o sexo de 21,28% (10/47) dos fémures presentes na amostra, todos estes pertencentes a indivíduos do sexo feminino.

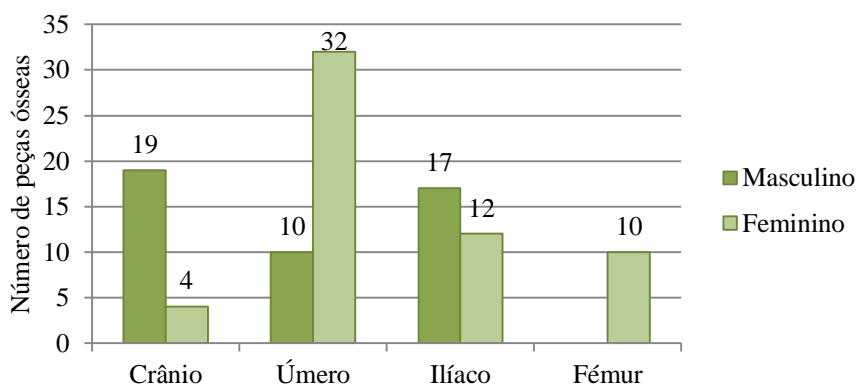


Figura 12 - Diagnose sexual das peças ósseas pertencentes a adultos na amostra.

Foi possível estimar a idade à morte dos indivíduos não-adultos com recurso a 124 peças ósseas (Figura 13), 16,13% (20/124) através da erupção e calcificação dentária, 25,81% (32/124) com recurso à medição da diáfise e os restantes 58,07% (72/124) por via da união epifisária. Nesta amostra, determinou-se a presença de um total de dez peças ósseas pertencentes a fetos, 21 ossos pertenciam a indivíduos com uma idade compreendida entre os zero e os três anos, 76 peças ósseas pertenceriam a indivíduos na segunda infância, isto é, entre os três e os 12 anos e os restantes 17 a indivíduos entre os 12 a 18 anos. O indivíduo mais jovem desta amostra teria entre 24 a 28 semanas de gestação, idade estimada através de uma fíbula direita (Figura 14). A presença de ossos pertencentes a fetos dentro do espaço da Igreja Matriz da Sertã vai de encontro ao que reporta Codinha (2008) na Capela do Castelo em Vila Velha de Rodão, a cerca de 40 km da Sertã. Na Ermida do Espírito Santo de Almada foi também descrita a presença de fetos no interior da igreja (Curate *et al.*, 2015).

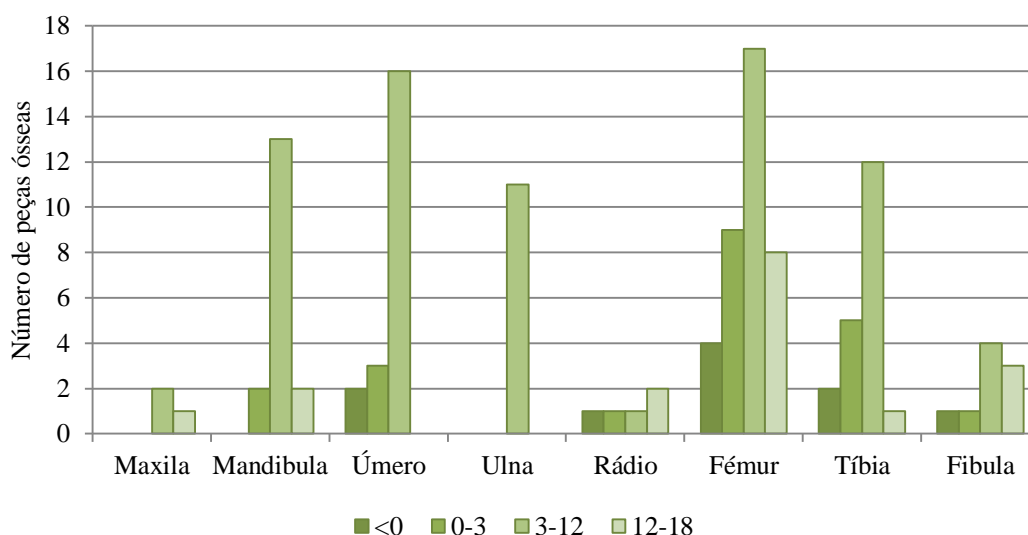


Figura 13 - Idade à morte estimada para as peças ósseas pertencentes a não-adultos na amostra.



Figura 14 – Fíbula (IMS-2005-400) pertencente a um indivíduo com idade estimada entre 24 a 28 semanas de gestação.

Nos adultos, conseguiu-se estimar a idade à morte em 55,88% (19/34) dos fragmentos pertencentes ao osso íliaco (Figura 15). Os resultados apresentam uma predominância de peças ósseas pertencentes a indivíduos com uma idade compreendida entre os 35 e os 55 anos, com 78,95% (15/19) dos indivíduos a integrarem essa classe etária sendo 73,33% (11/15) do sexo masculino e 26,67% (4/15) do sexo feminino. Os restantes 21,05% (4/19) pertencem a indivíduos com uma idade superior a 55 anos, sendo apenas um indivíduo do sexo masculino e os restantes 75% (3/4) do sexo feminino. Nenhuma peça óssea pertencia à classe dos jovens adultos (idade entre os 18 e os 35 anos). Estes dados são similares às idades obtidas por Cruz (2005) para os enterramentos *in situ* na Igreja Matriz da Sertã.

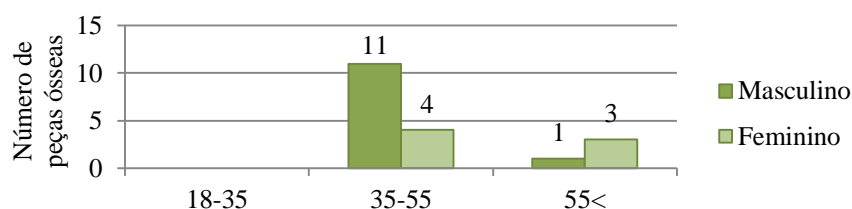


Figura 15 - Idade à morte em anos estimada para os ílacos pertencentes a indivíduos adultos na amostra.

3.1.3. Morfologia

O cálculo da estatura foi passível em dez dos 68 (14,71%) úmeros da amostra (Tabela 8), e a três fêmures de um total de 47 (6,38%). Dos dez úmeros, nove pertenciam a indivíduos do sexo feminino, tendo as estaturas estimadas um valor mínimo de $144,46 \pm 7,1$ cm, um máximo de $158,97 \pm 7,1$ cm e uma média de $151,84 \pm 7,1$ cm através do método de Olivier *et al.* (1978). Com base nas equações propostas por Mendonça (2000), os resultados foram ligeiramente superiores: mínima $145,79 \pm 7,70$ cm, máxima $160,19 \pm 7,70$ cm e média $153,11 \pm 7,70$ cm.

No caso dos fêmures, apenas num tinha sido possível estimar o sexo, como consequência, nos restantes dois foram calculadas estaturas com recurso às equações para ambos os sexos encontrando-se os resultados expressos na Tabela 9. Comparando com os resultados obtidos para a população de Tomar (Curto, 2011; Gonçalves, 2011) que, embora se encontre relativamente perto geograficamente, se trata de uma cidade, é verificável a estatura mais baixa da população rural da Sertã (em média, três cm no caso do sexo feminino e 11 cm no masculino).

Quanto aos caracteres discretos cranianos (Tabela 10), é observável que 100% (5/5) dos parietais esquerdos e direitos não possuíam *foramina* parietais sendo este o caracter mais frequente nos ossos pares, ao passo que, nos ossos ímpares, a maior percentagem pertence ao *ossiculum* no *lambda* com 20% (1/5). No que diz respeito aos caracteres discretos pós-cranianos (Tabela 11), o tubérculo peronial está presente em 50% (1/2) dos calcâneos direitos observados estando também neste osso a segunda percentagem mais elevada, com 30% (3/10), correspondendo à faceta dupla anterior. O maior número de observações realizadas corresponde à abertura septal, com 85 observações no total, estando presentes em 20% (7/35) dos úmeros direitos e em 18% (9/50) dos esquerdos (Figura 16). No caso deste caracter, sete estavam presentes em úmeros de indivíduos femininos, dois do sexo masculino e sete em indivíduos de sexo indeterminado.

Tabela 8 - Cálculo da estatura através do úmero segundo Mendonça (2000) e Olivier et al. (1978).

Peça Óssea	Lateralidade	Sexo	Mendonça (2000)	Olivier et al. (1978)
			Úmero (Máx)	Úmero (Máx)
IMS.2005.110	Direito	F	145,79±7,70	144,46±7,1
IMS.2005.112	Direito	F	160,19±7,70	158,97±7,1
IMS.2005.114	Direito	F	153,76±7,70	152,49±7,1
IMS.2005.115	Esquerdo	F	158,66±7,70	157,43±7,1
IMS.2005.116	Direito	F	153,76±7,70	152,49±7,1
IMS.2005.117	Direito	F	153,45±7,70	152,18±7,1
IMS.2005.118	Direito	F	151,31±7,70	150,01±7,1
IMS.2005.120	Esquerdo	M	151,27±8,44	153,85±7,9
IMS.2005.123	Direito	F	151,00±7,70	149,71±7,1
IMS.2005.211	Esquerdo	F	150,08±7,70	148,78±7,1

Todos os resultados são expressos em cm.

Tabela 9 - Cálculo da estatura através do fémur segundo Mendonça (2000) e Olivier et al. (1978).

Peça Óssea	Lateralidade	Sexo	Mendonça (2000)		Olivier et al. (1978)
			Fémur (cf)	Fémur (máx)	Fémur (cf)
IMS.2005.4	Esquerdo	F	157,61±5,92	157,65±5,96	158,23±6,98
IMS.2005.6	Esquerdo	M	176,07±6,90	176,82±6,96	175,48±6,82
		F	173,15±5,92	173,22±5,96	171,65±6,98
IMS.2005.27	Direito	M	160,09±6,90	160,88±6,96	161,13±6,82
		F	158,58±5,92	159,06±5,96	159,07±6,98

Todos os resultados são expressos em cm.

Tabela 10 - Frequência dos caracteres discretos cranianos na amostra.

Caracter Discreto	Esquerdo			Direito		
	N	n	%	N	n	%
<i>Foramina</i> parietais ausentes	5	5	100%	5	5	100%
<i>Foramina</i> infra-orbitários acessórios	6	1	16,67%	2	0	0%
<i>Foramina</i> supra-orbitários	8	1	12,50%	10	1	10%
<i>Ossiculum</i> no <i>asterion</i>	5	1	20%	5	1	20%
<i>Torus</i> palatino	1	0	0%	2	0	0%
Osso sutural coronal	5	1	20%	6	0	0%
Osso sutural sagital	7	1	14,28%	9	0	0%
Osso sutural lambdoide	4	0	0%	5	0	0%
<i>Ossiculum</i> no ptérior	4	0	0%	4	0	0%
<i>Foramina</i> mentalia duplos	34	0	0%	40	0	0%
Ponte mielohióide	17	0	0%	18	0	0%
<i>Torus</i> mandibular	25	0	0%	34	0	0%

Caracter Discreto	Impares		
	N	n	%
<i>Ossiculum</i> no <i>lambda</i>	5	1	20%
Sutura metópica	12	1	8,33%
<i>Ossiculum</i> no bregma	10	0	0%
Sutura supranasal	12	2	16,67%

N – N° total de observações realizadas; n – Número de casos observados.

Tabela 11 - Frequência dos caracteres discretos pós-cranianos na amostra.

Caracter Discreto	Esquerdo			Direito		
	N	n	%	N	n	%
Os acromial	6	0	0%	7	0	0%
<i>Forâmen</i> supra escapular	5	0	0%	8	0	0%
Abertura septal	50	9	18%	35	7	20%
Processo supracondilóide	39	0	0%	24	0	0%
Terceiro trocânter	17	1	5,94%	18	0	0%
Fossa hipotrocantérica	15	0	0%	17	0	0%
Faceta de Poirier	4	0	0%	9	0	0%
Fossa de Allen	4	1	25%	9	1	11,11%
Placa	4	0	0%	8	0	0%
Faceta de agachamento medial	4	0	0%	4	0	0%
Faceta de agachamento lateral	4	0	0%	3	0	0%
Prega acetabular	4	0	0%	11	1	9,09%
<i>Os trigonum</i>	10	0	0%	12	0	0%
Faceta talar medial	14	3	21,43%	13	1	7,70%
Extensão talar lateral	13	2	15,38%	14	2	14,29%
Superfície articular inferior talar	12	2	16,67%	11	2	18,18%
Faceta dupla anterior	10	3	30%	4	1	25%
Faceta anterior ausente	7	0	0%	3	0	0%
Tubérculo peronial	2	1	50%	0	0	0%

N – N° total de observações realizadas; n – Número de casos observados.



Figura 16 – Abertura septal em dois úmeros esquerdos e dois direitos. Da esquerda para a direita: IMS-2005-210, IMS-2005-151, IMS-2005-111 (todos em norma anterior) e IMS-2005-119 (em norma posterior).

3.1.4. Paleopatologia

Patologia traumática

Foram encontrados quatro casos de patologia traumática nesta amostra:

O rádio direito de um adulto de sexo indeterminado exhibe uma fratura consolidada na extremidade distal (IMS-2005-182) (Figura 17). Trata-se de uma fratura transversa, neste caso uma fratura de Colles, com deslocação e angulação posterior da epífise distal do rádio. Não existem sinais da artrite pós-traumática descrita por diversos autores, citados por Mays (2006) e Nellans *et al.* (2012), neste tipo de fratura. A perda de mobilidade e funcionalidade do pulso e a sua deformação, aliadas à presença de dor crónica na zona afetada, são algumas das consequências da consolidação desta fratura fora da sua posição anatómica (Sternbach, 1985; Mays, 2006; Nellans *et al.*, 2012; Koztowski e Witas, 2016; MacIntyre e Dewan, 2016). Embora a fratura de Colles seja uma das fraturas mais comuns em indivíduos com osteoporose (Queiroz, 1996; Silva, 2004; Mays, 2006; Kanis *et al.*, 2008; Nellans *et al.*, 2012; MacIntyre e Dewan, 2016; Brickley e Mays, 2019), uma análise macroscópica não permitiu encontrar sinais desta patologia neste rádio o que, no entanto, não inviabiliza a sua presença.

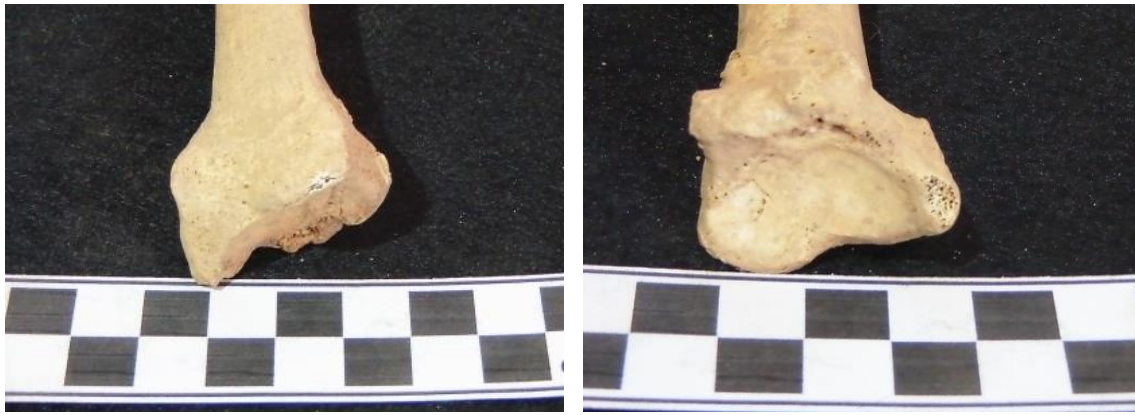


Figura 17 - Extremidade distal do rádio direito (IMS-2005-182) exibindo uma fratura de Colles. Esquerda: norma posterior. Direita: norma anterior.

A fíbula esquerda pertencente a um indivíduo adulto de sexo indeterminado (IMS-2005-207) apresenta, no terço distal, evidência de uma fratura oblíqua consolidada, com osso lamelar, e com deslocação lateromedial (Figura 18). Este tipo de fratura é das menos comuns e, segundo a clínica, ocorre quando uma força rotacional exterior é aplicada a um pé em pronação (Herscovici Jr. *et al.*, 2008).



Figura 18 - Fíbula esquerda (IMS-2005-207) com fratura oblíqua no terço distal. Esquerda: norma medial. Direita: norma lateral.

Foi também encontrada uma fratura que resultou na destruição completa da epífise proximal de um osso longo (IMS-2005-233), provavelmente de um úmero esquerdo, sendo impossível retirar mais informações devido aos danos *post-mortem* sofridos pela peça óssea (Figura 19).

Um fêmur esquerdo pertencente a um adulto de sexo indeterminado (IMS-2005-206) apresenta uma fratura consolidada, com calo ósseo abundante e bem organizado, na metade distal da diáfise com deslocação ântero-lateral da metade proximal (Figura 20). A destruição *post-mortem* das extremidades proximal e distal do fêmur não permite a verificação da existência de alterações consequentes da fratura. Não existem sinais

macroscópicos de osteoporose nem de atrofia do osso o que sugere uma continuação do membro afetado.



Figura 19 - Extremidade proximal de um osso longo (IMS-2005-233) com fratura. Esquerda: norma medial. Direita: norma anterior.



Figura 20 - Fémur (IMS-2005-233) com uma fratura a meio da diáfise. Esquerda, em cima: norma lateral. Esquerda, em baixo: norma medial. Direita: norma anterior.

Uma das possíveis razões para as lesões traumáticas encontradas, além de se tratar de uma população rural, mais suscetível a acidentes, poderá ser o facto do concelho da Sertã estar situado entre vales marcados com zonas de uma orografia muito acidentada com altitudes entre os 100 e os 1084 metros (Lopes, 2013).

Patologia infecciosa

Em quatro tíbias, três direitas e uma esquerda, é visível osso de aparência lamelar na metade distal das diáfises (Figura 21), sendo que nas tíbias direitas a formação de osso novo encontra-se na face lateral ao passo que, na esquerda, se encontra na medial. A formação de osso novo na diáfise da tíbia é das lesões mais comuns observadas em paleopatologia, tendo sido apontado a sua proximidade à pele, a estagnação do sangue nos membros inferiores e a menor densidade de tecidos moles ao seu redor como uma causa para essa prevalência (Roberts e Manchester, 2010; Weston, 2016; Roberts, 2019). A grande fragmentação das peças ósseas e a ausência de outros vestígios pertencentes ao mesmo indivíduo impossibilitam a realização de um diagnóstico.



Figura 21 - Diáfises de duas tíbias direitas apresentando osso lamelar. Esquerda: (IMS-2005-199), norma lateral. Direita: (IMS-2005-202), norma lateral.

Foi recuperado um fragmento ósseo (Figura 22) com uma elevada fragilidade, pertencente a uma diáfise, exibindo formação de osso *woven*, tratando-se, assim, de uma lesão ativa no momento da morte, e com osso trabecular no canal medular. É também observável um aumento do perímetro da diáfise. Como diagnóstico diferencial foram consideradas patologias de carácter infeccioso como a osteomielite, tal como foi reportado por Ribeiro *et al.* (2012) num fémur exumado do adro da Sé Catedral de Castelo Branco, no entanto, neste fragmento de osso longo não está visível a cloaca, patognomónica desta patologia (Ortner, 2016; Roberts, 2019), sendo necessário o resto da peça óssea para comprovar ou rejeitar esse diagnóstico. Também a sífilis foi tida em consideração por se enquadrar nas lesões encontradas (Roberts e Buikstra, 2019) estando ainda presente na população sertaginense durante a primeira metade do século XX (Direcção Geral de Saúde, 1931).



Figura 22 - Fragmento de osso longo com abundante de osso *woven*.

Em duas ulnas, uma esquerda (IMS-2005-261) e uma direita (IMS-2005-260) de semelhante tamanho, é observável um aumento de largura da chanfradura troclear e formação óssea reativa que se estende até à tuberosidade ulnar na ulna direita (Figura 23). Em ambas as peças ósseas só se encontram preservadas as extremidades proximais. O tipo de lesões é compatível com as descritas por Darton *et al.* (2013) (embora num grau menos severo), Davidson e Palmer (1963), Andrews e Jayan (2011) e Grauer e Roberts (2019), o que sugere um quadro de *osteomielite variolosa*, sendo a articulação úmero-ulnar a mais suscetível de ser afetada e começando a formação óssea entre poucos dias a quatro semanas depois dos primeiros sintomas. A varíola teve vários surtos no concelho da Sertã, como será possível verificar com recurso aos registos paroquiais mais à frente (subcapítulo 3.2).

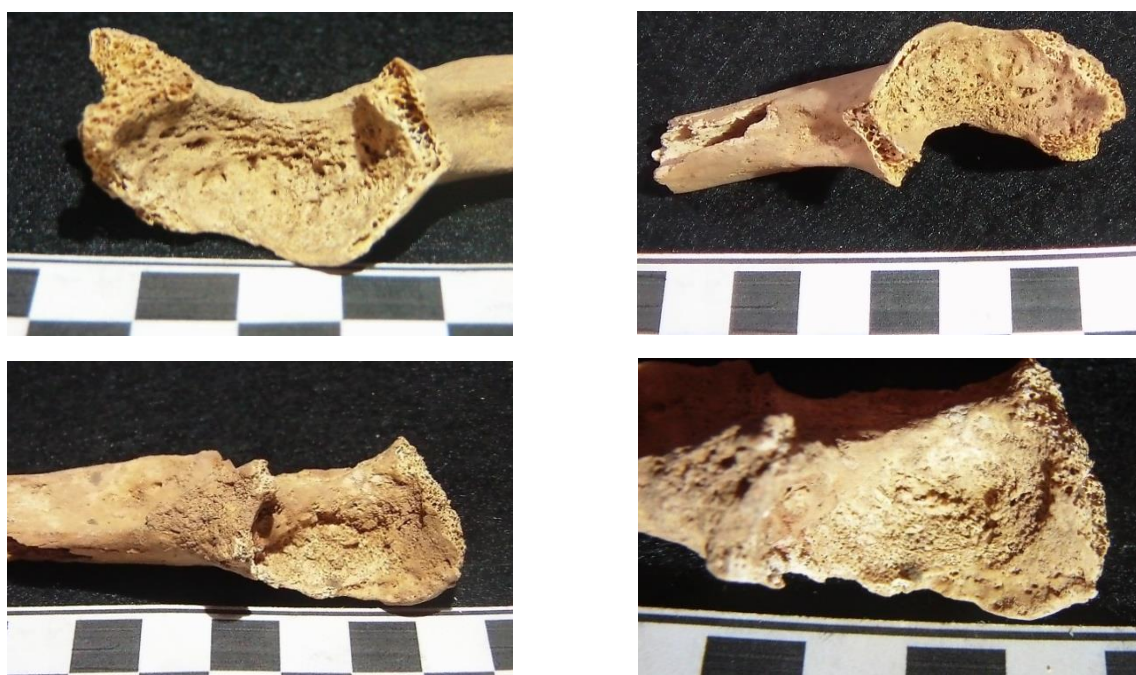


Figura 23 - Extremidade proximal da ulna com formação óssea na chanfradura troclear. Em cima: (IMS-2005-260), norma anterior. Em baixo: (IMS-2005-261), norma anterior.

Patologia articular

Foram recuperadas algumas vértebras (Figura 24) pertencentes a um dos enterramentos *in situ* (sepultura 4 na Área 2) concernente a um indivíduo adulto do sexo masculino. Cruz (2005; 2008; 2009) refere que este indivíduo apresentava fusão das vértebras C3 a L4, das articulações costovertebrais das vertebrae T4, T5 e T6, e do sacro com o íliaco esquerdo (Figura 25).



Figura 24- Vértebras recuperadas do indivíduo da sepultura 4 com fusão vertebral. Norma anterior.



Figura 25 - Esquerda: Coluna vertebral do indivíduo da sepultura 4 com fusão vertebral. Direita: Fusão da sacroilíaca esquerda no indivíduo da sepultura 4. Imagens retiradas de Cruz, 2008.

Tanto a espondilite anquilosante como a hiperosteose idiopática difusa (DISH) são apontadas como possíveis diagnósticos (Cruz, 2005; Cruz, 2008; Cruz, 2009). A espondilite anquilosante ocorre maioritariamente em indivíduos do sexo masculino na 2ª ou 3ª década de vida, ambos concordantes com o indivíduo em questão, e existe

predisposição genética para a presença da patologia (Queiroz, 1996; Silva, 2004; Fauci e Langford, 2009a; Roberts e Manchester, 2010; Waldron, 2019). Ambas as patologias afetam a coluna vertebral, ocorrendo a fusão de vértebras, com o DISH a preservar os espaços discais e a apresentar calcificações apenas no lado direito das vértebras torácicas com o típico aspeto de cera de vela, podendo afetar os dois lados na zona lombar, enquanto a espondilite anquilosante ocorre de forma ascendente, com as vértebras lombares a serem atingidas primeiro, provoca alteração da forma das vértebras e provoca cifoses, com limitação da mobilidade e possível imobilização total da coluna (Queiroz, 1996; Silva, 2004; Roberts e Manchester, 2010; Waldron, 2016; Waldron, 2019). A fusão das articulações sacroilíacas ocorre na espondilite anquilosante, de forma bilateral e simétrica, não existindo no DISH, embora, nesta, possa ocorrer a ossificação dos ligamentos sacroilíacos (Queiroz, 1996; Silva, 2004; Roberts e Manchester, 2010; Waldron, 2016; Waldron, 2019). A ausência de outras peças ósseas deste indivíduo, como as mãos e os pés, nesta amostra impede a certeza de um diagnóstico.

Patologias de etiologias diversas

O endocrânio de um parietal direito pertencente a um não-adulto (IMS-2005-463) apresenta lesões (Figura 26) que, segundo Schultz (1993 em Lewis, 2004; 1993 em Lewis, 2018), resultam da ossificação de tecido mole como consequência de um processo inflamatório. O exocrânio não apresenta qualquer tipo de lesões. As etiologias sugeridas abrangem patologias como a tuberculose, o escorbuto, a meningite crónica, a anemia, as neoplasias, o raquitismo ou traumas (Lewis, 2004; Roberts e Manchester, 2010; Lewis, 2018). A ausência de outras peças ósseas do mesmo indivíduo não permite a realização de um diagnóstico diferencial.

Um úmero direito (IMS-2005-385) pertencente a um indivíduo de três meses, idade obtida através do comprimento da diáfise, apresenta osso novo que se estende da metáfise proximal até à tuberosidade deltoide (Figura 27). Este tipo de lesões em não-adultos poderá estar relacionada com o normal crescimento ósseo ou poderá ter outra causa, tornando-se difícil distinguir o fisiológico do patológico (De Silva *et al.*, 2003 em Lewis, 2018; Ortner, 2003 em Lewis, 2018; Lewis, 2018). Tratando-se de uma patologia, a etiologia da formação óssea poderia ser um trauma, hiperosteose cortical infantil, hipervitaminoses, sífilis congénita ou outras patologias infecciosas (Lewis, 2000 em Lewis, 2018). Neste caso concreto não é possível estabelecer um diagnóstico.

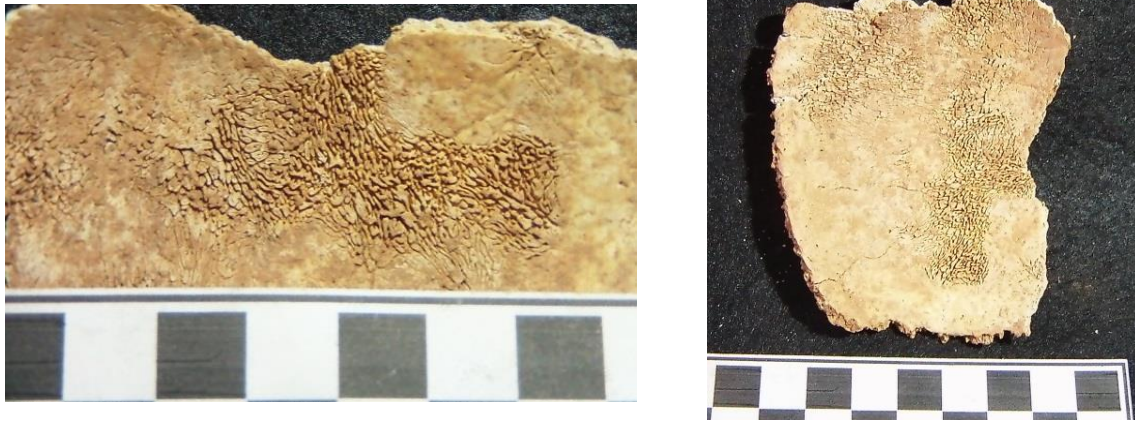


Figura 26 - Endocrânio do parietal direito pertencente a um não-adulto (IMS-2005-463) com formação óssea.



Figura 27 - Úmero direito de um indivíduo com três meses (IMS-2005-385) apresentando formação óssea no terço proximal da diáfise. Esquerda: norma lateral. Direita: norma anterior.

Apenas foi identificado um caso de *cribra orbitalia* na amostra (1/20) (Figura 28) e um de hiperosteose porótica num fragmento de um parietal (1/64), ambos em peças ósseas de indivíduos adultos. Codinha (2008) reporta porosidade no crânio em indivíduos não-adultos de Vila Velha de Rodão. Com uma etiologia abrangente, como infecções, doenças metabólicas e anemia (por deficiência de ferro ou de outras carências vitamínicas, como consequência de doenças crônicas, megaloblástica ou hemolítica) (Berkow *et al.*, 1997; Walker *et al.*, 2009; Roberts e Manchester, 2010; Koztowski e Witas, 2016; Grauer, 2019) torna-se impossível determinar a causa das lesões sem os restantes ossos do esqueleto.

Apesar de, nesta amostra, os vestígios osteológicos se encontrarem desarticulados e fragmentados, foram identificados vários casos de fraturas *ante-mortem*, e diversas lesões que permitiram diagnosticar a presença de patologias infecciosas, tal como um possível caso de *osteomielite variolosa* em duas ulnas. Foi

também identificado um possível caso de espondilite anquilosante ou de hiperosteose idiopática difusa.

Nos não-adultos, as lesões encontradas em duas peças ósseas têm uma possível etiologia infecciosa, metabólica ou traumática.



Figura 28 - Frontal de um indivíduo adulto (IMS-2005-268) com *cribra orbitalia*. Norma inferior.

3.2. Registos paroquiais

Durante a recolha de dados, foi evidente a falta de informação nos registos do século XVI e XVII. No primeiro apenas se encontra a data da morte, a menção do nome do indivíduo, ou do seu cônjuge no caso das mulheres, e a morada do falecido, enquanto no seguinte se adiciona o seu estado civil. Assim, foram retirados de cada século os dados exibidos na Tabela 12.

A amostra consiste num total de 1241 indivíduos (Apêndice A). Destes, 19,26% (239/1241) faleceram no século XVI (de 1593 a 1597), 22,72% (282/1241) no século XVII (de 1636 a 1640), 22,97% (285/1241) no século XVIII (de 1736 a 1740) e os restantes 35,05% (435/1241) correspondem ao século XIX (de 1830 a 1834). A semelhança das percentagens entre o século XVII e o século XVIII não poderá ser relacionado com os número de populares residentes no concelho, não existindo dados fiáveis para o século XVII, no entanto, sabemos que de 1527 a 1730, a população do concelho da Sertã aumentou de, aproximadamente, 5000 habitantes para 8600 (Lopes, 2013). A distribuição do número de óbitos por cada ano estudado encontra-se representada nas Imagens 29 e 30. É importante salientar que o valor referente ao ano de

1593 inclui, apenas, os meses de setembro a dezembro não existindo registos anteriores a essa data resultando, assim, num número de óbitos menor que os restantes anos desse século. Os anos 1736 a 1740 foram os únicos, de todos os estudados, em que a proporção de óbitos por ano é similar ($p=0,50$), como observado através do teste do Qui-Quadrado. Torna-se perceptível a existência de um aumento de casos que merecem atenção, tanto no século XVII como no século XIX, e que serão examinados adiante.

Tabela 12 - Dados retirados de cada ano dos registos paroquiais da Sertã.

	1593-1597	1634-1640	1734-1740	1830-1834
Data	Presente	Presente	Presente	Presente
Nome	Presente	Presente	Presente	Presente
Morada	Presente	Presente	Presente	Presente
Estado civil		Presente	Presente	Presente
Cônjuge			Presente	Presente
Filiação			Presente	Presente
Local de enterramento			Presente	Presente
Idade				Presente
Causa de morte				Presente

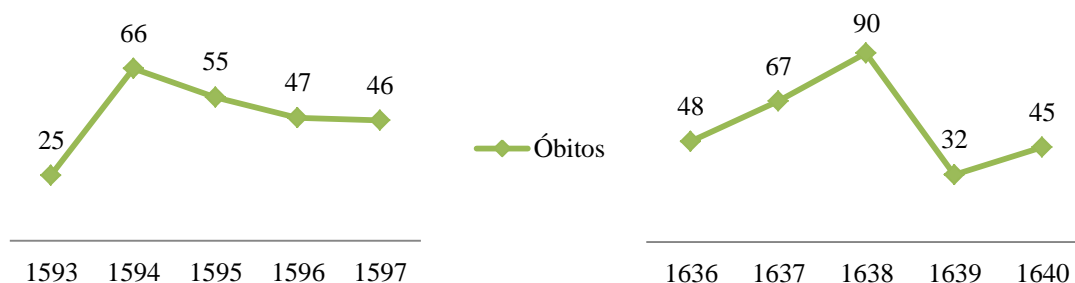


Figura 29 - Distribuição dos óbitos pelos anos estudados do século XVI e XVII.

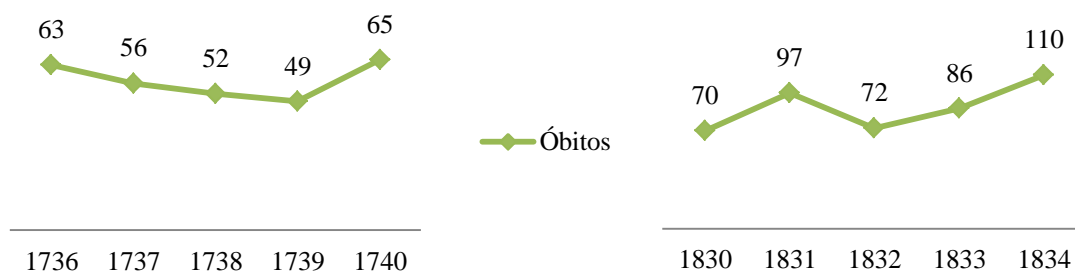


Figura 30 - Distribuição dos óbitos pelos anos estudados do século XVIII e XIX.

Quanto aos meses, em todos os séculos estudados a maior parte dos óbitos (n=141) ocorreu em setembro e o mês com menor número de óbitos (n=63) é maioritariamente junho (Figura 31), o que concorda com Moreira (1994, em Moreira, 2008) e Veiga (2004) que afirmam que o início do verão, nomeadamente o mês de junho, era a altura do ano com menos óbitos e entre julho e setembro ocorria uma maior propagação de surtos epidémicos. Os anos do século XVI pertencentes a esta amostra mostraram uma maior mortalidade nos meses de setembro e novembro, e menor em junho e dezembro. O ano de 1637 é atípico visto que a maior mortalidade ocorreu em janeiro e novembro, sendo desconhecida a causa para esta diferença, visto que as causas de morte não foram registadas e não existem epidemias registadas para esta zona do país neste ano, mas podendo ter origem em infeções respiratórias ou escassez alimentar, no entanto, são esses mesmos meses que apresentam um menor número de mortes no ano seguinte. Os dados obtidos na Sertã concordam com os encontrados por Amorim (1973; 1980) para Rebordãos (Bragança) e Cardanha (Torre de Moncorvo), e diferem dos obtidos por Godinho (2000) para a freguesia da Sé, em Lisboa, durante o período entre 1563 e 1755, em que o pico de mortalidade ocorre em janeiro, maio e novembro e o mínimo é atingido no verão.

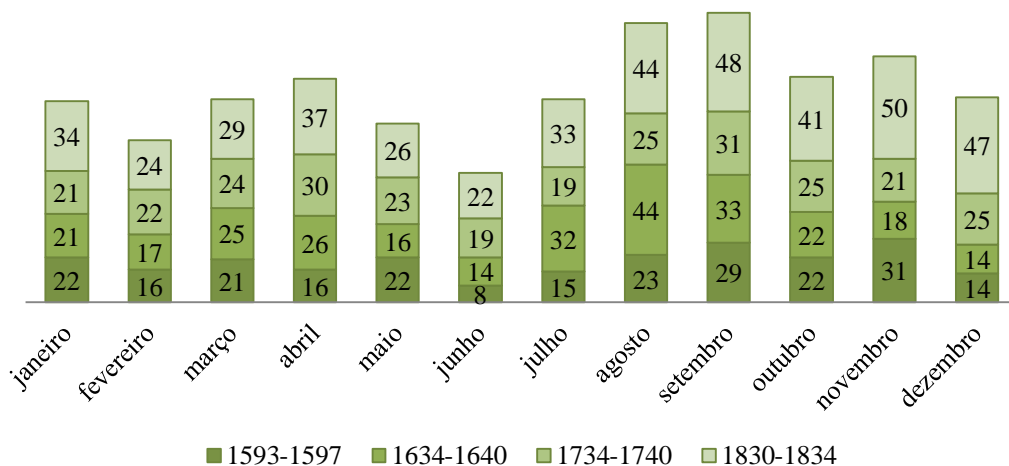


Figura 31 - Distribuição do número de óbitos dos anos estudados entre o século XVI e XIX pelos meses do ano.

São oito os casos em que não se encontra registado o sexo do indivíduo, sendo que quatro deles encontram-se entre 1830 e 1834 e correspondem a recém-nascidos, no entanto, a maior parte dos indivíduos em que, durante os anos acima referidos, o óbito ocorreu antes do primeiro ano de vida (52 de 410 indivíduos com a idade registada) têm

nome ou menção ao sexo. A análise aos dados, através do Qui-Quadrado, permitiu averiguar que não existem diferenças significativas ($p=0,19$) quanto ao número de homens e de mulheres, 47,86% (594/1241) e 51,49% (639/1241) respetivamente, nos 20 anos estudados (Figura 32). Raposo (2000), também reporta uma semelhança na mortalidade entre os sexos nos registos paroquiais de Palaçoulo, em Miranda do Douro.

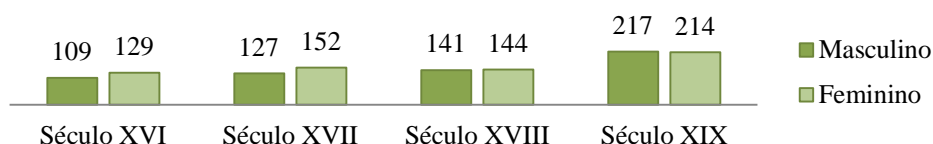


Figura 32 - Número de óbitos por sexo nos quinquênios estudados entre o século XVI e XIX.

As idades estavam registadas em 94,25% (410/435) dos assentos de óbito da amostragem do século XIX e apresentam um mínimo de 0 anos (registado como “nasceu e morreu” ou “viveu um dia”) e um máximo de 114 anos com uma média de 41,42 anos. Vinte por cento (82/410) dos óbitos pertencem a indivíduos na 1ª infância, 11,46% (47/410) a indivíduos na 2ª infância, 2,68% (11/410) a adolescentes, 9,76% (40/410) a jovens adultos, 16,83% (69/410) a adultos e os restantes 39,27% (161/410) a pessoas idosas. Idoso é a classe etária com o número mais elevado de mortes seguido da 1ª infância (Figura 33).

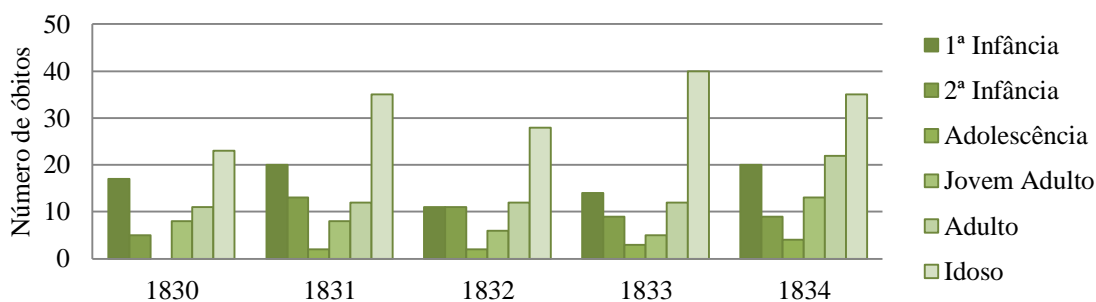


Figura 33 - Distribuição do número de indivíduos falecidos entre 1830 e 1834 por classes etárias.

Os dados obtidos através dos registos sertaginenses concordam com o que ocorria no século XIX, e ainda ocorre na atualidade, com uma maior mortalidade nos primeiros anos de vida, atingindo um mínimo na adolescência e voltando a aumentar, alcançando o seu máximo a partir dos 55 anos (Rodrigues, 1996; Veiga, 2004; Rodrigues, 2008b). Nos dados recolhidos, 12,68% (52/410) dos indivíduos faleceram antes de completar um ano e 20% (82/410) dos indivíduos morreram com 75 anos ou mais. Existem vários indícios de longevidade no concelho da Sertã como atesta Cândido

Teixeira (1926), que relembra o caso de um homem que morreu em 1651 com 110 anos ou o jornal “A Comarca da Sertão” de Outubro de 1937 que dá a notícia da morte de um indivíduo com 108 anos. Atualmente é possível encontrar vários centenários no concelho. Comparando com os dados obtidos para os vestígios osteológicos, é observável que as classes etárias com menor representatividade são as mesmas, com o número de adolescentes e jovens adultos nas duas amostras a mostrarem-se mais baixos que o das restantes classes.

Com recurso ao cálculo do índice longevidade ($IL = \text{População com idade} \geq 75 \text{ anos} \div \text{População com idade} \geq 65 \text{ anos} \times 100$) (equação retirada do Portal de Saúde Pública) nos cinco anos estudados no século XIX (1830 - 1834), verificou-se que por cada 100 indivíduos com 65 anos ou mais, 61,36% tinham 75 ou mais, ou seja, mostrando grande longevidade, próximo do valor reportado de 61,1% na PORDATA em 2019.

Na amostra, os óbitos na 1ª infância afetavam sobretudo o sexo masculino o que concorda com Raposo (2000) e Godinho (2010) que afirmam que o sexo masculino apresenta maior probabilidade de falecer nos primeiros meses de vida do que o feminino. Da 2ª infância até à idade adulta, o número de óbitos de homens e mulheres é semelhante divergindo na última classe etária onde as mortes do sexo feminino são superiores (Figura 34).

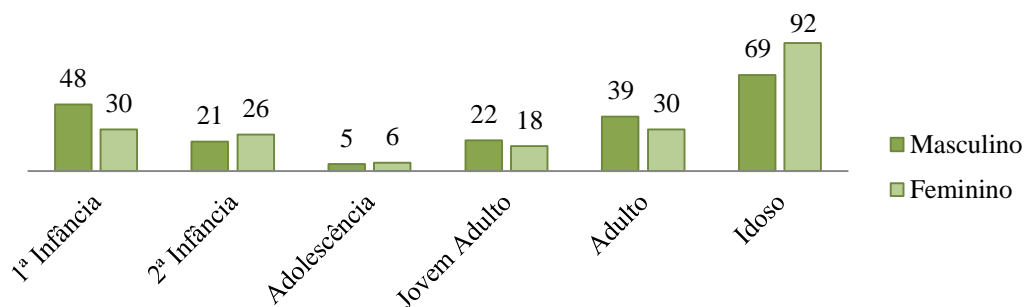


Figura 34 - Distribuição do número de mortes por sexo e classe etária entre os anos de 1830 e 1834.

É observável uma disparidade entre os picos de mortalidade de adultos e não-adultos, tendo sido considerados, neste caso, os indivíduos falecidos na 1ª e 2ª infância (para permitir uma melhor comparação com outros estudos demográficos), com os restantes a pertencerem aos adultos (Figura 35). Os não-adultos apresentam uma maior mortalidade nos meses de verão (julho, agosto e setembro) ocorrendo ainda um segundo pico, menor, em novembro. Raposo (2000) afirma encontrar também, em menores de sete anos, um pico nos meses de verão e de outono. O enfraquecimento da lactação e a

escassez de alimentos são apontados como possíveis razões para esse aumento de mortalidade (Rodrigues, 1996; Veiga, 2004; Rodrigues, 2008b). Quanto aos adultos, o aumento do número de óbitos ocorre em agosto, com o máximo a ocorrer nos meses seguintes.

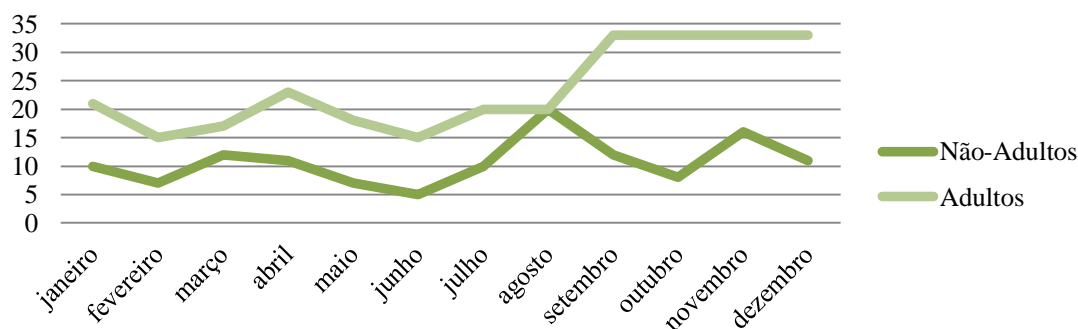


Figura 35 - Distribuição do número de falecidos adultos e não-adultos pelos meses do ano entre 1830 e 1834.

Para um estudo mais eficiente dos óbitos por localidade, visto existirem focos populacionais dispersos pelo município, foi necessário agrupar estes dados por freguesias e, para este efeito, foram utilizadas as freguesias anteriores à reorganização do território em 2013 (*Decreto de Lei n.º 11-A/2013 de 28 de Janeiro, 2013*) por serem as mesmas desde a sua criação (Figura 36). Principalmente nos séculos XVI e XVII, foi impossível identificar alguns locais referidos nos registos de óbitos devido ao desuso de certas toponímias, tendo estas sido agrupadas na categoria “freguesia desconhecida”. A freguesia de Pedrogão Pequeno nunca aparece nos registos tendo sido sede do concelho com o mesmo nome desde 1455 até 1836. (Teixeira, 1926; Farinha, 1930; Lopes, 2013). Ao concelho de Pedrogão Pequeno pertencia a atual freguesia do Carvalhal, não aparecendo, assim, nos registos da Sertã.



Figura 36 - O concelho da Sertã e as suas freguesias anteriores ao ano de 2013. Adaptado de <https://geneall.net/pt/mapa/87/serta> [Acedido em 20-08-2020].

As distâncias entre as povoações e a vila da Sertã e os percursos acidentados, antigas vias romanas e mouriscas, a que a população se tinha que sujeitar para assistir aos serviços religiosos, incitaram a criação de diversas freguesias no município no século XVI (Tabela 13), cada uma com a sua igreja, o seu pároco e os seus registos paroquiais (Teixeira, 1926; Farinha, 1930; Lopes, 2013). Desta forma, é explicada a ausência de várias das freguesias dos registos paroquiais estudados, sendo importante sublinhar que Figueiredo pertencia à freguesia do Troviscal até à formação de freguesia própria figurando, desta forma, nos registos paroquiais dessa localidade.

Tabela 13 - Datas de fundação das freguesias do concelho da Sertã.

Freguesia	Fundação
Cabeçudo	1767
Castelo	1555
Cernache do Bonjardim	Anterior a 1576
Cumeada	1806
Ermida	1793
Figueiredo	1817
Marmeleiro	1555 ou 1636
Nesperal	1555
Palhais	1555
Troviscal	1555
Várzea dos Cavaleiros	1554

Os dados recolhidos encontram-se representados nas Imagens 37, 38, 49 e 40. Até ao século XIX, tanto o Cabeçudo como a Cumeada exibem um número superior de mortes comparativamente ao Castelo, a Cernache do Bonjardim, ao Marmeleiro e ao Troviscal o que é explicado pela sua data de origem, sendo das que foram fundadas mais tarde. Também o Marmeleiro figura no século XVI o que pode suportar a data de criação da freguesia como sendo 1636. Em todos os anos estudados, o maior número de óbitos ocorre sempre na freguesia da Sertã, expectável por ser o maior foco populacional do concelho. A presença de pessoas de freguesias com registos próprios ou de concelhos vizinhos nos registos estudados poderá estar relacionada com laços familiares existindo, também, casos excepcionais, como o de um indivíduo do concelho de Pedrógão Grande, morto com uma facada, enquanto se encontrava no concelho da Sertã e aí sepultado.

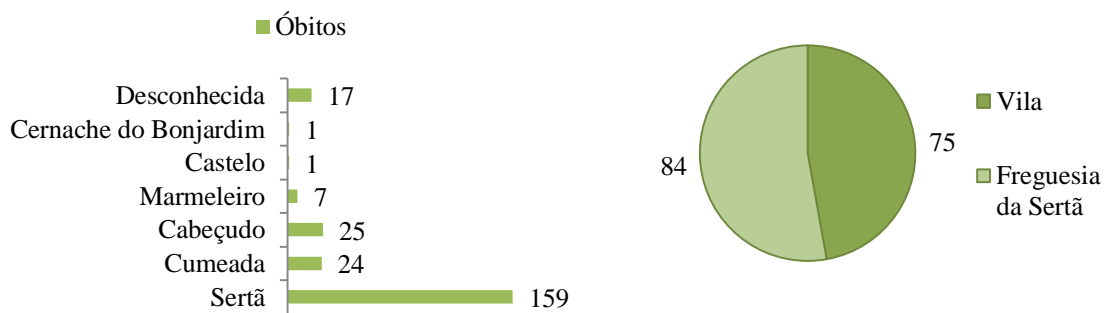


Figura 37 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XVII.

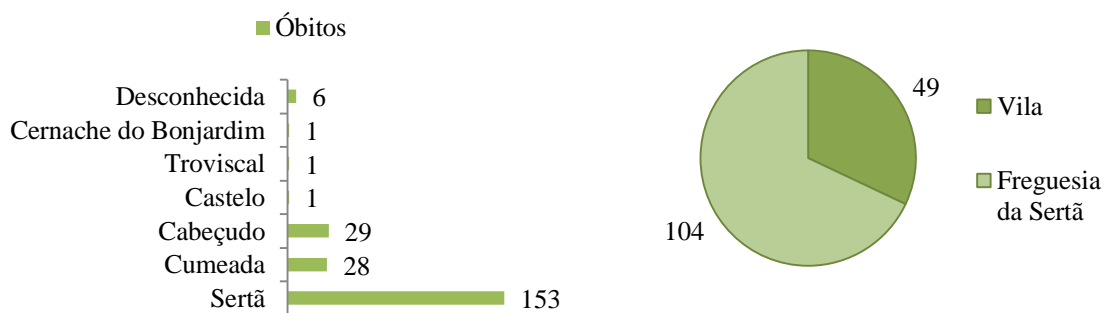


Figura 38 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XVIII.

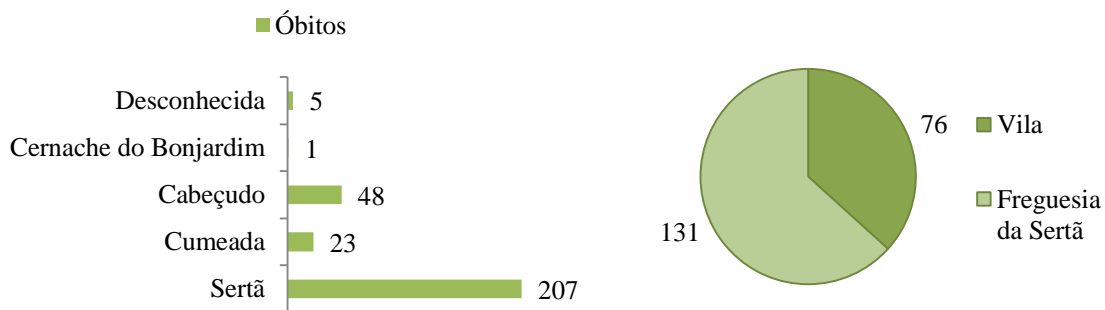


Figura 39 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XVIII.

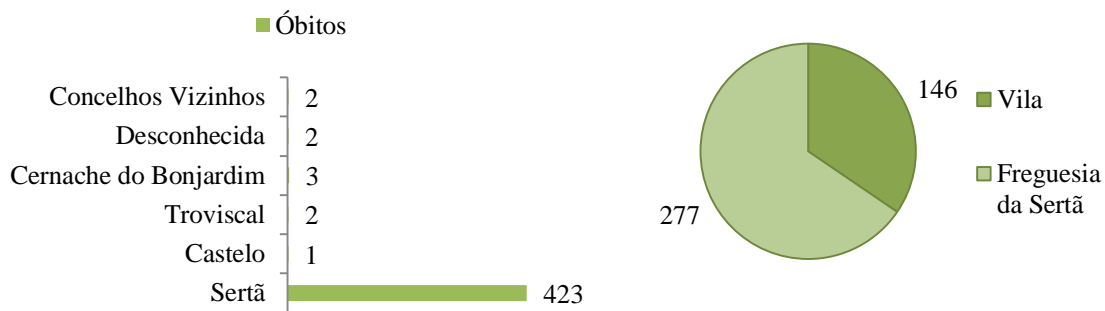


Figura 40 - Número de óbitos por freguesia e na vila da Sertã nos anos estudados do século XIX.

As causas de morte apenas foram estudadas para o século XIX pois foram registadas de forma constante, embora se encontrem algumas no século XVIII. Para a sua análise, foram agrupadas seguindo as normas definidas pela Organização Mundial de Saúde no *International Classification of Diseases*, 11th Revision (Organização Mundial de Saúde, 2018). De 435 indivíduos falecidos entre 1830 e 1834, 84,37% (367/435) apresentam causa de morte registada pelo pároco (Figura 41).

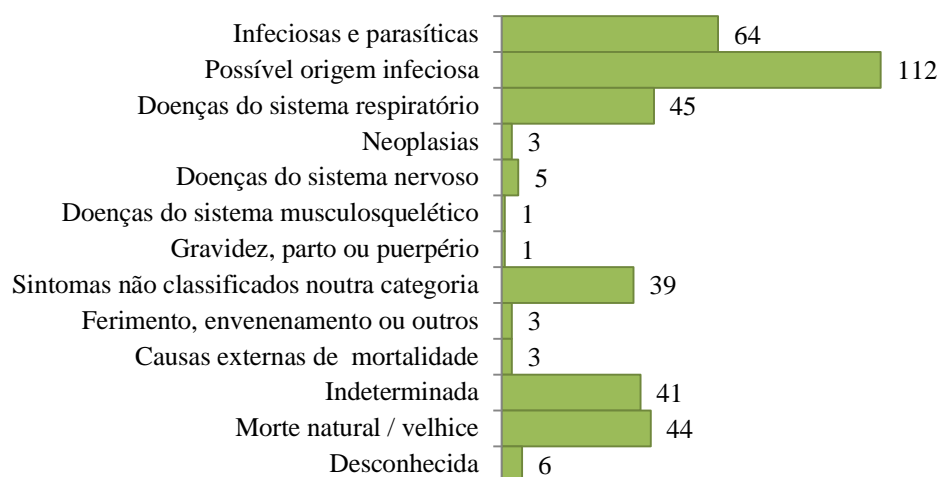


Figura 41 - Causas de morte nos registos de óbito ocorridos entre 1830 e 1834.

O maior número de mortes foi causado por patologias possivelmente infecciosas, categoria em que se encontram os registos que apenas referem sintomas que maioritariamente ocorrem quando está presente uma infeção, com 67,86% (76/112) dos indivíduos a reportarem febres, 29,46% (33/112) a sofrerem de diarreias e 2,68% (3/112) de pleurisia. As doenças infecciosas e parasíticas são a segunda maior causa de morte no intervalo estudado, encontrando-se discriminadas na Figura 42.

A presença acentuada de patologias de etiologia infecciosa e parasítica na Sertã pode ter sido suportada pela qualidade de vida no município. A higiene no concelho era bastante deficitária. As casas eram muitas vezes divididas com os animais, como ocorria na principal rua da sede de concelho onde o piso térreo das habitações servia de curral, escorrendo, muitas vezes, a matéria fecal destes animais para a rua, a qual, não tendo calçada, se tornava um lamaçal no inverno (Pátria de Celinda, 1918; Teixeira, 1926; Direcção Geral de Saúde, 1931; Lopes, 2013). Existiam, também, estrumeiras junto das habitações e as ruas são descritas, ainda no início do século XX, como “ [...] verdadeiras cloacas onde os insectos enxameiam, inoculando nos transeuntes o vírus da doença [...] ” (Pátria de Celinda, 1918: página 1; Direcção Geral de Saúde, 1931;

Lopes, 2013). Quando foi decretada a proibição das estrumeiras, na segunda metade do século XIX, a própria população mostrou-se revoltada com tal decisão (Figueiredo, 1906). A falta de acesso a água limpa obrigava muitos populares do concelho a recorrerem à água das ribeiras embora estas estivessem inquinadas no verão, principalmente junto às povoações (Figueiredo, 1906). Esta poderá ser uma das causas de diarreias registadas nos assentos de óbitos, tal como indicado pela clínica (Berkow *et al.*, 1997).

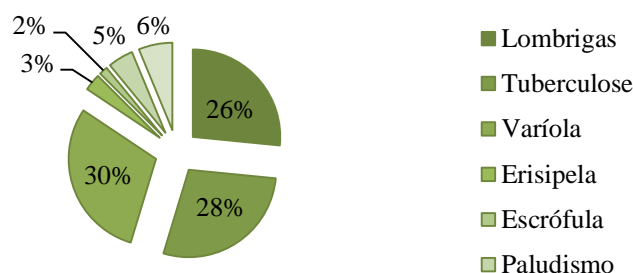


Figura 42 - Causas de morte classificadas como Infeciosas e Parasíticas registadas entre 1830 e 1834.

A pobreza e miséria da população também aumentava a gravidade das doenças. Embora estivesse provida de diversas estruturas para aumentar o desenvolvimento económico com base na agricultura, os impostos e os tributos muito elevados, seja ao rei ou aos proprietários dos terrenos em que trabalhavam, e as condições climatéricas adversas que destruíam colheitas prejudicavam a vida das populações (Lopes, 2013). A principal fonte de alimentação da população sertaginense provinha da agricultura com a hortalíça, a batata, as couves, leguminosas e o pão de milho, acompanhado por sardinhas ou alguma carne de porco em pouca quantidade (Direcção Geral de Saúde, 1931; Lopes, 2013).

A presença de cuidados de saúde no concelho está comprovada desde 1195, data em que foi fundada uma albergaria, denominada albergaria de São João, entregue à confraria do mesmo nome, que estaria dependente da Ordem do Hospital, tendo sido transformada no hospital de São João e São Pedro depois de uma epidemia de peste negra no século XIV (Teixeira, 1926; Lopes, 2013). Em 1566, já existia um médico municipal no concelho da Sertã que prestaria cuidados gratuitos à população mais pobre e em 1569, por alvará de D. Sebastião, foi anexado o hospital à Santa Casa da Misericórdia (Teixeira, 1926; Lopes, 2013). A presença de boticários no concelho data do início do século XVII e desde a segunda metade do século XVIII que existia um cirurgião na Sertã, tendo sido também fundado, em 1804, um lazareto na freguesia de

Cernache do Bonjardim (Teixeira, 1926; Lopes, 2013). No século XVIII, já existia mais um médico municipal que praticava em Cernache do Bonjardim (Lopes, 2013). No entanto, por causa do tamanho do concelho e da rudeza dos caminhos, muitas vezes os médicos não se deslocavam a auxiliar os doentes de povoações isoladas, obrigando estes populares a recorrerem a mezinhas prescritas por barbeiros ou a rezas transmitidas por tradição oral, tendo alguns populares sido presos pela Inquisição pela práticas dessas rezas (Salvado, 2011; Lopes, 2013), estando estas disseminadas até aos dias de hoje por todo o concelho, existindo muitas pessoas que ainda se valem de quem as sabe, como será perceptível pelas entrevistas realizadas (subcapítulo 3.3). É importante ressaltar que também ocorria a recusa de alguns indivíduos em seguir as prescrições médicas preferindo seguir o que lhes indicavam os curandeiros (Estrella da Beira, 1865 em Salvado, 2011; Lopes, 2013). Em 1931, ainda existiam bastantes casos de lepra, tuberculose, sífilis, febre tifóide e paludismo no concelho da Sertã (Direcção Geral de Saúde, 1931).

As doenças do sistema respiratório e as mortes naturais, ou por velhice, apresentam quase o mesmo valor, as primeiras são esperadas devido ao clima frio e húmido do concelho e às grandes amplitudes térmicas (sendo que os frades do convento de Santo António da vila da Sertã adoeciam gravemente por estarem menos habituados às diferenças de temperaturas da Beira Baixa) (Lopes, 2013) e as segundas eram atribuídas maioritariamente a indivíduos com mais de 65 anos existindo, no entanto, duas mortes registadas como sendo “naturais” em não-adultos, um com menos de um ano e outro com nove anos de idade. As temperaturas eram tão agrestes que nos registos estudados aparecem dois indivíduos com causa de morte “frio e fome”, ambas ocorridas em janeiro, nos anos de 1830 e 1834.

Os sintomas não classificados noutra categoria encontram-se especificados na Figura 43.

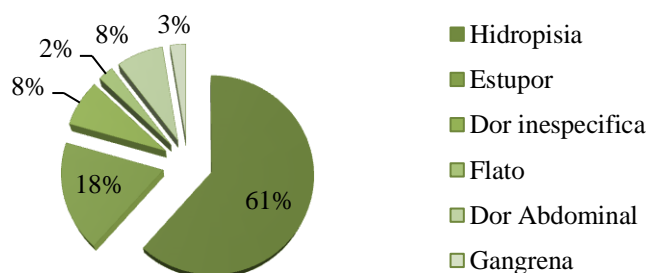


Figura 43 - Causas de morte classificadas como sintomas não classificados noutra categoria registadas entre 1830 e 1834.

Quanto às causas de morte mais comuns em cada classe etária, é perceptível uma predominância de patologias de origem infecciosa e parasítica nos indivíduos mais jovens e um aumento gradual de doenças respiratórias com a idade (Figura 44). Estes dados concordam com Rodrigues (2008a; 2008b) e com os obtidos por Raposo (2000).

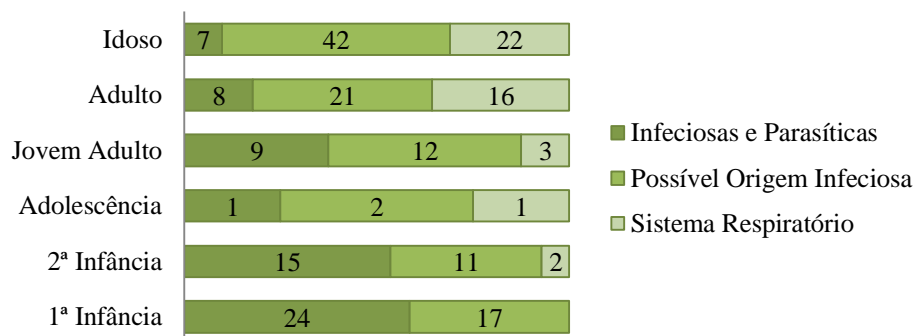


Figura 44 - Distribuição das causas de morte por classes etárias nos indivíduos falecidos entre 1830 e 1834.

As doenças do foro respiratório tiveram o seu pico, como causa de morte, no mês de dezembro, sofrendo um crescimento acentuado a partir de outubro, o que coincide com o pico de óbitos de adultos, enquanto as patologias infecciosas apresentam um número acentuado de óbitos no verão, tal como acontece com os não-adultos (Figura 45).

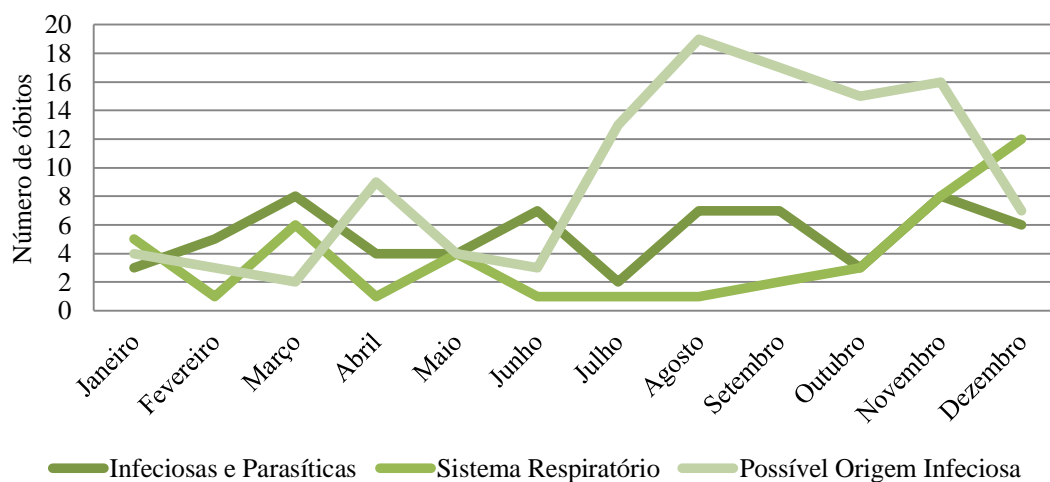


Figura 45 - Distribuição das causas de morte pelos meses do ano entre 1830 e 1834.

Embora não tenham sido analisadas, entre as poucas causas de morte registadas nos anos estudados do século XVIII, encontram-se vários acidentes e quedas o que, em

conjunto os dados obtidos através dos vestígios osteológicos, mostram uma maior frequência de quedas nesta região.

Apenas nos séculos XVIII e XIX estava registado de forma consistente o local de sepultamento. De 720 registos, dos séculos XVIII e XIX, 98,33% (708/720) apresentavam o local de enterramento. Quanto ao século XVIII, 38,32% (105/274) dos indivíduos foram inumados no interior da Igreja Matriz da Sertã enquanto os restantes 61,68% (169/274) foram sepultados no adro (Figura 46). Os seis indivíduos que aparecem identificados como sendo pobres foram inumados no adro, no entanto, não existem outros dados nos registos que possam elucidar o critério de enterramento quer num local quer no outro.

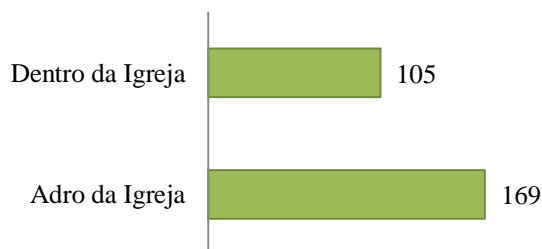


Figura 46 - Local de inumação dos indivíduos falecidos entre os anos 1736 e 1740.

No século XIX, 0,46% (2/434) dos indivíduos foram inumados na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (ou Nossa Senhora do Olival, como era conhecida), na freguesia da Sertã, sendo os dois indivíduos residentes no lugar da Nossa Senhora dos Remédios, 0,69% (3/434) foram sepultados na sepultura própria dos eclesiásticos, reservada para os clérigos, 15,21% (66/434) foram enterrados no cemitério (adiante será possível averiguar onde se encontrava este cemitério) e os restantes 83,64% (363/434) no interior da Igreja Matriz da Sertã (Figura 47). É observável que já em 1830 não se

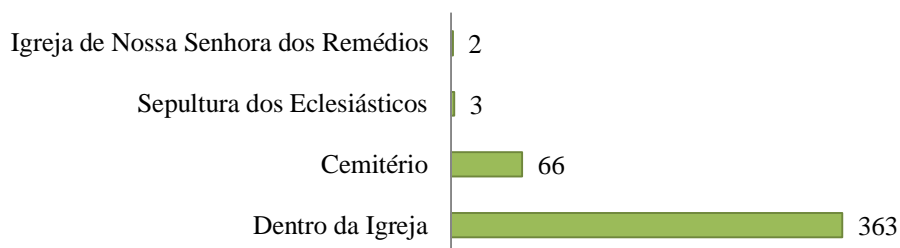


Figura 47 - Local de inumação dos indivíduos falecidos entre os anos de 1830 e 1834.

realizavam inumações no adro da igreja e, ainda antes da proibição dos enterramentos nas igrejas, já eram efetuados enterros no cemitério, embora a população do Cabeçudo se tenha revoltado contra essa proibição (Lopes, 2013). Entre 1830 e 1834 verifica-se a predominância dos enterramentos na igreja, onde figuram indivíduos registados como “doidos” e “mentecaptos” ou ainda o médico municipal. Não contabilizando os últimos 45 registos de 1834, que têm como local de enterramento o cemitério visto já não se realizarem inumações na igreja, entre os indivíduos enterrados no cemitério contam-se dois prisioneiros, um individuo de naturalidade espanhola e dois indivíduos que não pertencem à freguesia da Sertã mas sim à de Cernache do Bonjardim. É interessante observar que indivíduos de famílias abastadas ou com um papel importante no concelho, como por exemplo o médico, foram enterrados exatamente no mesmo local que o resto da população tornando-se relevante reportar um caso, que embora não esteja nos anos estudados mas sim no ano de 1811, ajuda a expor este facto: uma escrava que foi sepultada no interior da Igreja Matriz da Sertã.

Anos com números atípicos

No século XVII é visível um aumento de óbitos entre 1636 e 1638, com o pico a ocorrer neste ano, seguido de uma queda acentuada. Para melhor compreender este crescimento, averiguou-se o número de mortes do ano de 1635, que não foi estudado, e notou-se que o ano de 1636 já possuía uma mortalidade superior ao ano anterior (Figura 48).

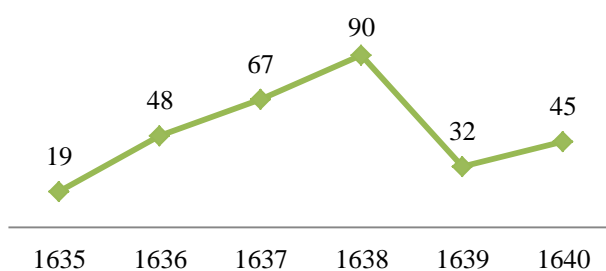


Figura 48 - Distribuição do número de óbitos entre os anos de 1635 e 1640.

Foi possível apurar que, nos anos de 1636 e 1637, nenhum dos meses apresenta um número significativamente superior de óbitos (Figura 49), exatamente o que ocorre com o sexo, onde o número de indivíduos de cada sexo é semelhante. O mesmo não ocorre no ano de 1638, com um aumento de óbitos a acentuar-se a partir do mês de julho e 56,67% (51/90) dos indivíduos a falecerem entre julho e setembro. Embora

tenha sido provado, através do teste de Qui-Quadrado, que não existe ligação entre o sexo e o mês de óbito ($p=0,21$), os meses que apresentam um maior número de óbitos têm um maior número de mulheres falecidas (Figura 50).

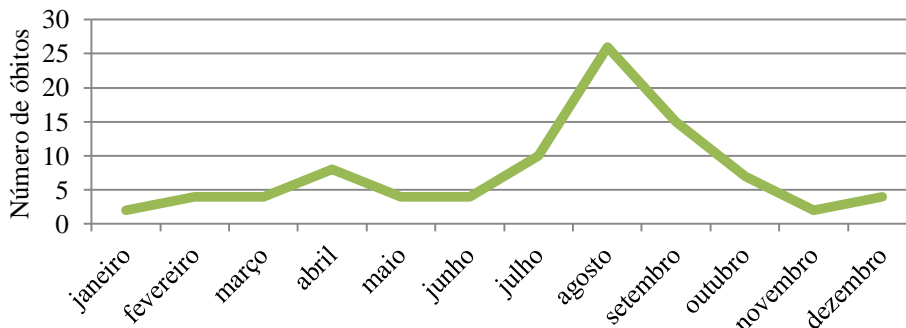


Figura 49 - Distribuição do número de óbitos de 1638 pelos meses do ano.

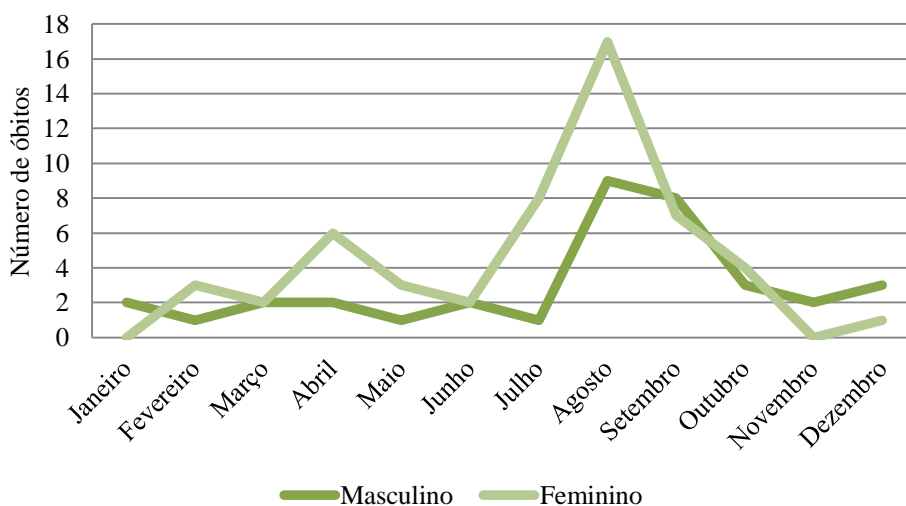


Figura 50 - Distribuição do número de óbitos de cada sexo pelos meses do ano de 1638.

O número de óbitos na freguesia da Sertã, excluindo a vila que é o maior foco populacional do concelho, é o maior nos registos de 1638, seguido da freguesia do Cabeçudo (Figura 51). Nos três meses com maior mortalidade morreram 20 indivíduos na freguesia da Sertã, 10 no Cabeçudo e 5 na Cumeada, o mesmo número que na vila da Sertã. O facto de não conseguirem ter acesso aos cuidados de saúde por se encontrarem fora da vila poderá ser a explicação para estes números.

Com os dados obtidos é possível afirmar que poderá ter ocorrido um surto infeccioso no concelho da Sertã no verão de 1638, infelizmente, não existe registo de epidemias nesta zona do país no ano em questão. A varíola é uma hipótese, tendo existido também um surto de varíola em Lisboa no ano anterior (Barbosa, 2001), a febre

tifóide, a disenteria e a malária são também outras possibilidades visto saber-se existir surtos destas patologias no concelho até ao século XX (Direcção Geral de Saúde, 1931; Lopes, 2013).

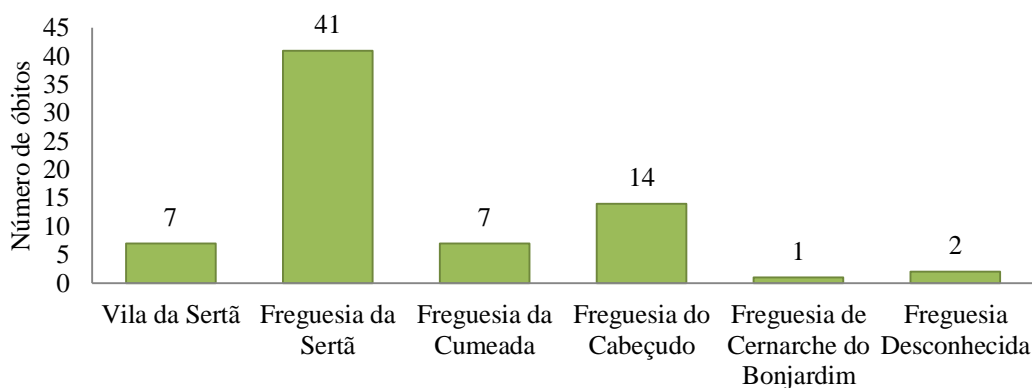


Figura 51 - Distribuição dos óbitos presentes nos registos paroquiais de 1638 pelas freguesias do concelho da Sertã.

Entre os anos de 1830 e 1834 foi observado um primeiro aumento de óbitos no ano de 1831. A análise dos dados permitiu descobrir 19 casos de “bexigas”, antiga denominação dada à varíola (Bluteau, 1712; Manuila *et al.*, 2004), entre novembro de 1830 e janeiro de 1832 com o pico de óbitos em março (Figura 52).

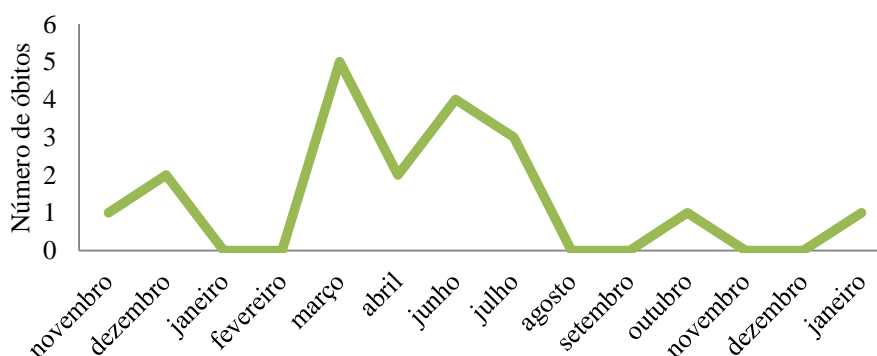


Figura 52 – Distribuição dos óbitos por “bexigas” desde novembro de 1830 até janeiro de 1832.

A classe etária com mais mortes é a 2ª infância, sendo que, apenas no ano de 1831, 53,85% (7/13) dos indivíduos nessa classe faleceram com varíola, seguida da 1ª infância em que, nesse ano, 25% (5/20) pereceram dessa patologia (Tabela 14). Quanto ao sexo, nove são do sexo feminino e dez do sexo masculino. Treze dos óbitos ocorreram na freguesia da Sertã (excluindo a vila da Sertã), enquanto a sede de

concelho apresentou seis mortes. Os números poderão ser superiores tornando-se relevante uma consulta dos registos paroquiais das outras freguesias do concelho.

Tabela 14 - Número de óbitos por classe etária com causa de morte “bexigas” no ano de 1831 (N=15).

Nº de Óbitos	
1ª Infância	5
2ª Infância	7
Adolescência	0
Jovem Adulto	2
Adulto	1
Idoso	0

Foi registada uma crise de mortalidade na região de Castelo Branco entre os anos de 1830 e 1831 (Pinto, 1993 em Barbosa, 2001) e o concelho de Vila de Rei, contíguo ao município da Sertã, sofreu um surto de varíola entre 1830 e 1831 que causou 77 mortos (Domingues, 2017). Ao contrário da Sertã, Vila de Rei não dispunha de um médico municipal nem de um hospital (Domingues, 2017).

A existência de registos de óbitos devido à varíola confirma a possibilidade do diagnóstico de osteomielite *variolosa* nas duas ulnas encontradas na amostra óssea.

Não seria a última vez que a varíola grassaria o concelho da Sertã, existindo o registo de dois surtos epidémicos desta patologia em 1891 e 1894 (Lopes, 2013).

No ano de 1834 observou-se outro pico de mortalidade sendo os meses mais afetados os meses de abril, julho, agosto, setembro e novembro (Figura 53).

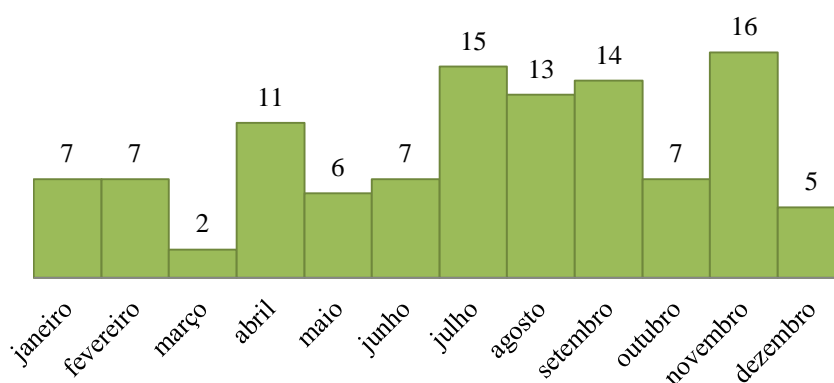


Figura 53 – Distribuição do número de óbitos pelos meses do ano de 1834.

De 110 registos de óbito do ano de 1834, 91,82% (101/110) apresentam causa de morte, com 42,57% (43/101) dos indivíduos a falecerem de patologias com uma

possível origem infecciosa, 10,89% (11/101) de doenças do sistema respiratório, 9,90% (10/101) de patologias infecciosas e parasíticas e 42,57% (43/101) de patologia indeterminada (onde foram incluídas as “malinas” e “malignas”). Dentro das patologias com uma possível origem infecciosa, 51,16% (22/43) estão registadas como febres e 39,53% (17/43) como diarreias (Figura 54).

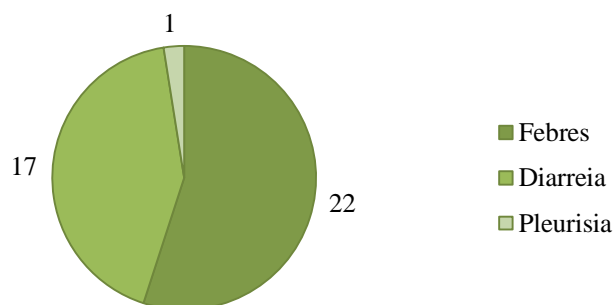


Figura 54 – Número de óbitos por patologias com possível origem infecciosa no ano de 1834.

Observando a distribuição das causas de morte pelos meses de 1834 é perceptível que a diarreia foi mais comum nos meses de verão, as patologias do sistema respiratório têm o seu máximo em novembro, as febres estão presentes de janeiro a agosto e, mais tarde, em novembro tendo o seu pico em abril. As doenças indeterminadas são constantes nos meses de outono estando também presentes, em menor número, no início do verão (Figura 55). As febres foram mais comuns nos jovens adultos, adultos e idosos enquanto a diarreia atingiu com severidade os indivíduos da 1ª infância (Figura 56).

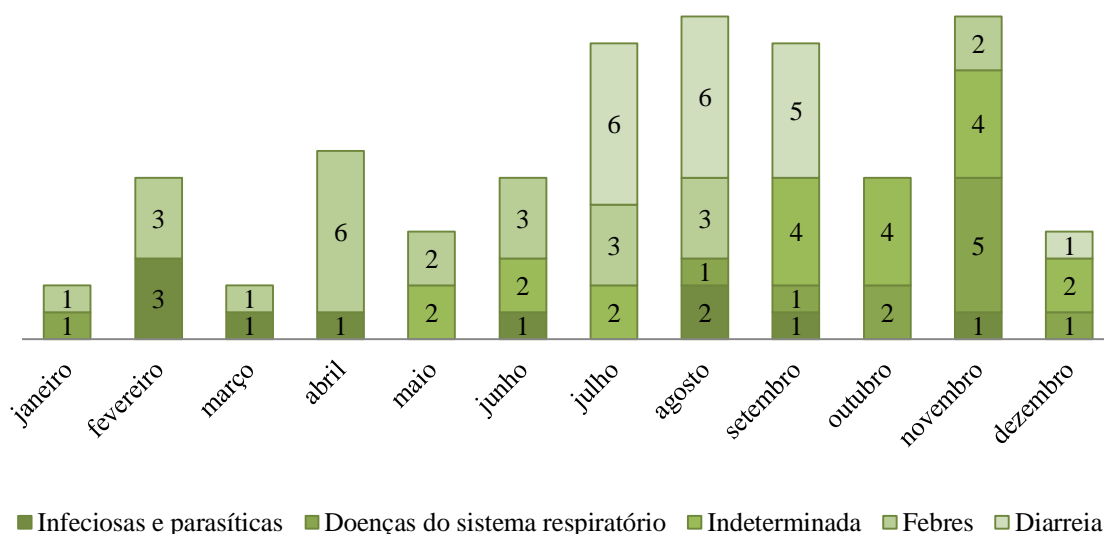


Figura 55 – Distribuição das causas de morte mais frequentes pelos meses do ano de 1834.

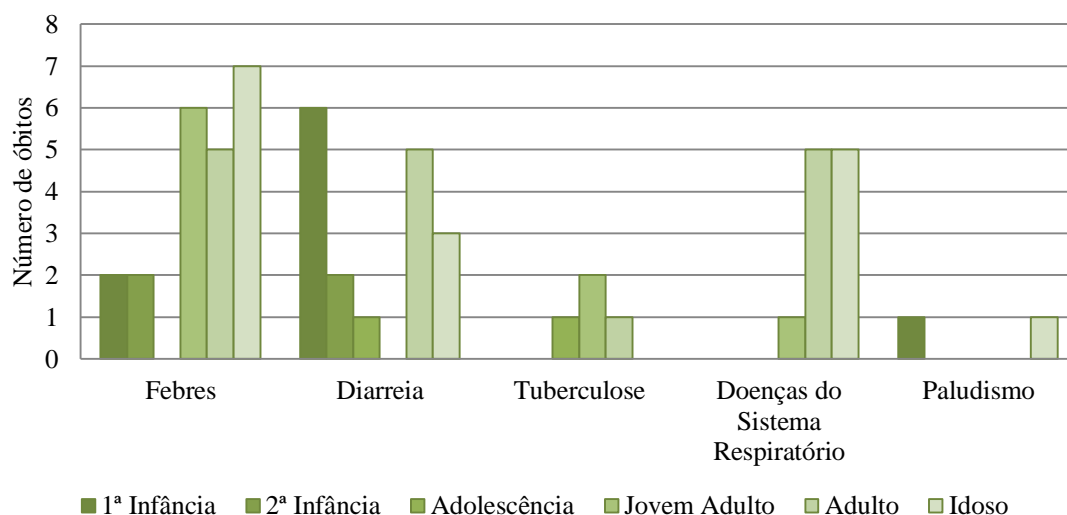


Figura 56 – Distribuição das causas de morte mais frequentes no ano de 1834 pelas classes etárias.

No ano de 1834, foi registado um surto epidémico de cólera, no verão e no outono, na região de Castelo Branco (Pinto, 1993 em Barbosa, 2001). Em 1833 já tinha sido reportado um surto de cólera em Lisboa (Rodrigues, 1993), tendo ocorrido o mesmo em Santarém no período de 1833 e 1834 (Almeida, 1998 em Barbosa, 2001). Tendo em conta estes surtos, é possível a cólera ser responsável pelo aumento de mortes por “malina” e diarreias na freguesia da Sertã e na vila com o mesmo nome. No entanto, a febre não pertence, normalmente, à sintomatologia da cólera (Freitas, 2002; Manuila *et al.*, 2004, Barlam e Kasper, 2009), assim, não é possível descartar que este surto epidémico tenha sido causado por outra patologia infecciosa, como a febre tifóide que provoca febre e diarreia (Freitas, 2002; Manuila *et al.*, 2004; Barlam e Kasper, 2009), tendo alguns dos indivíduos do ano de 1834 como causa de morte “febre gástrica”, o que poderá ser similar à febre intestinal, termo antigo utilizado para descrever a febre tifóide (Freitas, 2002).

3.3. Entrevistas

Durante a realização deste estudo foram mantidas conversas informais com os habitantes da Sertã para averiguar o que permanece na memória coletiva acerca dos locais de enterramento e das práticas funerárias. Foram também realizadas entrevistas que se encontram transcritas no Apêndice B.

Dos seis indivíduos entrevistados, cinco afirmaram ter conhecimento sobre as obras ocorridas em 2005 na Igreja Matriz da Sertã, a exceção, “Carla” de 24 anos, pode estar relacionada com o facto de residir numa aldeia pertencente à freguesia da Sertã.

Todos os entrevistados que responderam afirmativamente declararam também saber da existência de ossadas encontradas durante a escavação. “Ana”, de 80 anos, assumiu-se assustada e espantada quando descobriu que existiam esqueletos sob o solo da Igreja Matriz enquanto “Beatriz” (88 anos) e “Bernardo” (72 anos) asseguram que já sabiam da presença dos vestígios ósseos muito antes das obras de 2005 mencionando que há algum tempo, não conseguindo precisar a data, o chão de madeira apodreceu e foi necessária a sua renovação, tendo-se procedido à remoção de algumas ossadas que terão sido posteriormente inumadas no Cemitério Municipal. “Bernardo” referiu que mesmo que não se tivessem realizado essas obras já esperava a existência de esqueletos dentro da igreja visto que era aí que eram inumadas as pessoas em séculos passados.

Embora todos os entrevistados concordem com o estudo das ossadas, tendo demonstrado conhecerem o trabalho dos antropólogos e a possibilidade destes estimarem o sexo e a idade à morte de um indivíduo tal como identificarem algumas patologias que terá sofrido em vida, as opiniões divergem quanto à retirada dos vestígios ósseos do seu local de inumação. “Carlos”, de 24 anos, afirma que não se importa que as ossadas tenham sido exumadas desde que estas fiquem na Sertã. Também “António”, com 71 anos, e “Beatriz” defendem a permanência dos restos osteológicos na vila, salientando que “o cemitério é o sítio deles” ao passo que “Ana” entende que estes deveriam ser inumados de novo na igreja visto que fora ali que foram enterrados. Por outro lado, “Bernardo” afirma que a exumação das ossadas “pouco me disse e o que disse foi de revolta” defendendo que não se devia ter mexido nelas, quer por razões de higiene e salubridade quer por acreditar que se deve deixar os mortos em paz pois “*quando a gente morre deixem-nos em paz e não nos chateiem*”. Outra visão tem “Carla” que pensa que os restos osteológicos, devido à sua antiguidade, não deveriam estar enterrados mas sim preservados num museu.

Quando se procura comparar as opiniões destes habitantes da Sertã com outros estudos verifica-se a escassez de trabalhos. Duarte (2019) inquiriu 148 habitantes de Torres Novas, no distrito de Santarém, e concluiu que 33,1% não tinha conhecimento da existência de escavações antropológicas na cidade. Descobriu também que 31 indivíduos não compreendiam a importância do trabalho da antropologia, que oito indivíduos discordavam da recuperação das ossadas e apenas quatro se opunham ao estudo dos vestígios ósseos demonstrando que a maioria dos inquiridos reconhecia que “ [...] *a cidade beneficia histórico e culturalmente dos resultados das escavações e dos*

estudos dos vestígios ósseos”. Este reconhecimento coincide com o que ocorre no presente estudo.

As últimas três perguntas do inquérito foram efetuadas apenas aos quatro indivíduos mais idosos, ou seja, com idades superiores a 71 anos. Todos os entrevistados revelaram recordar-se da presença de ossadas no adro da Igreja Matriz. “Ana” conta que teria 8 ou 9 anos quando executaram obras nesse local e encontraram vestígios ósseos relatando que, embora não tenha chegado a ver os ossos, viu várias covas escavadas na rocha. “Beatriz” menciona as mesmas obras e acrescenta que a sua mãe lhe contou na altura que os ossos das crianças estariam separados dos restos ósseos dos adultos. Os anjos, termo utilizado para descrever as crianças falecidas, estariam na zona norte do adro enquanto os adultos ocupariam a zona de maior tamanho a sul (Figura 57). Tal como no interior da Igreja Matriz também no adro existia uma área preferencial para o enterramento dos não adultos.



Figura 57 - Igreja Matriz da Sertã e o seu adro. A inumação dos não-adultos estaria à reservada zona norte do adro (1) enquanto os enterramentos dos adultos eram realizados na zona sul (2). Adaptado de Google Earth.

A queda de um muro que delimitava o adro, e que expôs um grande número de ossos, é também recordada por “Beatriz”, “António” e “Bernardo” que descrevem uma grande quantidade de “caveiras” e “ossos das pernas” que foram depois inumados no Cemitério Municipal sem, no entanto, conseguirem precisar quer o ano quer o fragmento do muro que ruiu. Durante o decurso de obras de melhoramento na Avenida Dr. Ângelo Vidigal no verão de 2019, a autora conseguiu identificar alguns vestígios

ósseos, nomeadamente fragmentos de um fémur e de uma tíbia, junto do muro que delimita o adro da Igreja Matriz da Sertã (Figura 58). Este achado poderia ajudar a indicar o local exato em que o muro cedeu.

“Bernardo” descreve ainda que quando era adolescente era comum encontrarem ossos no adro, que na altura ainda não estava empedrado, e de terem “o desprante de ir com uma coisa afiada tirar os ossos para fora”. Na sua opinião, nunca ninguém ligou muito à presença destes ossos no adro da Igreja.



Figura 58 - Esquerda: fragmento de tíbia e fémur encontrados em 2019. Foto da autora. Direita: localização onde foram encontrados os vestígios ósseos. Adaptado de Google Earth.

Além do conhecimento de que tanto o adro como o interior da Igreja Matriz serviram outrora de cemitério, foram referidos outros locais de inumação dentro da vila. Enquanto “Ana” diz desconhecer outro que não o municipal, “António” afirma que já ouviu falar noutra mais antiga mas ignora a sua localização. Tanto “Bernardo” como “Beatriz” apontam a zona atrás da Capela de Santo Amaro como um local antigo de enterramento. “Beatriz” aponta de novo a mãe como a sua fonte e conta que ali se encontrava um cemitério anterior ao atual. A capela de Santo Amaro trata-se de um templo rural que terá sido edificado pela população sertaginense no século XVI na periferia da vila e que foi ampliado no século seguinte (Figura 59) (Macedo, 1917; Lopes, 2013; Serrão e Farinha, 2015).

Quando se construiu o Cemitério Municipal, inaugurado em 1906, foram transladadas as ossadas do cemitério de Santo Amaro tendo sido realizada uma missa que uniu a população da vila e que terá sido proferida por um padre seu familiar, narra “Beatriz” com orgulho. No entanto, nem todos os vestígios osteológicos terão sido transladados. “Bernardo” relata que quando fizeram obras no terreno atrás da referida capela para a construção das bombas de gasolina que hoje existem ainda foram

encontradas muitas ossadas e caixões de madeira que terão sido levadas para o cemitério municipal. Ainda de referir que indivíduos que não foram entrevistados, mas que falaram com a autora, mostraram conhecer a existência de uma capela no castelo da Sertã, a Capela de São João Baptista edificada pela Ordem do Hospital durante o século XIII (Lopes, 2013; Serrão e Farinha, 2015), que fora a Igreja Matriz e o cemitério primordial da localidade até à construção da matriz atual em 1404 (tendo sido referido por vários indivíduos a descoberta de uma quantidade considerável de ossos humanos durante algumas escavações no século XX, presenciadas por alguns deles), e a existência de enterramentos mais restritos em algumas pequenas capelas da freguesia.



Figura 59 - Entrada da Sertã. É observável a Capela de Santo Amaro e o muro que pertencia ao cemitério. Início do século XX. Arquivo do Clube da Sertã.

A informação sobre os locais de inumação descrita pela população é concordante com Macedo (1917: página 9) que descreve a capela do castelo como primeira Matriz e que existia junto dela o primeiro cemitério “ [...] *passando mais tarde a inumação a ser feita dentro da igreja matriz, como sucedeu em Sernache, onde ainda vi as tampas das sepulturas unidas ao soalho; depois no adro parochial, cujo cemiterio foi perfeitamente vedado [...]* ”, seguidamente passou a ser contíguo à Capela de Santo Amaro e mais tarde no local onde se encontra hoje o Cemitério Municipal (Figura 60).

O atual Cemitério Municipal foi mandado construir em 1894 para substituir o Cemitério de Santo Amaro visto este ser de pequenas dimensões e estar “*sem ordem, sem registo de sepulturas, sem as condições higiénicas precisas*” (Certaginense, 1893 em Lopes, 2013) tendo começado a funcionar em 1899, porém, apenas foi inaugurado em 1906 (Figueiredo, 1906; Lopes, 2013) é, portanto, viável afirmar que os enterramentos junto



Figura 60 - Locais de enterramento na vila da Sertã. 1- Capela de São João Baptista; 2- Igreja Matriz; 3- Capela de Santo Amaro; 4- Cemitério Municipal. Adaptado de Google Earth.

da Capela de Santo Amaro terão terminado na viragem do século. A transladação das ossadas do Cemitério de Santo Amaro para o Cemitério Municipal encontra-se referida num documento do Padre António Ramalhosa datado de 30 de Dezembro de 1906 (Lopes, 2013).

Quando questionados sobre a forma como eram realizados os enterros quando eram jovens torna-se perceptível uma maior abertura por parte do sexo feminino para abordar este assunto. Tanto “Ana” como “Beatriz” descrevem um velório em casa com o corpo em cima de uma mesa ou de uma cama pois muitas vezes o caixão só chegava no dia seguinte. *“Arranjavam uma espécie de um altar ou uma coisa assim, punham uma cruz do senhor e uns candeeiros que haviam antigamente que eram a azeite, havia uns candeeiros com uns bicos, tinham quatro bicos, [...] às vezes aquela família não tinha mas havia outras pessoas mais antigas que iam lá levar [...]”* descreve “Ana”. Os vizinhos também levavam panelas com sopa ou com arroz à família enlutada que manteria também as janelas fechadas. Estes relatos concordam com o que descreve Gonçalves (2016) para os antigos ritos comunitários de luto na população do Pinhal Interior Sul, afirmando, ainda, que a comida levada pelos vizinhos seguiria o ditado: *quem dá carne à terra não deve comer carne*. Descreve ainda o ato de aspergir o morto com água benta, ainda presente nos velórios da região. “Beatriz” relembra também que o padre não realizava missa de corpo presente, apenas encomendando a alma do defunto no cemitério, e que mais tarde a família mandaria dizer uma missa, não sendo esta, no entanto, uma missa de sétimo dia. Em certas circunstâncias o padre nem estaria presente

no funeral como no caso de um suicídio ou de nados-mortos ou, como afirma “Ana”, de alguns casais que não estariam casados pela igreja. O transporte para o cemitério era efetuado com o auxílio de uma carreta que pertencia ao hospital da Nossa Senhora do Carmo e a que teriam acesso os mais ricos e os sócios da Misericórdia, e que ainda se encontra num edifício do cemitério, enquanto os outros teriam o seu caixão transportado em braços por vários homens. As grandes distâncias entre povoações obrigavam a realizar paragens, nas quais os homens aproveitavam para comer e para rezar pela alma do defunto (Gonçalves, 2016). “Ana” recorda-se dos defuntos do Amioso, freguesia da Sertã, virem num caixão dentro de um carro de bois com alguns homens a acompanhar. Quanto à palha dentro dos caixões, “Ana” afirma que nunca ouviu falar dessa prática referindo, no entanto, que quando era jovem, os mais pobres iam embrulhados num lençol, ao contrário dos mais abastados que tinham urnas forradas com tecido.

“Ana” e “Beatriz” assertam também a importância do papel dos barbeiros e das rezas na comunidade sertaginense afirmando que antigamente *“Iam ao barbeiro do Amioso e esse talvez soubesse mais do que certos médicos que há agora, havia lá um barbeiro que valia mais que um médico e que ia tratar as pessoas por aqueles casais”*. Desde tratar dores ciáticas com um ferro quente (cortando um nervo dentro da orelha) até receitar comprimidos e mezinhas, o barbeiro fazia tudo e os seus serviços eram mais requisitados que os dos médicos por muitos populares. As rezas eram passadas de geração em geração, sendo as mulheres que as faziam muito apreciadas pela população, e abrangiam desde a cura de doenças dermatológicas e de indisposições à quebra do mau-olhado ou *“de frases que ficavam mal ditas no batismo”*, como conta “Ana” que afirma que ainda utilizou algumas dessas rezas, a conselho da sua avó, que era uma das conhecedoras desse saber, quando o seu filho bebé não dormia. Hoje em dia, por todo o concelho da Sertã, ainda são usadas essas práticas, que envolvem maioritariamente a invocação de figuras e símbolos da religião cristã, para curar dores de cabeça e patologias como o herpes zóster, também conhecido como cobrão (Fauci e Langford, 2009b).

4. Conclusão

Neste trabalho foi estudado um conjunto de ossos humanos desarticulados, com uma cronologia entre o século XV e o XIX, provenientes do interior da Igreja Matriz da Sertã. A escavação decorreu no ano de 2005 e os vestígios osteológicos foram reenterrados no Cemitério Municipal no mesmo ano, tendo-se procedido à sua exumação parcial em 2017. Para complementar a análise do perfil etário e das doenças que afetaram os habitantes da Sertã, foram recolhidos dados de 1241 registos de óbitos entre os anos 1593 e 1597, 1636 e 1640, 1736 e 1740, 1830 e 1834 e realizadas entrevistas a seis pessoas no sentido de saber a sua opinião sobre a exumação e o estudo dos vestígios osteológicos e sobre os rituais funerários antigos na localidade.

Na amostra estudada foi estimada a presença de um número mínimo de 40 indivíduos adultos e de 17 não-adultos. Foi possível averiguar o sexo através de 104 peças ósseas pertencentes a indivíduos adultos, sendo 46 referentes ao sexo masculino e 58 ao feminino. Foi estimada a idade à morte com recurso a 124 peças ósseas de não-adulto tendo sido determinada a presença de um total de dez peças ósseas pertencentes a indivíduos entre as 22 e as 40 semanas de gestação, 21 ossos a indivíduos com uma idade compreendida entre as 40 semanas e os três anos, 76 concernentes a não-adultos entre os três e os 12 anos e as restantes 17 a indivíduos com uma idade entre os 12 e os 18 anos. Nos adultos a idade foi estimada através de 19 fragmentos ósseos, com 15 referentes a indivíduos da classe dos adultos (35 a 55 anos) e quatro a indivíduos com 55 anos ou mais.

Quanto à patologia, foram recuperados quatro ossos com fraturas *ante-mortem* consolidadas, provavelmente resultantes da orografia acidentada do concelho da Sertã, dois possíveis casos de *osteomielite variolosa* em ulnas de indivíduos distintos, diagnóstico corroborado pelos registos de óbito onde existem mortes por varíola, e um possível caso de DISH ou espondilite anquilosante. Também um parietal de não-adulto apresentava lesões com diversas possíveis etiologias como doenças infecciosas ou metabólicas. Apenas foi identificado um caso de *cribra orbitalia* (1/20) e um de hiperosteose porótica na amostra (1/64), ambos pertencentes a indivíduos adultos.

Os dados recolhidos nos registos de óbitos da paróquia da Sertã permitiram descobrir que não existem diferenças significativas quanto ao número de óbitos de homens e de mulheres e, que no século XIX, a maior mortalidade (39,27%) ocorria na classe etária dos idosos (> 55), seguido da 1ª infância (20%), dos adultos (16,83%), da

2ª infância (11,46%) e dos jovens adultos (9,76%), com os adolescentes a apresentarem o menor número de óbitos (2,68%). Estes resultados coincidem com o ocorria no resto do país. Também no século XIX, foi verificável que as maiores causas de morte na paróquia eram, maioritariamente, de origem infecciosa e parasítica (17,44%) e os sintomas com possível origem infecciosa (30,52%), como por exemplo a febre, sendo os mais afetados por essas doenças os menores de três anos. Num município em que a qualidade de vida era baixa e a higiene escassa, com a população a coabitar com os animais domésticos nos mesmos edifícios e a recorrer a águas estagnadas para matar a sede no verão, era expectável que essas patologias tivessem um grande impacto na vida dos sertaginenses. A inexistência de investigações em populações rurais nesta zona do país conduziu à comparação dos dados obtidos com estudos realizados acerca de localidades no norte de Portugal, que terão um clima e um contexto distintos da Beira Baixa.

Os registos de óbito permitiram saber que no século XVIII, as inumações eram mais comuns no adro da Igreja Matriz da Sertã, não tendo sido possível, no entanto, elucidar qual o critério de enterramento quer para o exterior ou para o interior do templo. As inumações dentro da Igreja Matriz cessaram em agosto de 1834 mas, nos anos anteriores, indivíduos de diversas classes etárias e sociais eram inumados lado a lado dentro da igreja, não existindo inumações no adro.

Foi ainda possível descobrir três aumentos de mortalidade, possivelmente devido a epidemias que não se encontravam registadas na história da localidade, um no ano de 1638 e para o qual não foi possível descobrir a causa, outro que se estende desde Novembro de 1830 até Janeiro de 1832 e que se deve à varíola, e um último no ano de 1834 que poderá ter sido causado por cólera ou febre tifóide.

Quanto aos residentes entrevistados, foi observado que não existem diferenças entre as respostas dos indivíduos do sexo masculino e feminino, com quase todos os entrevistados a demonstrar um sentimento de pertença perante os vestígios ósseos, exibindo interesse nos resultados do estudo dos seus antepassados apelando, no entanto, a que estes permaneçam na sua região e sejam inumados novamente no local onde viveram. Apenas uma das entrevistadas mais jovens (24 anos) defendia uma preservação em museu das peças osteológicas. O conhecimento dos entrevistados mais velhos (com idades entre os 71 e os 88) mostrou-se indispensável para uma melhor compreensão dos rituais desta população e para a obtenção de informações sobre anteriores exumações do interior e do adro igreja, e de outras capelas na Sertã.

A multidisciplinaridade apresentou-se como uma ferramenta imprescindível para um estudo mais completo de uma população, com os dados a complementarem-se para formar uma imagem mais fiel da Sertã e dos seus antigos habitantes. É importante salientar a falta de estudos, quer antropológicos quer demográficos, neste distrito, dando este trabalho um pequeno passo para colmatar essa lacuna.

5. Bibliografia

Amorim, M. N. 1973. *Rebordãos e a sua população nos séculos XVII e XVIII*. Estudo Demográfico. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

Amorim, M. N. 1980. *Método de exploração dos livros de registos paroquiais e Cardanha e a sua população de 1573 a 1800*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, Centro de Estudos Demográficos.

Andrews, M. A., Jayan, K. G. 2011. Osteomyelitis variolosa. *Rheumatol Int.* 9: 1231-1233.

Barbosa, M. H. V. 2001. *Crises de Mortalidade em Portugal desde meados do século XVI até ao início do século XX*. Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

Barlam, T. F., Kasper, D. L. 2009. Diarreias Infecciosas (M. A. Drago, Trad.) In Fauci, A. F., Braunwald, E., Kasper, D. L., Hauser, S. L., Longo, D. L., Jameson, J. L., Loscalzo, J. (eds). *Harrison Manual de Medicina*. 17ª Edição. Alges: Euromédice, Edições Médicas, pp. 451-462.

Berkow, R., Beers, M. H., Fletcher, A. J. 1997. *Manual Merck de saúde para a família* (A. Nunes, A. Serra, F. Marques, R. Pacheco, Trad.). USA: Merck & Co., Inc.

Bluteau, R. 1712. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra; Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Disponível em: <http://purl.pt/13969>. [Acedido em 19-03-2018].

Brickley, M. B., Mays, S. 2019. Metabolic Disease In Buikstra, J. E. (ed). *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press, pp. 531-566.

Brooks, S. T., Suchey, J. M. 1990. Skeletal age determination based on the *os pubis*: a comparison of the Ascadi-Nemeskeri and Suchey-Brooks methods. *Human Evolution*, 5: 227-238.

Buikstra, J. E., Ubelaker, D. H. 1994. *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas: Archaeological Survey Research Series.

- Buzon, M. R. 2012. The Bioarchaeological Approach to Paleopathology In Grauer, A. L. (ed). *A Companion to Paleopathology*. UK: Wiley-Blackwell, pp. 58-75.
- Codinha, S. 2008. Paleobiologia do material osteológico recuperado da Capela de Nossa Senhora do Castelo (Vila Velha de Ródão). *Açafa On-line*, 1.
- Corrêa, E. B. S. 1937, 30 de Outubro. Notas. *A Comarca da Sertã*, pp. 1.
- Cruz, C. B. 2005. *Relatório antropológico de campo: Igreja Matriz da Sertã (Obras de re-pavimentação da Igreja)*. Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- Cruz, C. B. 2008. A hipótese da aplicação diferencial de agentes aceleradores da decomposição em indivíduos com patologias evidentes em vida. Poster apresentado nas I Jornadas Portuguesas de Paleopatologia, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.
- Cruz, C. B. 2009. A hipótese da aplicação diferencial de agentes aceleradores da decomposição em indivíduos com patologias evidentes em vida. In Cerdá, M. P.; García-Prósper, E. (eds). *IX Congresso Nacional de Paleopatologia - Morella*. Valencia, Grupo Paleolab: 705-714.
- Curate, F., Henriques, F. R., Rosa, S., Matos, V. M. J., Tavares, A., António, T. 2015. Mortalidade Infantil na Ermida do Espírito Santo (Almada): entre o afecto e a marginalização. *Al-Madan*. Centro de Arqueologia de Almada. 19: 68-74.
- Curto, A. Q. 2011. *Por terras templárias. Estudo paleobiológico de uma amostra osteológica humana inumada em Santa Maria Olivais, Tomar*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Darton, Y., Richard, I., Truc, M. C. 2013. Osteomyelitis variolosa: A probable mediaeval case combined with unilateral sacroiliitis. *International Journal of Paleopathology*. 3: 288-293.
- Davidson, J. C., Palmer, P. E. S. 1963. Osteomyelitis variolosa. *The Journal of Bone and Joint Surgery*. 4: 687-693.

Decreto de Lei n.º 11-A/2013 de 28 de Janeiro. *Diário da República n.º 19/2013, 1º Suplemento, Série I*. Lisboa: Assembleia da República.

Direcção-Geral de Saúde. 1931. *Inquérito de Higiene Rural*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Domingues, J. G. 2017. *Misericórdia com alma*. Estarreja: Santa Casa da Misericórdia de Vila de Rei.

Duarte, V. 2019. *Escavações antropológicas em Torres Novas: o que pensam os torrejanos?* VII Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, Lisboa.

Farinha, L. F. 1930. *A Sertã e o seu Concelho*. Lisboa: Escola Tip. Das Oficinas de S. José.

Fauci, A. F., Langford, C. A. 2009a. Espondilite Anquilosante (M. A. Drago, Trad.) In Fauci, A. F., Braunwald, E., Kasper, D. L., Hauser, S. L., Longo, D. L., Jameson, J. L., Loscalzo, J. (eds). *Harrison Manual de Medicina*. 17º Edição. Alges: Euromédice, Edições Médicas, pp. 895-897.

Fauci, A. F., Langford, C. A. 2009b. Patologias Cutâneas Frequentes (M. A. Drago, Trad.) In Fauci, A. F., Braunwald, E., Kasper, D. L., Hauser, S. L., Longo, D. L., Jameson, J. L., Loscalzo, J. (eds). *Harrison Manual de Medicina*. 17º Edição. Alges: Euromédice, Edições Médicas, pp. 309-319.

Fazekas, I. G., Kósa, F. 1978. *Forensic Fetal Osteology*. Budapeste: Akadémiai Kiadó.

Ferembach, D., Schwidetzky, I., Stloukal, M. 1980. Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9: 517-549.

Figueiredo, D. T. 1906. *Elogio Fúnebre a Guilherme Nunes Marinha*. Sertã: Minerva Celinda.

Finnegan, M. 1978. Non-metric variation of the infracranial skeleton. *Journal of Anatomy*, 125: 23 – 37.

Freitas, D. 2002. *Doenças do Aparelho Digestivo*. Barcarena: AstraZeneca.

Godinho, A. S. D. 2010. *Lisboa Pré-Pombalina: a Freguesia da Sé, Demografia e Sociedade (1563-1755)*. Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, ISCTE.

Gonçalves, A. A. S. 2011. *Estudo paleobiológico de uma amostra osteológica inumada em Santa Maria dos Olivais, Tomar*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.

Gonçalves, J. A. R. 2016. *Luto: realidade necessária e desafiadora. Vivências e interpelações pastorais na Zona do Pinhal Interior Sul*. Castelo Branco: RVJ – Editores.

Grauer, A. L. 2019. Circulatory, Reticuloendothelial, and Hematopoietic Disorders In Buikstra, J. E. (ed). *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press, pp. 441-478.

Grauer, A. L. Roberts, C. A. 2019. Fungal, Viral, Multicelled Parasitic, and Protozoan Infections In Buikstra, J. E. (ed). *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press, pp. 441-478.

Hauser, G., De Stefano, G. F. 1989. Epigenetic variants of the human skull. Stuttgart, E. Schweizerbart'sche Verlagsbuchhandlung.

Herscovici Jr., D., Anglen, J. O., Archdeacon, M. Cannada, L., Scaduto, J. M. 2008. Avoiding complications in the treatment of pronation-external rotation ankle fractures, syndesmotomic injuries, and talar neck fractures. *J Bone Joint Surg Am*. 4: 898-908.

Kanis, J. A., Burlet N., Cooper, C., Delmas, P. D., Reginster, J. Y., Borgstrom, F., Rizzoli, R. 2008. European guidance for the diagnosis and management of osteoporosis in postmenopausal women. *Osteoporos. Int*. 19: 399-428.

Koztowski, T., Witas, H. W. 2016. Metabolic and Endocrine Diseases In Grauer, A. L. (ed). *A Companion to Paleopathology*. UK: Wiley-Blackwell, pp. 401-419.

Larsen, C. S. 2002. Bioarchaeology: The Lives and Lifestyles of Past People. *Journal of Archaeological Research*. 2: 119-166.

- Larsen, C. S. 2006. The Changing Face of Bioarchaeology: An Interdisciplinary Science. In Buikstra, J. E., Beck, L. A. (eds.) *Bioarchaeology: The contextual analysis of human remains*. San Diego: Academic Press, pp. 359-374.
- Lewis, M. 2004. Endocranial Lesions in Non-adult Skeletons: Understanding their Aetiology. *Int. J. Osteoarchaeol.* 14: 82-97.
- Lewis, M. 2018. *Paleopathology of Children: Identification of Pathological Conditions in the Human Skeletal Remains of Non-Adults*. London: Academic Press.
- Lopes, R. P. 2013. *História da Sertã*. Sertã: Câmara Municipal da Sertã.
- Lovejoy, C. O., Meindl, R. S., Prysbeck, T. R., Mensfourth, R. P. 1985. Chronological metamorphosis of the auricular surface of the ilium: a new method for the determination of adult skeletal age at death. *American Journal of Physical Anthropology*, 68: 15-28.
- Macedo, J. M. 1917. *Memoria sobre a Capella de N. S. da Conceição na Villa da Certã*. Castelo Branco: Typografia Progresso.
- MacIntyre, N. J., Dewan, N. 2016. Epidemiology of distal radius fractures and factors predicting risk and prognosis. *Journal of Hand Therapy*, 29: 136-145.
- Manuila, L., Manuila, A., Lewalle, P., Nicoulin, M. 2004. *Dicionário Médico* (J. A. Falcato, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Marinha, E. 1918, 10 de Março. Saúde pública. *Pátria de Celinda*, pp. 1.
- Mays, S. A. 2006. A palaeopathological study of Colles' fracture. *Int. J. Osteoarchaeol.*, 16: 415-428.
- Mendonça, M. C. 2000. Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Anthropology*, 112: 39-48.
- Moreira, M. J. G. 2008. O Século XVIII In Rodrigues, T. F. (coord). *História da população portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Nellans, K. W., Kowalski, E., Chung, K. C. 2012. The epidemiology of distal radius fractures. *Hand Clin.*, 28: 113-125.

Oliver, G., Fully, G., Aaron, G., Tissier, G. 1978. New estimations of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7: 513-518.

Organização Mundial de Saúde. 2018. *International classification of diseases for mortality and morbidity statistics (11th Revision)*. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. [Acedido em 10-09-2018]

Ortner, J. 2016. Differential Diagnosis and Issues in Disease Classification In Grauer, A. L. (ed). *A Companion to Paleopathology*. UK: Wiley-Blackwell, pp. 250-267.

PORDATA. 2019. Índice de longevidade: Onde há mais e menos pessoas com 75 e mais anos por 100 idosos? Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+longevidade-457>. [Acedido em 19-10-2020].

Portal de Saúde Pública. 2008. *Análise Demográfica e Sanitária: alguns indicadores e conceitos elementares*. Disponível em: http://portal.anmsp.pt/02-Epidemiologia/021-Demografia/Demografia_conceitos.htm#il. [Acedido em 19-10-2020].

Queiroz, M. V. 1996. *Reumatologia Clínica*. Lisboa: LIDEL-Edições Técnicas, Lda.

Raposo, F. M. 2000. *Estudo Demográfico de uma Paróquia do Planalto Mirandês Palaçoulo (1656-1910)*. Guimarães: NEPS-Universidade do Minho.

Ribeiro, P., Silva, B., Matos, V. 2012, Novembro. *Osteomielite femoral num indivíduo exumado da necrópole rupestre do adro da Sé Catedral (Igreja de São Miguel) de Castelo Branco, Portugal*. Poster apresentado nas III Jornadas Portuguesas de Paleopatologia, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.

Roberts, C. A. 2019. Infectious Disease: Introduction, Periostosis, Periostitis, Osteomyelitis and Septic Arthritis In Buikstra, J. E. (ed). *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press, pp. 285-319.

Roberts, C. A., Buikstra, J. E. 2019. Bacterial Infections In Buikstra, J. E. (ed). *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press, pp. 321-439.

Roberts, C., Manchester, K. 2010. *The Archaeology of Disease*. Gloucestershire: The History Press.

Rodrigues, T. F. 2008a. As vicissitudes do povoamento nos séculos XVI e XVII In Rodrigues, T. F. (coord). *História da população portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Rodrigues, T. F. 2008b. O Século XIX In Rodrigues, T. F. (coord). *História da população portuguesa. Das longas permanências à conquista da modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Rodrigues, T. M. 1996. Um caso de mortalidade diferencial urbana: a Lisboa dos séculos XVI a XIX. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Edições Colibri, 9: 391-401.

Sabrosa, A., Henriques, A. R. 2005. *Igreja Matriz da Sertã – acompanhamento arqueológico das obras de remodelação interior. Relatório final*.

Salvado, M. A. N. 2011. A epidemia de 1864 no concelho da Sertã e a questão da formação dos curandeiros. *Medicina na Beira Interior: da Pré-História ao século XXI*, 25: 60-65.

Schaefer, M., Black, S.; Scheuer, L. 2009. *Developmental juvenile osteology*. USA: Academic Press.

Scheuer, L., Black, S. 2000. *Developmental juvenile osteology*. San Diego: Elsevier Academic Press.

Sequeira, L. 2017. *A igreja matriz da Sertã*. Sertã: Município da Sertã.

Serrão, V., Farinha A. M. 2015. *Arte por terras de Nun'Álvares*. Pintores e Obras dos Séculos XVI a XVIII na Sertã e em Proença-a-Nova. Lisboa: Theya Editores.

Silva, A. M. 1993. *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II. Estudo Antropológico*. Relatório de investigação em Ciências Humanas. Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

- Silva, J. A. P. 2004. *Reumatologia Prática*. Coimbra: Diagnóstico, Lda.
- Sternbach, G. 1985. Abraham Colles: Fracture of the carpal extremity of the radius. *The Journal of Emergency Medicine*, 6: 447-450.
- Teixeira, C. S. 1926. *Antiguidades, famílias e varões ilustres de Sernache do Bom Jardim e seus contornos*. Tip. do Instituto.
- Ubelaker, D.H. 1989. *Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation*. Washington: Taraxacum.
- Veiga, T. R. 2004. *A População Portuguesa no século XIX*. Porto: Edições Afrontamento.
- Waldron, T. 2016. Joint Disease In Grauer, A. L. (ed). *A Companion to Paleopathology*. UK: Wiley-Blackwell, pp. 513-530.
- Waldron, T. 2019. Joint Disease In Buikstra, J. E. (ed). *Ortner's Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London: Academic Press, pp. 719-748.
- Walker, P. L., Bathurst, R. R., Richman, R., Gjerdrum, T., Andrushku, V. A. 2009. The Causes of Porotic Hyperostosis and Cribra Orbitalia: A Reappraisal of the Iron-Deficiency-Anemia Hypothesis. *American Journal of Physical Anthropology*, 139: 109-125.
- Wasterlain, R. S. C. N. 2000. *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Weston, D. A. 2016. Nonspecific Infection in Paleopathology: Interpreting Periosteal Reactions In Grauer, A. L. (ed). *A Companion to Paleopathology*. UK: Wiley-Blackwell, pp. 492-512.

Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

Livro de Registo de Óbitos, Paróquia da Sertã, Nº 8, 1833 – 1859. Disponível em:
<https://digitarq.adctb.arquivos.pt/viewer?id=1050790>.

Centro Paroquial da Sertã

Livro de Registo de Óbitos, Paróquia da Sertã, 1593-1600.

Livro de Registo de Óbitos, Paróquia da Sertã, Século XVII.

Livro de Registo de Óbitos, Paróquia da Sertã, Século XVIII.

Livro de Registo de Óbitos, Paróquia da Sertã, 1811-1859.

Anexo A

Tabela A 1 – Espólio recuperado durante a escavação arqueológica na Igreja Matriz da Sertã no ano de 2005. Adaptado de Sabrosa e Henriques (2005).

	Objeto	Quantidade	Cronologia	Referência
Área 1	Moeda	1	Século XVIII	Página 16
	Botão em osso	2	Não determinado	
	Fragmento de telha	1		
	Fragmento de faiança	1		
	Alfinetes	4		
	Prego em cobre	2		
	Fivelas de cinto em bronze	7		
	Crucifixo em madeira	1		
	Pendente cruciforme em bronze	1		
	Botão em bronze	1		
	Fragmento de cerâmica vidrada	1		
	Fragmento de bordo em vidro	2		
	Fragmento de riscador em xisto	1		
	Fragmento de chapinhas em bronze	3		
	Sola de sapato	1		
	Fragmento de bojo em cerâmica comum	1		
Fragmento de conta em pasta de vidro	1			
Fragmento de azulejo policromático	43	Século XVII		
Área 2	Fragmento de azulejo policromático	16	Século XVII	Página 18 e 19
	Botão em bronze	1	Não determinado	
	Fragmento de bojo em cerâmica comum	1		
	Fivelas de cinto em bronze	6		
	Botão em osso	4		
	Fragmento de faiança	1		
	Terço/Rosário incompleto	2		
	Moeda	1		
	Medalhas religiosas	2		
	Fragmento de anel em pasta de vidro	1		
	Crucifixo (pendente) em bronze	1		
	Chapa em bronze	1		
	Alfinetes	5		
	Botão	1		
Área 2 Sepultura 1	Terço/Rosário	1	Não determinado	
	Fragmento de fundo em vidro	1		
	Alfinete	8		
	Cordão de hábito	1		
	Medalha em bronze	1		

	Objeto	Quantidade	Cronologia	Referência
Área 3	Fragmento de azulejo policromático	2	Século XVII	Página 19
	Malhas de jogo	2	Não determinado	
	Fragmento de figura de Cristo em cerâmica	1		
	Fivela em bronze	1		
	Conta em pasta de vidro	1		Página 20
	Botão em bronze	1		
	Terço/Rosário	1		
	Medalha em bronze	1		
	Fragmento de porcelana	1		
Área 4	Fragmento de azulejo policromático	11	Século XVII	Página 20
	Fragmento de cerâmica vidrada	1	Não determinado	
	Fivela em bronze	2		
	Fivela em ferro	1		
Área 5	Fragmento de azulejo policromático	79		Século XVII
	Fragmento de fundo em faiança	1	Não determinado	
	Fivela em bronze	1		



Figura A 1 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 1 durante o acompanhamento arqueológico: fragmento de azulejo policromático do séc. XVII, botões em osso, pendente cruciforme em bronze, crucifixo em madeira, fivela em bronze, sola de sapato de indivíduo infante-juvenil. Retirado de Sabrosa e Henriques, 2005: página 18.

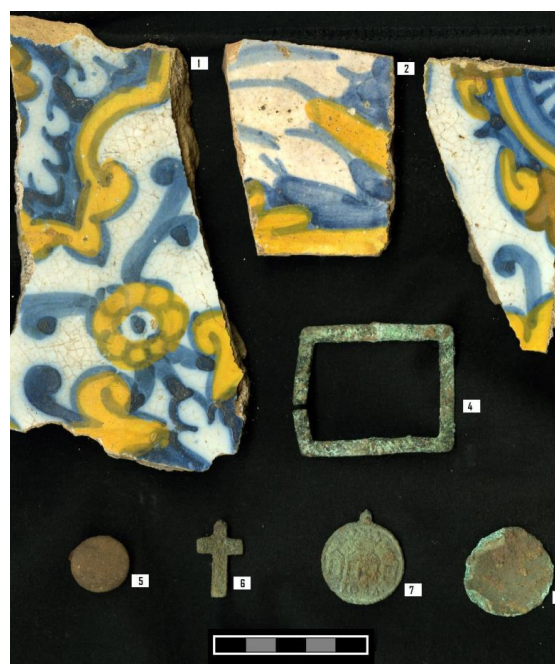


Figura A 2 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 2 durante o acompanhamento arqueológico: fragmento de azulejo policromático do século XVII, fivela em bronze, botão, pendente cruciforme, medalha com inscrição, moeda sem leitura possível Retirado de Sabrosa e Henriques, 2005: página 19.



Figura A 3 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 3 durante o acompanhamento arqueológico: fragmento de azulejo policromático do séc. XVII, fragmento de figura de Cristo em cerâmica, fivela em bronze, malha de jogo em xisto, fragmento de faiança, medalha de bronze com imagem de S. Francisco, conta em pasta de vidro, botão em bronze. Retirado de Sabrosa e Henriques, 2005: página 20.



Figura A 4 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 4 durante o acompanhamento arqueológico: fragmento de azulejo policromático do séc. XVII, fivela em bronze, fivela em ferro. Retirado de Sabrosa e Henriques, 2005: página 21.



Figura A 5 – Conjunto parcial do material recolhido na Área 5 durante o acompanhamento arqueológico: fragmento de azulejo policromático do séc. XVII, fivela em bronze. Retirado de Sabrosa e Henriques, 2005: página 22.

Apêndice A

Tabela A 1 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1593 e 1597.

Data	Localidade	Sexo	Data	Localidade	Sexo
26/08/1593	Vila	Feminino	20/04/1594	Vila	Masculino
30/08/1593	Vila	Masculino	20/04/1594	Vila	Feminino
31/08/1593	Vila	Feminino	26/04/1594	Outeiro da Lagoa	Masculino
15/09/1593	Bailão	Masculino	29/04/1594	Vila	Feminino
07/10/1593	Vila	Feminino	02/05/1594	Outeiro	Feminino
11/10/1593	Calvos	Masculino	03/05/1594	Rebaxia dos Faustinos	Feminino
18/10/1593	Verdelhos	Feminino	05/05/1594	Pombas	Masculino
23/10/1593	Vila	Masculino	08/05/1594	Rebaxia dos Tomes	Masculino
24/10/1593	Vila	Feminino	08/05/1594	Poiares	Feminino
04/11/1593	Vila	Feminino	09/05/1594	Casal de Santa Anna	Feminino
05/11/1593	Vila	Masculino	10/05/1594	Albergaria	Masculino
06/11/1593	Herdade	Masculino	16/05/1594	Codiceira	Feminino
06/11/1593	Castanheiro	Masculino	19/05/1594	Aldeia da Ribeira	Feminino
08/11/1593	Vila	Feminino	22/05/1594	Albergaria	Masculino
11/11/1593	Vila	Masculino	27/05/1594	Outeiro da Lagoa	Feminino
11/11/1593	Faleiros	Masculino	30/05/1594	Vila	Masculino
13/11/1593	Codiceira	Feminino	04/06/1594	Vila	Masculino
17/11/1593	Bornes	Feminino	28/06/1594	Vila	Masculino
19/11/1593	Venestal	Masculino	14/07/1594	Castelo Velho	Masculino
19/11/1593	Poiares	Feminino	17/07/1594	Aldeia da Ribeira	Feminino
21/11/1593	Vila	Feminino	24/07/1594	Vila	Feminino
24/11/1593	Vale do Homem	Masculino	07/08/1594	Vila	Feminino
31/11/1593	Vila	Masculino	13/08/1594	Vila	Feminino
09/12/1593	-----	Masculino	15/08/1594	Vaquinhas Fundeira	Feminino
16/12/1593	Vila	Masculino	17/08/1594	Vila	Masculino
02/01/1594	Lameira	Masculino	19/08/1594	Azinheira	Masculino
09/01/1594	Herdade	Feminino	08/09/1594	Vila	Feminino
10/01/1594	Tojal	Masculino	10/09/1594	Marmeleiro	Masculino
13/01/1594	Herdade	Feminino	11/09/1594	Tojal	Feminino
19/01/1594	Castro	Masculino	14/09/1594	-----	Feminino
19/01/1594	Herdade	Masculino	20/09/1594	Vila	Masculino
22/01/1594	Albergaria	Masculino	25/09/1594	Vila	Masculino
28/01/1594	Passaria	Feminino	26/09/1594	Gordinheira	Feminino
31/01/1594	Portela	Feminino	29/09/1594	Vila	Feminino
11/02/1594	Vila	Masculino	20/10/1594	Casalinho	Masculino
19/02/1594	Casal dos Gafos	Masculino	21/10/1594	Vaquinhas	Feminino
24/02/1594	Aldeia da Ribeira	Feminino	29/10/1594	Serra de São Domingos	Feminino
01/03/1594	Calvos	Masculino	04/11/1594	Faleiros	Masculino
25/03/1594	Picoto	Masculino	10/11/1594	Outeiro	Masculino
26/03/1594	Vila	Feminino	21/11/1594	Boais	Masculino
28/03/1594	Vila	Masculino	24/11/1594	Cernadas	Feminino
03/04/1594	Picoto	Feminino	03/12/1594	Lameira	Masculino
17/04/1594	Vale Porco	Masculino	17/12/1594	Vale da Cortiçada	Feminino
18/04/1594	Cernadas	Masculino	19/12/1594	Vale da Cortiçada	Feminino
20/04/1594	Outeiro	Masculino	20/12/1594	Herdade	Feminino

Data	Localidade	Sexo	Data	Localidade	Sexo
28/12/1594	Faleiros	Feminino	18/11/1595	Serra de São Domingos	Feminino
04/01/1595	Outeiro	Feminino	22/11/1595	Vila	Feminino
07/01/1595	Faleiros	Feminino	25/11/1595	Castanheiro	Masculino
09/01/1595	Vila	Masculino	26/11/1595	Marmeleiro	Feminino
27/01/1595	Vila	Feminino	26/11/1595	Codiceira	Masculino
01/02/1595	Vila	Feminino	30/11/1595	Casal Queimado	Masculino
01/02/1595	Tojal	Feminino	15/12/1595	Arrifana	Feminino
01/02/1595	Codiceira	Feminino	18/12/1595	Vila	Masculino
02/03/1595	Codiceirinha	Feminino	21/12/1595	Vila	Feminino
03/03/1595	Carnapete	Feminino	22/01/1596	Serra de São Domingos	Masculino
04/03/1595	Codiceira	Feminino	24/01/1596	Vila	Feminino
05/03/1595	Vila	Feminino	28/01/1596	Cimo da Ribeira	Feminino
08/03/1595	Castelo	Feminino	29/01/1596	Vila	Feminino
10/03/1595	Outeiro	Feminino	06/02/1596	Calvos	Masculino
15/03/1595	Albergaria	Masculino	12/02/1596	Lameira	Masculino
20/03/1595	Vila	Feminino	17/02/1596	Lameira	- - - - -
26/03/1595	Cortes	Feminino	19/02/1596	Vila	Feminino
05/04/1595	Vila	Masculino	22/02/1596	- - - - -	Masculino
25/04/1595	Vila	Masculino	01/03/1596	Casal de São Aenes	Feminino
25/04/1595	Cabeçudo	Feminino	09/03/1596	Bezerrins	Masculino
05/05/1595	Vila	Masculino	09/03/1596	Vila	Masculino
10/06/1595	Mosteiro	Masculino	10/03/1596	Vila	Masculino
14/06/1595	Vila	Masculino	14/03/1596	Abelheira	Masculino
30/06/1595	Casal da Estrada	Masculino	28/03/1596	Aldeia da Ribeira	Feminino
03/07/1595	Poldreiro	Masculino	02/04/1596	Boais	Masculino
12/07/1595	Cernadas	Feminino	03/04/1596	Castanheiro	Masculino
14/07/1595	Vila	Feminino	04/05/1596	Ribeira Cerdeira	Masculino
24/07/1595	Vila	Feminino	08/05/1596	Vale da Cortiçada	Feminino
04/08/1595	Castanheiro	Masculino	08/05/1596	Aldeia da Ribeira	Masculino
14/08/1595	Bailão	Feminino	13/05/1596	Bernardia	Masculino
18/08/1595	Carnapete	Feminino	24/05/1596	Abegoaria	Feminino
30/08/1595	Passaria	Feminino	05/06/1596	Ameixoeira	Feminino
04/09/1595	Vila	Feminino	30/06/1596	Vila	Masculino
04/09/1595	Vila	Feminino	04/07/1596	Arrifana	Masculino
11/09/1595	Vale da Cortiçada	Masculino	08/07/1596	Casal de Afonso	Feminino
11/09/1595	Vila	Feminino	10/07/1596	Carnapete	Feminino
15/09/1595	Granja	Masculino	25/07/1596	Vila	Feminino
19/09/1595	Outeiro da Lagoa	Masculino	25/07/1596	Vila	Feminino
22/09/1595	Vila	Masculino	10/08/1596	Vila	Masculino
23/09/1595	- - - - -	Feminino	10/08/1596	Tojal	Masculino
26/09/1595	Vila	Feminino	15/08/1596	Calvos	Feminino
10/10/1595	Carnapete	Feminino	18/08/1596	Aldeia da Ribeira	Masculino
11/10/1595	Granja	Feminino	24/08/1596	Bailão	Feminino
21/10/1595	Mosteiro	Masculino	27/08/1596	Gordinheira	Feminino
28/10/1595	Vila	Feminino	28/08/1596	Codiceira	Feminino
30/10/1595	Naves	Masculino	29/08/1596	Passaria	Masculino
12/11/1595	Bezerrins	Feminino	12/09/1596	Bailão	Feminino

Data	Localidade	Sexo
13/09/1596	Verdelhos	Masculino
01/10/1596	Mosteiro	Masculino
20/10/1596	Tojal	Feminino
28/10/1596	Tojal	Feminino
04/11/1596	Vale Godinho	Masculino
08/11/1596	Gesteira	Feminino
22/11/1596	Vila	Feminino
12/12/1596	Calvos	Feminino
13/12/1596	Granja	- - -
07/01/1597	Carnapete	Feminino
20/01/1597	Outeiro	Masculino
22/01/1597	Mata do Outeiro	Feminino
26/01/1597	Mata do Outeiro	Feminino
26/01/1597	Vila	Masculino
06/02/1597	Vila	Masculino
10/02/1597	Vila	Masculino
15/02/1597	Mougueira	Masculino
16/02/1597	Outeiro da Lagoa	Feminino
22/02/1597	Granja	Masculino
12/03/1597	Vila	Feminino
24/03/1597	Arrifana	Feminino
07/04/1597	Ameixieira	Feminino
09/04/1597	Carnapete	Feminino
20/04/1597	Poiães	Feminino
14/05/1597	Codiceirinha	Feminino
26/05/1597	Castanheiro	Masculino
27/05/1597	Vila	Masculino
28/05/1597	Vila	Feminino
06/06/1597	Amioso	Masculino
14/07/1597	Tojal	Masculino
14/07/1597	Tojal	Feminino
28/07/1597	Vila	Feminino
12/08/1597	Vila	Masculino
13/08/1597	Vila	Masculino
17/08/1597	Pombas	Masculino
04/09/1597	- - -	Feminino
14/09/1597	Carnapete	Feminino
16/09/1597	Vilar	Feminino
20/09/1597	Aldeia de São João da Tira	Feminino
21/09/1597	Aldeia da Ribeira	Masculino
27/09/1597	Vila	Feminino
28/09/1597	Vila	Feminino
29/09/1597	Ramalhosa	Feminino
30/09/1597	Vila	Masculino
03/10/1597	Carnapete	Masculino
05/10/1597	Salomão	Masculino

Data	Localidade	Sexo
05/10/1597	Serra	Feminino
14/10/1597	Abegoaria	Feminino
18/10/1597	Vila	Feminino
27/10/1597	Vaquinhas	Feminino
01/11/1597	Gesteira	Masculino
14/11/1597	Vila	Feminino
20/11/1597	Codiceira	Masculino
06/12/1597	Ilegível	Masculino
13/12/1597	Outeiro	Feminino

Tabela A 2 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1636 e 1640.

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Data	Localidade	Sexo	Estado Civil
05/01/1636	Ilegível	Masculino	Solteiro	07/12/1636	Herdade	-----	-----
21/01/1636	Abegoaria	Feminino	Viúvo	08/12/1636	Vila	Feminino	Casado
10/02/1636	Malpica	Feminino	Viúvo	30/12/1636	Vila	Masculino	-----
18/02/1636	Codiceirinha	Masculino	----	01/01/1637	Passaria	Masculino	-----
20/02/1636	Vila	Feminino	Casado	13/01/1637	Picoto	Masculino	-----
14/03/1636	Alcoutim	Masculino	-----	18/01/1637	Malpica	Feminino	Casado
16/03/1636	Vila	Masculino	-----	21/01/1637	Cabeçudo	Masculino	-----
17/03/1636	Herdade	Feminino	Casado	25/01/1637	Aldeia da Ribeira	Feminino	-----
20/03/1636	Vila	Masculino	-----	27/01/1637	Bernardia	Feminino	Casado
25/03/1636	Bailão	Masculino	-----	28/01/1637	-----	Feminino	
04/04/1636	Vila	Feminino	-----	28/01/1637	Vila	Masculino	Solteiro
06/04/1636	Vila	Feminino	-----	28/01/1637	Albergaria	Masculino	-----
10/04/1636	Herdade	Masculino	-----	29/01/1637	Castanheiro Pequeno	Feminino	-----
15/04/1636	Vila	Feminino	Casado	01/02/1637	Pombas	Masculino	-----
20/04/1636	Gesteira	Masculino	-----	07/02/1637	Albergaria	Masculino	-----
25/04/1636	-----	Masculino	Solteiro	12/02/1637	-----	Masculino	-----
09/05/1636	Vila	Feminino	-----	22/02/1637	Faleiros	Masculino	-----
11/05/1636	Vila	Masculino	-----	22/02/1637	Vila	Feminino	Casado
15/05/1636	Serra	Feminino	Casado	02/03/1637	-----	Masculino	Solteiro
27/05/1636	Rebaxia	Feminino	Casado	02/03/1637	-----	Masculino	-----
29/05/1636	-----	Masculino	-----	05/03/1637	Bezerrins	Masculino	-----
10/06/1636	Vila	Masculino	-----	06/03/1637	Vila	Feminino	Casado
22/06/1636	Vila	Feminino	Viúvo	07/03/1637	Vila	Masculino	Viúvo
28/06/1636	Serra de São Domingos	Feminino	Casado	08/03/1637	Passaria	Feminino	Casado
03/07/1636	Serra de São Domingos	Feminino	Casado	25/03/1637	Cabeçudo	Masculino	-----
09/07/1636	Passaria	Feminino	Casado	02/04/1637	Abelheira	Masculino	-----
15/07/1636	Castelo	Masculino	Solteiro	12/04/1637	Mougueira	Masculino	-----
16/07/1636	Carnapete	Masculino	-----	17/04/1637	-----	Masculino	-----
18/07/1636	Vila	Feminino	-----	18/04/1637	Ilegível	Masculino	Solteiro
20/07/1636	Lameira	Feminino	-----	23/04/1637	Castanheiro Grande	Feminino	Casado
21/07/1636	Tojal	Masculino	-----	05/05/1637	Chão da Forca	Feminino	Casado
01/08/1636	Vila	Feminino	Casado	18/05/1637	-----	Feminino	Viúvo
08/08/1636	Vila	Masculino	-----	25/05/1637	Vila	Masculino	
27/08/1636	-----	Masculino	Solteiro	28/05/1637	Calvos	Feminino	Viúvo
01/09/1636	Vale da Cortiçada	Feminino	-----	18/06/1637	Vila	Feminino	Solteiro
09/09/1636	Bezerrins	-----	-----	07/07/1637	-----	Feminino	Casado
15/09/1636	Castanheiro	Masculino	-----	08/07/1637	Vila	Feminino	Viúvo
25/09/1636	Cardim	Masculino	-----	11/07/1637	Torrinha	Masculino	-----
27/09/1636	Maxial da Carreira	Feminino	Casado	21/07/1637	-----	Feminino	-----
07/10/1636	Venestal	Masculino	-----	28/07/1637	Carnapete	Masculino	-----
13/10/1636	Amioso	Feminino	Solteiro	31/07/1637	-----	Feminino	-----
15/10/1636	Vila	Feminino	-----	06/08/1637	Ovelheiro	Feminino	Casado
19/10/1636	Sequeira	Masculino	Solteiro	16/08/1637	-----	Feminino	Casado
11/11/1636	Vila	Masculino	-----	21/08/1637	-----	Feminino	-----

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Data	Localidade	Sexo	Estado Civil
28/08/1637	-----	Masculino	Viúvo	10/04/1638	Serra do Pinheiro	Masculino	-----
28/08/1637	-----	Feminino	-----	16/04/1638	Maxial	Masculino	Casado
28/08/1637	Vila	Feminino	Casado	17/04/1638	Maxial	Feminino	Viúvo
21/09/1637	Vila	Feminino	Solteiro	24/04/1638	Pombas	Masculino	-----
21/09/1637	Albergaria	Masculino	-----	10/05/1638	Aldeia da Ribeira Cimeira	Feminino	Casado
23/09/1637	Malpica	Masculino	-----	14/05/1638	-----	Masculino	-----
07/10/1637	Tapada	Masculino	-----	14/05/1638	-----	Masculino	-----
16/10/1637	Vila	Feminino	-----	21/05/1638	Rebaxia	Masculino	-----
17/10/1637	Tojal	Feminino	-----	04/06/1638	Herdade	Feminino	Viúvo
19/10/1637	Serra de São Domingos	Masculino	-----	05/06/1638	-----	Masculino	-----
29/10/1637	Serra	Feminino	-----	05/06/1638	-----	Feminino	Casado
30/10/1637	Serra de São Domingos	Masculino	Solteiro	30/06/1638	-----	Feminino	Casado
12/11/1637	Mougueira	Masculino	-----	12/07/1638	Abelheira	Feminino	Casado
15/11/1637	Bernardia	Feminino	Viúvo	13/07/1638	Outeiro da Lagoa	Feminino	Solteiro
18/11/1637	-----	Masculino	-----	21/07/1638	Venestal	Masculino	-----
21/11/1637	Vila	-----	-----	21/07/1638	Cardiga Fundeira	Masculino	Viúvo
21/11/1637	Vila	Masculino	-----	22/07/1638	Vila	Masculino	-----
21/11/1637	Abelheira	Feminino	Casado	26/07/1638	Vila	Feminino	Viúvo
23/11/1637	Nossa Senhora do Olival	Feminino	Casado	28/07/1638	Vila	Masculino	-----
24/11/1637	Cimo da Ribeira	Masculino	-----	28/07/1638	Outeiro	Feminino	Solteiro
26/11/1637	-----	Feminino	Viúvo	29/07/1638	Gordinheira	Feminino	-----
27/11/1637	-----	Masculino	-----	01/08/1638	Outeiro da Lagoa	Masculino	-----
28/11/1637	Casal dos Gafos	Masculino	-----	01/08/1638	-----	Feminino	-----
06/12/1637	-----	Feminino	-----	02/08/1638	Guardinheira	Masculino	-----
20/12/1637	Bailão	Masculino	-----	03/08/1638	Cabeçudo	Feminino	Solteiro
31/12/1637	Bernardia	Feminino	Casado	03/08/1638	Cabeçudo	Masculino	Solteiro
01/01/1638	Tojal	Masculino	Solteiro	05/08/1638	-----	Masculino	-----
15/01/1638	-----	Feminino	Viúvo	05/08/1638	Casal de Ordem	Masculino	-----
01/02/1638	Tojal	Masculino	-----	05/08/1638	Arrifana	Feminino	Solteiro
02/02/1638	-----	Feminino	Solteiro	06/08/1638	Vale da Cortiçada	Feminino	Solteiro
06/02/1638	Ilegível	Masculino	Solteiro	07/08/1638	Vila	Masculino	Solteiro
21/02/1638	-----	Feminino	Viúvo	12/08/1638	-----	Feminino	Casado
09/03/1638	Herdade	Feminino	-----	14/08/1638	Calvos	Feminino	Viúvo
10/03/1638	Calvos	Feminino	Viúvo	14/08/1638	Cabeçudo	Feminino	Solteiro
17/03/1638	Calvos	Feminino	Viúvo	17/08/1638	Chão da Forca	Feminino	Solteiro
25/03/1638	Calvos	Feminino	Casado	18/08/1638	-----	Masculino	Solteiro
07/04/1638	Cabeçudo	Masculino	-----	18/08/1638	Mata	Feminino	Viúvo
07/04/1638	Serra de São Domingos	Feminino	Viúvo	18/08/1638	Cernache do Bonjardim	Masculino	Casado
08/04/1638	Calvos	Feminino	Viúvo	18/08/1638	-----	Feminino	Casado

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Data	Localidade	Sexo	Estado Civil
19/08/1638	Vilar	Feminino	Solteiro	20/03/1639	Casal dos Gafos	Feminino	Viúvo
20/08/1638	Vila	Masculino		20/03/1639	-----	Feminino	-----
22/08/1638	Amioso	Feminino	Viúvo	29/03/1639	Codiceira	Masculino	Casado
25/08/1638	Vilar	Masculino	-----	09/04/1639	-----	Masculino	Solteiro
27/08/1638	-----	Feminino	-----	20/04/1639	-----	Masculino	Viúvo
27/08/1638	Poldreiro	Masculino	-----	07/05/1639	Portela	Feminino	Viúvo
27/08/1638	Serra	Feminino	Viúvo	08/05/1639	Boais	Feminino	-----
30/08/1638	Cabeçudo	Feminino	-----	11/06/1639	-----	Masculino	-----
02/09/1638	-----	Masculino	-----	22/06/1639	Vila	Feminino	Viúvo
03/09/1638	Rebaxia	Feminino	Viúvo	20/07/1639	-----	Feminino	Viúvo
03/09/1638	Gordinheira	Masculino	-----	05/08/1639	-----	Feminino	Viúvo
03/09/1638	Castanheiro	Masculino	-----	10/08/1639	Carrascal	Feminino	Casado
07/09/1638	Faleiros	Masculino	-----	15/08/1639	Casal (Ilegível)	Feminino	Solteiro
07/09/1638	Cabeçudo	Masculino	-----	15/08/1639	Rebachia	Masculino	-----
09/09/1638	Malpica	Masculino	Solteiro	14/09/1639	-----	Masculino	Solteiro
10/09/1638	Arrifana	Feminino	Casado	23/09/1639	-----	Feminino	Casado
11/09/1638	Bezerrins	Masculino	Solteiro	25/09/1639	Macieira	Feminino	Casado
12/09/1638	Calvos	Masculino	Solteiro	01/10/1639	Passaria	Masculino	Casado
12/09/1638	Chão da Forca	Masculino	-----	04/10/1639	Tojal	Feminino	Solteiro
19/09/1638	Carrascal	Feminino	Casado	26/10/1639	Bernardia	Masculino	-----
23/09/1638	Outeiro da Lagoa	Feminino	Viúvo	04/11/1639	Abelheira	Masculino	-----
26/09/1638	-----	Masculino	-----	07/11/1639	Ladeira	Masculino	-----
26/09/1638	Albergaria	Feminino	-----	21/12/1639	Vila	Feminino	Viúvo
01/10/1638	Codiceira	Feminino	Viúvo	22/12/1639	Calvos	Feminino	Casado
02/10/1638	Calvos	Feminino	Viúvo	24/12/1639	Vila	Feminino	Viúvo
05/10/1638	Cabeçudo	Masculino	-----	05/01/1640	-----	Feminino	Casado
18/10/1638	Poiães	Masculino	-----	15/01/1640	Passaria	Feminino	Casado
25/10/1638	Passaria	Masculino	-----	30/01/1640	-----	Masculino	-----
27/10/1638	-----	Feminino	Viúvo	16/02/1640	-----	Feminino	Solteiro
29/10/1638	Codiceira	Masculino	Solteiro	22/02/1640	-----	Masculino	-----
01/11/1638	Vila	Masculino	-----	12/03/1640	-----	Feminino	Solteiro
18/11/1638	Vila	Feminino	Casado	19/03/1640	-----	Feminino	Casado
12/12/1638	Cimo da Ribeira	Feminino	Viúvo	19/03/1640	-----	Feminino	Casado
15/12/1638	Cimo da Ribeira	Masculino	Solteiro	27/03/1640	Lameira	Feminino	Solteiro
24/12/1638	Bezerrins	Feminino	-----	29/03/1640	Mosteiro de Nossa Senhora	Feminino	-----
27/12/1638	Malpica	Feminino	Viúvo	30/03/1640	Bezerrins	Masculino	-----
01/01/1639	Passaria	Feminino	-----	01/04/1640	Tojal	Masculino	Solteiro
05/01/1639	Passaria	Feminino	Viúvo	13/04/1640	-----	Feminino	-----
19/01/1639	-----	Masculino	-----	17/04/1640	Vila	Masculino	-----
21/01/1639	Vila	Feminino	Casado	22/04/1640	Cimo da Ribeira	Feminino	Viúvo
04/02/1639	-----	Masculino	Casado	11/05/1640	Maxial da Estrada	Feminino	Casado
24/02/1639	Tojal	Masculino	Casado	15/05/1640	-----	Feminino	-----
28/02/1639	Vaquinhas Fundeiras	Masculino	Viúvo	06/06/1640	Cardiga Fundeira	Feminino	Casado

Continuação

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil
12/06/1640	Vila	Masculino	Casado
14/06/1640	Alcoutim	Feminino	Casado
17/06/1640	Tapada	Feminino	Viúvo
02/07/1640	Tojal	Feminino	Casado
05/07/1640	Gesteira	Masculino	Casado
11/07/1640	Vila	Feminino	-----
24/07/1640	-----	Masculino	Casado
26/07/1640	Farpado	Masculino	Casado
29/07/1640	Picoto	Masculino	Casado
30/07/1640	Passaria	Feminino	Casado
01/08/1640	Vila	Feminino	Casado
23/08/1640	Maxial da Carreira	Feminino	Casado
24/08/1640	-----	Feminino	Casado
27/08/1640	-----	Feminino	-----
30/08/1640	Farpado	Feminino	Casado
03/09/1640	Lameira	Feminino	Viúvo
/09/1640	-----	Feminino	-----
08/09/1640	Picoto	Feminino	Viúvo
10/09/1640	Vila	Masculino	Casado
14/09/1640	Castanheiro Grande	Feminino	Viúvo
21/09/1640	Lameira	Masculino	-----
28/09/1640	Vila	Feminino	Casado
14/10/1640	Cabeçudo	Feminino	Viúvo
15/10/1640	-----	Feminino	-----
15/11/1640	Vila	Masculino	Viúvo
09/12/1640	-----	Feminino	-----
12/12/1640	Olival	Masculino	Casado

Tabela A 3 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1736 e 1740.

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
10/01/1736	Cerdeira	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
11/01/1736	Vila	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
12/01/1736	Vila	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
15/01/1736	Serra de São Domingos	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
16/01/1736	Gesteira	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
27/01/1736	Calvos	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
28/01/1736	Calvos	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
20/02/1736	Carnapete	Masculino	Casado	Dentro da Igreja
28/02/1736	Outeiro da Lagoa	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
29/02/1736	Pombas	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
01/03/1736	Bailão	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
10/03/1736	Vila	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
29/03/1736	Vila	Feminino	Casado	Adro da Igreja
08/04/1736	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
10/04/1736	Cardiga Cimeira	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
15/04/1736	Pisão	Masculino	-----	Adro da Igreja
23/04/1736	Codiceirinha	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
23/04/1736	Vila	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
26/04/1736	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
29/04/1736	Carnapete	Masculino	-----	Adro da Igreja
30/04/1736	Vila	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
11/05/1736	Faleirinhos	Masculino	-----	Adro da Igreja
27/05/1736	Faleiros	Masculino	Casado	Dentro da Igreja
29/05/1736	Codiceira	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
30/05/1736	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
05/06/1736	Vila	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
10/06/1736	Carnapete	Masculino	-----	Dentro da Igreja
18/06/1736	Codiceira	Masculino	-----	Dentro da Igreja

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
19/06/1736	Tojal	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
22/06/1736	Outeiro da Lagoa	Feminino	Casado	Adro da Igreja
26/06/1736	Calvos	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
30/06/1736	Vila	Masculino	Solteiro	-----
11/07/1736	Vila	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
12/07/1736	Tojal	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
16/07/1736	Outeiro da Lagoa	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
04/08/1736	Moinho de Santo António	Masculino	-----	Adro da Igreja
09/08/1736	Chão da Forca	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
13/08/1736	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
17/08/1736	Passaria	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
18/08/1736	Carpinteiro	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
03/09/1736	Vaquinhas Fundeira	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
05/09/1736	Vila	Masculino	Viúvo	Adro da Igreja
07/09/1736	Vila	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
15/09/1736	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
15/09/1736	Castelo Velho	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
21/09/1736	Tojal	Masculino	Viúvo	Adro da Igreja
25/09/1736	Vila	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
21/10/1736	Calvos	Feminino	Casado	Adro da Igreja
29/10/1736	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
09/11/1736	Passaria	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
13/11/1736	Formigais	Masculino	-----	Dentro da Igreja
15/11/1736	Casal de Santo Estevão	Masculino	-----	Adro da Igreja
21/11/1736	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
30/11/1736	Portela	Masculino	-----	Adro da Igreja
06/12/1736	Vila	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
07/12/1736	Tojal	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja

Continuação

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
07/12/1736	Calvos	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
15/12/1736	Vila	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
15/12/1736	Vila	Feminino	Casado	Adro da Igreja
15/12/1736	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
27/12/1736	Codiceira	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
29/12/1736	Casal da Horta	Feminino	Casado	Adro da Igreja
30/12/1736	Tapada	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
07/01/1737	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
08/01/1737	Outeiro da Lagoa	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
18/01/1737	Vila	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
30/01/1737	Passaria	Masculino	-----	Dentro da Igreja
01/02/1737	Passaria	Masculino	-----	Adro da Igreja
02/02/1737	Moinho do Fundo do Vale	Feminino	Casado	Adro da Igreja
04/02/1737	Herdade	Masculino	-----	Adro da Igreja
13/02/1737	Calvos	Masculino	-----	Dentro da Igreja
14/02/1737	Herdade	Masculino	-----	Adro da Igreja
14/02/1737	Vaquinhas Cimeiras	Masculino	-----	Adro da Igreja
20/02/1737	Serra de Pedro Nunes	Masculino	-----	Adro da Igreja
22/02/1737	Vila	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
23/02/1737	Vila	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
28/02/1737	Vaquinhas Fundeiras	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
04/03/1737	Abelheira	Masculino	-----	Adro da Igreja
13/03/1737	Aldeia da Ribeira Cimeira	Masculino	-----	Adro da Igreja
24/03/1737	Vila	Feminino	-----	Adro da Igreja
01/04/1737	Junceira	Feminino	Casado	Adro da Igreja
03/04/1737	Verdelhos	Masculino	-----	Adro da Igreja
05/04/1737	Serra	Masculino	-----	Adro da Igreja

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
10/04/1737	Ladeiras	Masculino	Casado	Dentro da Igreja
12/04/1737	Vila	Feminino	-----	-----
13/04/1737	Vila	Feminino	Solteira	Dentro da Igreja
18/04/1737	Cardiga Cimeira	Masculino	-----	Adro da Igreja
18/04/1737	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
20/04/1737	Passaria	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
22/04/1737	Tojal	Feminino	Casado	Adro da Igreja
28/04/1737	Tojal	Masculino	-----	Adro da Igreja
01/05/1737	Codiceira de São Tiago	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
05/05/1737	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
12/05/1737	Marinha	Masculino	-----	Adro da Igreja
19/05/1737	Cabeçudo	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
23/05/1737	Pombas	Feminino	Casado	Adro da Igreja
26/05/1737	Carnapete	Masculino	-----	Adro da Igreja
05/06/1737	Cabeçudo	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
07/06/1737	Chão da Forca	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
21/06/1737	Granja	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
29/06/1737	Gesteira	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
14/07/1737	Vaquinhas Cimeiras	Masculino	Viúvo	Adro da Igreja
03/08/1737	Valada	Masculino	-----	Dentro da Igreja
03/08/1737	Vila	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
07/08/1737	Albergaria	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
18/08/1737	Vilar	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
20/08/1737	Outeiro da Lagoa	Masculino	Solteiro	-----
30/08/1737	Ladeiras	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
11/09/1737	Vale Porco	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
14/09/1737	Vaquinhas Cimeiras	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja

Continuação

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
13/10/1737	Portela	Masculino	-----	Adro da Igreja
16/10/1737	Bezerrins	Feminino	-----	Adro da Igreja
17/10/1737	Vale Porco	Masculino	-----	Adro da Igreja
25/10/1737	Faleiros Cimeiros	Feminino	-----	Adro da Igreja
06/11/1737	Maxial da Carreira	Masculino	-----	Adro da Igreja
22/11/1737	Tojal	Masculino	-----	Dentro da Igreja
28/11/1737	Carnapete	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
10/12/1737	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
11/12/1737	Abelheira	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
11/01/1738	Aldeia da Ribeira Cimeira	Masculino	-----	-----
11/01/1738	Vila	Masculino	Solteiro	-----
21/01/1738	Arrifana	Masculino	-----	-----
09/02/1738	Faleiros	Masculino	-----	-----
13/02/1738	Tojal	Masculino	-----	-----
14/02/1738	Passaria	Masculino	-----	Adro da Igreja
25/02/1738	Casal de Ordem	Masculino	-----	Dentro da Igreja
26/02/1738	Valada	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
01/03/1738	Vila	Masculino	Viúvo	Dentro da Igreja
06/03/1738	Passaria	Masculino	-----	Dentro da Igreja
07/03/1738	Codiceira de São Tiago	Masculino	-----	Adro da Igreja
19/03/1738	Pederneira	Masculino	-----	Adro da Igreja
21/03/1738	Tojal	Masculino	-----	Dentro da Igreja
21/03/1738	Tojal	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
26/03/1738	Tojal	Masculino	-----	Dentro da Igreja
03/04/1738	Bezerrins	Feminino	Casado	Adro da Igreja
08/04/1738	Vaquinhas Fundeiras	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
14/04/1738	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
18/04/1738	Carrascal	Masculino	-----	Adro da Igreja

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
03/05/1738	Granja	Masculino	-----	Dentro da Igreja
12/05/1738	Granja	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
21/05/1738	Mosteiro Cimeiro	Feminino	-----	Adro da Igreja
05/06/1738	Casal de Ordem	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
10/06/1738	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
14/06/1738	Castanheiro Grande	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
19/06/1738	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
02/07/1738	Gordinheira	Masculino	-----	Adro da Igreja
05/07/1738	Tojal	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
05/07/1738	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
10/07/1738	Vila	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
18/07/1738	Tojal	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
09/08/1738	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
12/08/1738	Casal do Moniz	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
14/08/1738	Pisão	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
27/08/1738	Gesteira	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
10/09/1738	Outeiro da Lagoa	Feminino	-----	Dentro da Igreja
18/09/1738	Casal dos Gafos	Masculino	-----	Adro da Igreja
20/09/1738	Ramalhosa	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
28/09/1738	Maxial da Estrada	Masculino	-----	Adro da Igreja
28/09/1738	Cernache do Bonjardim	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
01/10/1738	Bezerrins	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
02/10/1738	Vale Porco	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
04/10/1738	Casal da Estrada	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
15/10/1738	-----	Feminino	-----	Dentro da Igreja
15/10/1738	Ramalhosa	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
16/10/1738	Calvos	Masculino	-----	-----
29/10/1738	Herdade	Feminino	-----	Adro da Igreja

Continuação

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
03/11/1738	Lameira	Masculino	-----	Dentro da Igreja
13/11/1738	Casalinho de São Facundo	Feminino	Casado	Adro da Igreja
24/11/1738	Aldeia da Ribeira Cimeira	Feminino	-----	Adro da Igreja
30/11/1738	Vila	Feminino	Casado	Adro da Igreja
01/12/1738	Vila	Feminino	Casado	Adro da Igreja
05/01/1739	Passaria	Masculino		Adro da Igreja
14/01/1739	Malpica	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
23/01/1739	Bezerrins	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
27/01/1739	Chão da Forca	Feminino	Casado	Adro da Igreja
02/02/1739	Casal de Santo Estevão	Masculino	-----	Adro da Igreja
23/02/1739	Cabeçudo	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
04/03/1739	Aldeia de São João de Tira	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
05/03/1739	Vale da Abelheira	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
15/03/1739	Calvos	Feminino	-----	Adro da Igreja
19/03/1739	Cabeçudo	Masculino	-----	Dentro da Igreja
20/03/1739	Vale Porco	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
23/03/1739	Vila	Feminino	-----	Adro da Igreja
07/04/1739	Passaria	Feminino	-----	Adro da Igreja
10/04/1739	Vila	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
19/04/1739	Outeiro da Lagoa	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
01/05/1739	Passaria	Feminino	-----	Adro da Igreja
08/05/1739	Cabeçudo	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
25/06/1739	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
27/06/1739	Casalinho de São Facundo	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
14/07/1739	Casal de São Gião	Feminino	Casado	Adro da Igreja

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
20/07/1739	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
21/07/1739	Vila	Feminino	-----	Adro da Igreja
21/07/1739	Lameira	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
22/07/1739	Vila	Feminino	-----	Adro da Igreja
15/08/1739	Vila	Feminino	-----	Adro da Igreja
20/08/1739	Casal dos Gafos	Masculino	-----	Adro da Igreja
02/09/1739	Rebaixia dos Faustinos	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
05/09/1739	Albergaria	Masculino	Viúvo	Dentro da Igreja
11/09/1739	Codiceirinha	Feminino	Casado	Adro da Igreja
12/09/1739	Rebaixia dos Tomés	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
14/09/1739	Bailão	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
14/09/1739	Gesteira	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
18/09/1739	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
20/09/1739	Vila	Feminino	-----	Dentro da Igreja
27/09/1739	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
03/10/1739	Vila	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
06/10/1739	Casal de Ordem	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
26/10/1739	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
02/11/1739	Codiceira de São Tiago	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
02/11/1739	Casal da Estrada	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
07/11/1739	Vila	Feminino	-----	Dentro da Igreja
13/11/1739	Mougueira	Masculino	Casado	Adro da Igreja
19/11/1739	Valada do Mosteiro de Nossa Senhora	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
28/11/1739	Tapada	Feminino	Casado	Adro da Igreja
06/12/1739	Mougueira	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja

Continuação

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
07/12/1739	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
15/12/1739	Vila	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
26/12/1739	Rebaixia dos Faustinos	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
28/12/1739	Calvos	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
12/01/1740	Carpinteiro	Masculino	-----	Dentro da Igreja
24/01/1740	Venestal	Feminino	-----	Dentro da Igreja
25/01/1740	Serra do Pinheiro	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
04/02/1740	Calvos	Masculino		Adro da Igreja
17/02/1740	Serra de São Domingos	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
08/03/1740	Vaquinhas Cimeiras	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
11/03/1740	Herdade	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
15/03/1740	Casal de Moniz	Masculino	-----	Dentro da Igreja
18/03/1740	Formigais	-----	Viúvo	Adro da Igreja
26/03/1740	Calvos	Masculino	-----	Dentro da Igreja
13/04/1740	Outeiro da Lagoa	Masculino	-----	Dentro da Igreja
16/04/1740	Bernardia	Feminino	Casado	Adro da Igreja
20/04/1740	Outeiro da Lagoa	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
21/04/1740	Vila	Masculino	-----	Adro da Igreja
03/05/1740	Gesteira	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
11/05/1740	Vila	Masculino	-----	Dentro da Igreja
18/05/1740	Vila	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
20/05/1740	Cabeçudo	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
21/05/1740	Vilar	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
26/05/1740	Cardiga Fundeira	Feminino	Casado	Adro da Igreja
29/05/1740	Outeiro da Lagoa	Masculino	Casado	Adro da Igreja
30/05/1740	Pombas	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
10/06/1740	Vila	Masculino	Casado	Dentro da Igreja

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
23/06/1740	Pederneira	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
01/07/1740	Ilegível	Feminino	Casado	Dentro da Igreja
17/07/1740	Vila	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
21/07/1740	Carpinteiro	Masculino	Casado	Adro da Igreja
28/07/1740	Vila	Masculino	Casado	Adro da Igreja
30/07/1740	Amioso	Masculino	Viúvo	Dentro da Igreja
01/08/1740	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
02/08/1740	Serra de São Domingos	Feminino	Casado	Adro da Igreja
04/08/1740	Faleirinhos	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
11/08/1740	Picoto	Masculino	-----	Adro da Igreja
11/08/1740	Outeiro da Lagoa	Masculino	Solteiro	-----
14/08/1740	Bezerrins	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
15/08/1740	Cabeçudo	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
16/08/1740	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
01/09/1740	Aldeia de São João de Tira	Masculino	Solteiro	-----
07/09/1740	Outeiro da Vila	Masculino	Viúvo	Dentro da Igreja
19/09/1740	Serra	Feminino	-----	Adro da Igreja
21/09/1740	Maxialinho	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
22/09/1740	Vila	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
23/09/1740	Bernardia	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
26/09/1740	Casal Cotêlo	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
26/09/1740	Aldeia da Ribeira Fundeira	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
01/10/1740	Vila	Masculino	Casado	Adro da Igreja
02/10/1740	Outeiro da Lagoa	Masculino	Viúvo	Dentro da Igreja
03/10/1740	Vila	Masculino	Solteiro	Dentro da Igreja
12/10/1740	Amioso	Feminino	Casado	Adro da Igreja
12/10/1740	Vila	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja

Continuação

Data	Localidade	Sexo	Estado Civil	Local de Enterramento
13/10/1740	Marinha	Masculino	Solteiro	Adro da Igreja
14/10/1740	Marinha	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
16/10/1740	Vila	Masculino	Casado	Dentro da Igreja
21/10/1740	Vila	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
23/11/1740	Cardiga Cimeira	Feminino	Solteiro	Adro da Igreja
24/11/1740	Vila	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
25/11/1740	Carpinteiro	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
01/12/1740	Faleiros	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
02/12/1740	Chão da Forca	Masculino	Viúvo	Adro da Igreja
07/12/1740	Albergaria	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja
07/12/1740	Cabeçudo	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
11/12/1740	Outeiro da Vila	Masculino	Casado	Adro da Igreja
16/12/1740	Amioso	Feminino	Viúvo	Dentro da Igreja
26/12/1740	Carpinteiro	Feminino	Solteiro	Dentro da Igreja
28/12/1740	Passaria	Feminino	Viúvo	Adro da Igreja

Tabela A 4 – Registos de óbitos da Paróquia da Sertã entre 1830 e 1834.

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
02/01/1830	Vila	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
05/01/1830	Bezerrins	Feminino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
06/01/1830	Vila	Feminino	40 anos	Casado	Dentro da Igreja	Tísica
10/01/1830	Passaria	Feminino	- - - -	Solteiro	Cova de Fábrica	Frio e Fome
14/01/1830	Codiceirinha	Feminino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
20/01/1830	Outeiro da Lagoa	Masculino	50 anos	Casado	Cova de Fábrica	Apoplexia
22/01/1830	Bezerrins	Feminino	55 anos	Viúvo	Dentro da Igreja	Hidropisia
27/01/1830	Vila	Feminino	60 anos	Casado	Dentro da Igreja	Febres
31/01/1830	Vila	Feminino	3 anos	Solteiro	Dentro da Igreja	Febres
07/02/1830	Barreiro	Feminino	20 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Entrevada
07/02/1830	Amioso	Masculino	60 anos	Casado	Dentro da Igreja	Queda
09/02/1830	Venestal	Feminino	Menor	Solteiro	Dentro da Igreja	- - - -
09/02/1830	Serra do Pinheiro	Feminino	60 anos	Solteiro	Dentro da Igreja	Catarral
12/02/1830	Vila	Feminino	35 anos	Casado	Cova de Fábrica	Queimada
01/03/1830	Vila	Masculino	50 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
04/03/1830	Chão da Forca	Feminino	50 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
13/03/1830	Passaria	Feminino	65 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
14/03/1830	Codiceirinha	Masculino	85 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
15/03/1830	Vila	Masculino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
17/03/1830	Vila	Masculino	65 anos	Casado	Cova de Fábrica	Estupor
25/03/1830	Vila	Masculino	3 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
28/03/1830	Vilar	Feminino	3 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
01/04/1830	Pombas	Feminino	- - - -	Viúvo	Cova de Fábrica	(Ilegível) Nascida na Cara
10/04/1830	Vila	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
15/04/1830	Vila	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
18/04/1830	Vila	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Dor de pedra
25/04/1830	Vila	Masculino	65 anos	Casado	Cova de Fábrica	Estupor
30/04/1830	Vila	Masculino	55 anos	Solteiro	Sepultura dos Eclesiásticos	Catarral
19/05/1830	Codiceirinha	Masculino	75 anos	Casado	Cova de Fábrica	- - - -
17/06/1830	Vila	Masculino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	Sarampo
30/06/1830	Foz	- - - -	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
02/07/1830	Vila	Feminino	4 anos	Solteiro	Cemitério	Sarampo
15/07/1830	Vila	Feminino	30 anos	Casado	Cova de Fábrica	Apoplexia
20/07/1830	Vila	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
22/07/1830	Aldeia Fundeira	Masculino	3 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Dor de pedra
29/07/1830	Gesteira	Feminino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	- - - -
04/08/1830	Herdade	Masculino	32 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
12/08/1830	Verdelhos	Masculino	4 meses	Solteiro	Cemitério da Vila	Lombrigas
13/08/1830	Portela	Feminino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Febres
21/08/1830	Herdade	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
23/08/1830	Castelo	Feminino	- - - -	Solteiro	Cemitério	- - - -
26/08/1830	Amioso	Masculino	- - - -	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
26/08/1830	Gordinheira	Feminino	6 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
29/08/1830	Serra de São Domingos	Masculino	6 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Sarampo
09/09/1830	Carnapete	Masculino	25 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia
12/09/1830	Calvos	Feminino	Inocente	Solteiro	Cova de Fábrica	- - - -
12/09/1830	Barreiro	Masculino	38 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
18/09/1830	Vila	Masculino	25 anos	Solteiro	Dentro da Igreja	Tísico
19/09/1830	Vila	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
23/09/1830	Vila	Feminino	Menor	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
26/09/1830	Calvos	Feminino	65 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
03/10/1830	Passaria	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
05/10/1830	Vila	Masculino	55 anos	Casado	Cemitério desta Igreja	Tísico
09/10/1830	Passaria	Masculino	2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Desconhecida
18/10/1830	Mosteiro Fundeiro	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
26/10/1830	Serra do Pinheiro	Feminino	24 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Gangrena
27/10/1830	Mosteiro de Nossa Senhora do Olival	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
14/11/1830	Portela do Outeiro	Feminino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Camaras
15/11/1830	Castelo Velho	Feminino	Inocente	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
20/11/1830	Aldeia Fundeira	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
06/12/1830	Vila	Feminino	25 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Gallo
07/12/1830	Vila	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
10/12/1830	Vila	Feminino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
11/12/1830	Chão da Forca	Feminino	9 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
13/12/1830	Vila	Masculino	53 anos	Casado	Cova de Fábrica	Hidropisia
14/12/1830	Vila	Masculino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
27/12/1830	Valada	Masculino	100 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Velhice
20/12/1830	Vila	Masculino	16 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
21/12/1830	Gordinheira	Masculino	46 anos	Casado	Cova de Fábrica	Moléstia Crónica
28/12/1830	Vila	Feminino	-----	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
10/01/1831	Poiães	Feminino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
22/01/1831	Vila	Masculino	75 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
25/01/1831	Pombas	-----	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
28/01/1831	Vila	Masculino	-----	Casado	Cova de Fábrica	-----
07/02/1831	Vila	Feminino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
19/02/1831	Codiceirinha	Masculino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
13/02/1831	Outeiro	Masculino	55 anos	Solteiro	Cova de Fábrica Própria dos Eclesiásticos	Estupor
20/02/1831	Vila	Feminino	88 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
24/02/1831	Codiceirinha	Masculino	-----	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
24/02/1831	Vila	Masculino	22 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Tísica
27/02/1831	Vila	Masculino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
28/02/1831	Vila	-----	8 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
07/03/1831	Vila	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
09/03/1831	Vila	Feminino	9 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
09/03/1831	Vila	Feminino	7 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia
10/03/1831	Bezerrins	Masculino	9 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
10/03/1831	Gesteira	Feminino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
14/03/1831	Codiceira de São Tiago	Masculino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Bexigas
22/03/1831	Vila	Feminino	7 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
22/03/1831	Gordinheira	Masculino	7 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
27/03/1831	Vila	Masculino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Desconhecida
04/04/1831	Montinho	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
19/03/1831	Montinho	Feminino	-----	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
12/04/1831	Cimo da Ribeira	Feminino	2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
14/04/1831	Castelo Velho	Masculino	38 anos	Casado	Cova de Fábrica	Malina
14/04/1831	Vila	-----	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
05/04/1831	Vila	Feminino	75 anos	Viúvo	-----	Velhice
17/04/1831	Farpado	Feminino	2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
18/04/1831	Boais	Masculino	35 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
26/04/1831	Vila	Masculino	50 anos	Casado	Cemitério desta Matriz	Hidropisia
30/04/1831	Casal da Estrada	Masculino	75 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
01/05/1831	Passaria	Masculino	45 anos	Casado	Dentro da Igreja	Catarral
10/05/1831	Malpica	Masculino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
11/05/1831	Aldeia Ribeira	Feminino	18 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Repentina
11/05/1831	Chão da Forca	Feminino	45 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
13/05/1831	Abelheira	Feminino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
22/05/1831	Serra de São Domingos	Feminino	8 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
23/05/1831	Vila	Masculino	3 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
24/05/1831	Codiceirinha	Feminino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
06/06/1831	Picoto	Feminino	22 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
09/06/1831	Aldeia Cimeira	Feminino	80 anos	-----	Cova de Fábrica	-----
12/06/1831	Malpica	Feminino	65 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
16/06/1831	Chão da Forca	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
27/06/1831	Serra de São Domingos	Masculino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
28/06/1831	Aldeia Fundeira	Feminino	53 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Apoplexia
28/06/1831	Serra de São Domingos	Feminino	11 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
08/07/1831	Codiceira de São Tiago	Feminino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Sezões
16/07/1831	Malpica	Feminino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Hidropisia
30/07/1831	Verdelhos	Feminino	-----	-----	Cova de Fábrica	-----
31/07/1831	Vila	Feminino	78 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	-----
05/08/1831	Vila	Feminino	9 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
06/08/1831	Outeiro da Lagoa	Feminino	2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
11/08/1831	Vila	Masculino	35 anos	Casado	Cova de Fábrica	Ética
12/08/1831	Vila	Masculino	2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
13/08/1831	Outeiro da Lagoa	Masculino	10 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia
13/08/1831	Codiceira de São Tiago	Masculino	3 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	----
14/08/1831	Álvaro	Masculino	34 anos	Casado	Cemitério desta Vila	Febres
09/08/1831	Vila	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
20/08/1831	Chão da Forca	Feminino	90 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Velhice
29/08/1831	Calvos	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
29/08/1831	Vila	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
31/08/1831	Aldeia Fundeira	Feminino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Hidropisia
06/09/1831	Chão da Forca	Feminino	86 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
10/09/1831	Vila	Feminino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
19/09/1831	Passaria	Masculino	65 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
26/09/1831	Aldeia Fundeira	Feminino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Estupor
26/09/1831	Boais	Feminino	75 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
28/09/1831	Vila	Masculino	3 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
30/09/1831	Vila	Masculino	1 mês	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
05/10/1831	Calvos	Feminino	24 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
07/10/1831	Abelheira	Feminino	65 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Hidropisia
18/10/1831	Calvos	Masculino	2 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
19/10/1831	Vila	Feminino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Acréscimos
21/10/1831	Aldeia da Ribeira	Masculino	3 semanas	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
04/11/1831	Pombas	Masculino	-----	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
12/11/1831	Pederneira	Masculino	9 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
15/11/1831	Pombas	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Camaras
20/11/1831	Cimo da Ribeira	Masculino	14 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
21/11/1831	Calvos	Feminino	88 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
25/11/1831	Vila	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Goto
22/11/1831	Aldeia Fundeira	Masculino	75 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
26/11/1831	Vila	Feminino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
03/12/1831	Casal da Madalena	Masculino	-----	-----	Cova de Fábrica	Repentina
08/12/1831	Portela dos Bezerrins	Masculino	-----	Casado	Cemitério desta Vila	Catarral
15/12/1831	Maxial Grande	Feminino	50 anos	Solteiro	Cemitério desta Vila	Catarral
18/12/1831	Vila	Masculino	80 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
19/12/1831	Vila	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
19/12/1831	Vila	Masculino	25 anos	-----	Cova de Fábrica	Catarral
19/12/1831	Ladeiras	Masculino	24 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
20/12/1831	Montinho	Masculino	38 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
23/12/1831	Amioso	Masculino	60 anos	-----	Cova de Fábrica	Catarral
25/12/1831	Vale Porco	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Hidropisia
23/12/1831	Vila	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
23/12/1831	Vila	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
24/12/1831	Maxial Grande	Masculino	9 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
24/12/1831	Serra de São Domingos	Feminino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
31/12/1831	Maxial da Carreira	Feminino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
04/01/1832	Codiceira de São Tiago	Feminino	80 anos	Viúvo	Dentro da Igreja Matriz	Velhice
09/01/1832	Serra de São Domingos	Feminino	38 anos	Casado	Dentro da Igreja Matriz	Parto
13/01/1832	Bezerrins	Masculino	27 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Acidente
15/01/1832	Codiceira	Masculino	8 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
16/01/1832	Serra de São Domingos	Masculino	8 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
17/01/1832	Farpado	Feminino	80 anos	Viúvo	Dentro da Igreja Matriz	Estupor
18/01/1832	Moinho da Rola	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
30/01/1832	Maxial da Carreira	Masculino	12 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Bexigas
05/02/1832	Vila	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
14/02/1832	Chão da Forca	Masculino	5 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	uma nascida em (ilegível)
21/02/1832	Troviscal	Masculino	21 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Gota
25/02/1832	Portela do Outeiro	Masculino	65 anos	Casado	Cova de Fábrica	Moléstia de Peito
06/03/1832	Outeiro da Lagoa	Feminino	66 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
15/03/1832	Pombas	Masculino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
16/03/1832	Vilar	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
26/03/1832	Portelinha	Masculino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
26/03/1832	Codiceirinha	Masculino	96 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
18/04/1832	Vila	Feminino	6 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Pleuris
19/04/1832	Vila	Feminino	9 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia
05/05/1832	Pinhal	Masculino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
06/05/1832	Mougueira	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
14/05/1832	Calvos	Feminino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Hidropisia
25/05/1832	Casal da Estrada	Feminino	48 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Dor
25/05/1832	Pederneira	Feminino	2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
25/05/1832	Gordinheira	Masculino	23 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
27/05/1832	Vila	Feminino	40 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
31/05/1832	Vila	Feminino	40 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
08/06/1832	Vila	Masculino	50 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
25/06/1832	Passaria	Feminino	85 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Velhice
09/07/1832	Amioso	Masculino	95 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
09/07/1832	Vale Porco	Masculino	Inocente	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
15/07/1832	Bezerrins	Feminino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Entrevada
30/07/1832	Vilar	Feminino	Menor	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
09/08/1832	Vila	Masculino	38 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia de peito
12/08/1832	Vilar	Feminino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia
21/08/1832	Codiceirinha	Feminino	90 anos	Viúvo	Cemitério	Velhice
21/08/1832	Pinhal	Feminino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Crescimentos
02/09/1832	Vilar	Masculino	2 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
08/09/1832	Vila	Masculino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Tísica
10/09/1832	Vila	Masculino	50 anos	-----	Cova de Fábrica	Cólica
11/09/1832	Vila	Feminino	30 anos	Casado	Cova de Fábrica	Repentina
15/09/1832	Vila	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Alporcas
04/10/1832	Vale Porco	Feminino	30 anos	Casado	Cova de Fábrica	Cólica
05/10/1832	Mougueira	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
06/10/1832	Vila	Masculino	45 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Pleuris
06/10/1832	Carnapete	Masculino	11 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
07/10/1832	Carnapete	Masculino	35 anos	Casado	Cova de Fábrica	Camaras
21/10/1832	Outeiro da Lagoa	Masculino	85 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Estupor
22/10/1832	Vila	Feminino	55 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
25/10/1832	Gordinheira	Masculino	13 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
27/10/1832	Vila	Masculino	12 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Cólica
29/10/1832	Chão da Forca	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Camaras
04/11/1832	Vila	Feminino	8 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
07/11/1832	Carnapete	Masculino	7 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
07/11/1832	Vila	Masculino	58 anos	Solteiro	Cova Respectiva dos Colegiatas da Igreja da Sertã	Tiro
09/11/1832	Bezerrins	Feminino	50 anos	Casado	Cemitério	Entrevação
11/11/1832	Vila	Masculino	80 anos	Casado	Cemitério	Velhice
15/11/1832	Carnapete	Masculino	16 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
15/11/1832	Vila	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
16/11/1832	Chão da Forca	Masculino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
17/11/1832	Venestal	Feminino	15 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
18/11/1832	Vila	Feminino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Herezepelas
21/11/1832	Carnapete	Feminino	3 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
25/11/1832	Codiceira	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
25/11/1832	Vila	Masculino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Catarral
26/11/1832	Amioso	Feminino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Apoplexia
30/11/1832	Carnapete	Feminino	3 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
09/12/1832	Carnapete	Feminino	8 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
18/12/1832	Maxial da Carreira	Feminino	85 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
19/12/1832	Venestal	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
19/12/1832	Herdade	Feminino	75 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Repentina
20/12/1832	Pombas	Masculino	65 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
10/01/1833	Pinhal	Masculino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
13/01/1833	Vilar	Masculino	7 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
18/01/1833	Vila	Feminino	26 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
22/01/1833	Passaria	Feminino	6 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
26/01/1833	Gesteira	Feminino	75 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Camaras
28/01/1833	Vila	Feminino	86 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
02/03/1833	Chão da Forca	Masculino	1 dia	Solteiro	Cova de Fábrica	Velhice
19/03/1833	Pombas	Feminino	12 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Tísica
25/03/1833	Vila	Feminino	28 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Inflamação no ventre
27/03/1833	Vale Porco	Masculino	50 anos	Casado	Cova de Fábrica	Repentina
08/04/1833	Herdade	Masculino	-----	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
10/04/1833	Gordinheira	Masculino	9 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Timor em uma perna
21/04/1833	Vila	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
11/04/1833	Cernache do Bonjardim	Masculino	65 anos	-----	Cemitério	-----
11/04/1833	Mosteiro Cimeiro	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
15/04/1833	Mosteiro Cimeiro	Feminino	60 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
23/04/1833	Maxial	Masculino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Desconhecida
24/04/1833	Maxial	Feminino	3 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Desconhecida
26/04/1833	Vila	Feminino	89 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Velhice
12/05/1833	Outeiro da Lagoa	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
13/05/1833	Bezerrins	Feminino	99 anos	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
29/05/1833	Serra de São Domingos	Feminino	25 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
09/06/1833	Vila	Masculino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
17/06/1833	Maxial	Feminino	50 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Erzipelas
18/06/1833	Cimo da Ribeira	Masculino	0 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
29/06/1833	Casal Fidalgo	Feminino	18 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Estupor
07/07/1833	Vila	Feminino	60 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Moléstia Crónica
15/07/1833	Outeiro da Lagoa	Feminino	3 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
15/07/1833	Vila	Feminino	4 meses	Solteiro	Cemitério	-----
15/07/1833	Vila	Masculino	15 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Catarral
26/07/1833	Aldeia da Ribeira Fundeira	Feminino	60 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
06/08/1833	Chão da Forca	Feminino	-----	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
11/08/1833	Codiceira de Santiago	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
15/08/1833	Vila	Masculino	0 anos	Solteiro	Cemitério	-----
21/08/1833	Codiceira	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
25/08/1833	Amioso	Masculino	11 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Obstrocção
25/08/1833	Codiceira	Masculino	90 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Flato
26/08/1833	Cernache do Bonjardim	Masculino	80 anos	Casado	Cemitério	Febres
01/09/1833	Codiceira de Santiago	Feminino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
02/09/1833	Vila	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
04/09/1833	Pombas	Masculino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
04/09/1833	Pombas	Masculino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
12/09/1833	Calvos	Masculino	8 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
18/09/1833	Chão da Forca	Feminino	7 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
18/09/1833	Codiceira	Masculino	15 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
19/09/1833	Vila	Feminino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
19/09/1833	Codiceira	Masculino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
19/09/1833	Calvos	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Hidropisia
21/09/1833	Vila	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Malina
22/09/1833	Nossa Senhora dos Remédios	Masculino	75 anos	Solteiro	Capela de Nossa Senhora dos Remédios	Febres Malignas
24/09/1833	Vila	Feminino	70 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
27/09/1833	Vila	Feminino	68 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
28/09/1833	Calvos	Feminino	-----	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
30/09/1833	Vila	Masculino	114 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
04/10/1833	Chão da Forca	Masculino	21 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
04/10/1833	Vila	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres Malignas
04/10/1833	Vila	Feminino	75 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
09/10/1833	Outeiro da Lagoa	Feminino	100 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
06/10/1833	Vila	Feminino	50 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres Malignas
12/10/1833	Vila	-----	2 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
13/10/1833	Ramalhosa	Feminino	40 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres Malignas
16/10/1833	Vila	Feminino	65 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
16/10/1833	Chão da Forca	Feminino	55 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
19/10/1833	Vila	Feminino	78 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
20/10/1833	Codiceirinha	Masculino	4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
24/10/1833	Vila	Feminino	80 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
26/10/1833	Vila	Feminino	35 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
02/11/1833	Calvos	Feminino	80 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
08/11/1833	Codiceirinha	Masculino	8 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Sarampo
10/11/1833	Vila	Feminino	90 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
10/11/1833	Vila	Masculino	80 anos	Casado	Cova de Fábrica	Morte Repentina
15/11/1833	Serra de São Domingos	Masculino	39 anos	Feminino	Cova de Fábrica	Febres
15/11/1833	Pombas	Masculino	70 anos	Solteiro	Dentro da Igreja	Febres
20/11/1833	Olival	Masculino	55 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
30/11/1833	Vila	Feminino	30 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
03/12/1833	Amioso	Masculino	85 anos	-----	Cova de Fábrica	Velhice
05/12/1833	Codiceira de Santiago	Feminino	80 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Velhice
08/12/1833	Pombas	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
10/12/1833	Portela do Outeiro	Feminino	75 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Hidropisia
14/12/1833	Ladeiras	Masculino	7 ou 8 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
15/12/1833	Outeiro da Lagoa	Masculino	3 ou 4 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
16/12/1833	Codiceirinha	Masculino	3 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
17/12/1833	Carnapete	Masculino	89 anos	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
22/12/1833	Vila	Masculino	50 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Tísica
23/12/1833	Pombas	Masculino	72 anos	-----	Cova de Fábrica	Catarral
29/12/1833	Calvos	Masculino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
30/12/1833	Chão da Forca	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Edropisia

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
04/01/1834	Calvos	Feminino	59 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Hidropisia
04/01/1834	Sertã	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Frio e Fome
05/01/1834	Sertã	Masculino	41 anos	Casado	Cova de Fábrica	Catarral
19/01/1834	Calvos	Masculino	25 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
26/01/1834	Sertã	-----	4 dias	Solteiro	Cova de Fábrica	Desconhecida
29/01/1834	Amioso	Feminino	-----	Viúvo	Cova de Fábrica	-----
30/01/1834	Ladeiras	Masculino	90 anos	Casado	Cova de Fábrica	Hidropisia
07/02/1834	Vale Porco	Masculino	99 anos	Casado	Cova de Fábrica	Velhice
14/02/1834	Sertã	Feminino	8 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
17/02/1834	Sertã	Feminino	2 anos	Solteiro	Cemitério desta Igreja	Lombrigas
17/02/1834	Sertã	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
20/02/1834	Sertã	Masculino	34 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
23/02/1834	Sertã	Masculino	3/4 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
26/02/1834	Sertã	Masculino	50 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
29/03/1834	Sertã	Feminino	72 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
30/03/1834	Sertã	Masculino	30 anos	Casado	Cova de Fábrica	Tísica
03/04/1834	Sertã	Masculino	30 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
05/04/1834	Monte de Baixo	Feminino	45 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
10/04/1834	Sertã	Feminino	35 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Tísica
14/04/1834	Amioso	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Hidropisia
20/04/1834	Carrascal	Masculino	70 anos	Casado	Cova de Fábrica	Desconhecida
21/04/1834	Vale Porco	Feminino	35 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
24/04/1834	Codiceira	Masculino	Menos de 2 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
25/04/1834	Sertã	Masculino	104 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
27/04/1834	-----	Feminino	35 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres Malignas
30/04/1834	Sertã	Feminino	75 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
30/04/1834	Amioso	Masculino	7 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Tumor
04/05/1834	Carnapete	Feminino	70 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Entrevação
06/05/1834	Passaria	Feminino	40 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
06/05/1834	Carrascal	Feminino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Maligna
15/05/1834	Codiceira	Feminino	35 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres
19/05/1834	Codiceira	Masculino	2 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
20/05/1834	Pedrogão Grande	Masculino	-----	Casado	Cova dentro da Igreja Matriz	Faccada
01/06/1834	Sertã	Masculino	40 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
02/06/1834	Passaria	Masculino	50 anos	-----	Cova de Fábrica	Maligna
03/06/1834	Passaria	Feminino		Solteiro	Cova de Fábrica	Febres Malignas
03/06/1834	Sertã	Masculino	18 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Ética
09/06/1834	Serra de São Domingos	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	Febres Malignas
16/06/1834	Sertã	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
25/06/1834	Codiceira	Masculino	-----	Solteiro	Cova dentro da Igreja Matriz	Febres Malignas
01/07/1834	Verdelhos	Feminino	1 ano	Solteiro	Cova dentro da Igreja Matriz	Camaras
02/07/1834	Verdelhos	Masculino	15 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
02/07/1834	Guardinheira	Masculino	1 ano e meio	Solteiro	Cova dentro da Igreja Matriz	-----
04/07/1834	Sertã	Masculino	40 anos	Casado	Cova de Fábrica	Hidropisia
05/07/1834	Carnapete	Masculino	45 anos	-----	Cemitério	Malina
05/07/1834	Passaria	Feminino	25 anos	Casado	Cova da Igreja	Fluxo de Sangue

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
07/07/1834	Sertã	Feminino	95 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Camaras
10/07/1834	Sertã	Masculino	1 ano	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
11/07/1834	Venestal	Feminino	5 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
14/07/1834	Sertã	Masculino	Nasceu e Morreu	Solteiro	Cova de Fábrica	-----
14/07/1834	Amioso	Masculino	55 anos	-----	Cova de Fábrica	Febres Malignas
14/07/1834	Venestal	Masculino	19 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres Malignas
22/07/1834	Codiceira	Masculino	40 anos	Casado	Cemitério	Febres Malignas
25/07/1834	Calvos	Feminino	80 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Velhice
30/07/1834	Nossa Senhora dos Remédios	Feminino	15 meses	Solteiro	Capela Nossa Senhora do Olival	Camaras
02/08/1834	Chão da Forca	Feminino	3 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
05/08/1834	Sertã	Feminino	15 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
06/08/1834	Sertã	Feminino	6 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
06/08/1834	Sertã	Feminino	5 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Camaras
07/08/1834	Nossa Senhora dos Remédios	Masculino	30 anos	Viúvo	Cova de Fábrica	Febres
07/08/1834	Amioso	Masculino	6 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Lombrigas
08/08/1834	Sertã	Masculino	10 anos	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
08/08/1834	Casal da Estrada	Feminino	9 meses	Solteiro	Cova de Fábrica	Febres
13/08/1834	Nossa Senhora dos Remédios	Masculino	60 anos	Casado	Cova de Fábrica	-----
19/08/1834	Carnapete	Feminino	50 anos	Viúvo	Cemitério	Camaras
24/08/1834	Amioso	Masculino	36 anos	Solteiro	Cemitério	Tísica
29/08/1834	Sertã	Feminino	70 anos	Casado	Cemitério	Catarral
29/08/1834	Passaria	Masculino	-----	-----	Cemitério	Camaras
02/09/1834	Passaria	Feminino	40 anos	Casado	Cemitério	Camaras
07/09/1834	Chão da Forca	Feminino	70 anos	Solteiro	Cemitério	Catarral/Velhice
08/09/1834	Malpica	Masculino	-----	-----	Cemitério	-----
08/09/1834	-----	Feminino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Acréscimos
09/09/1834	Codiceira	Feminino	2 anos	Solteiro	Cemitério	Sezões
09/09/1834	Calvos	Feminino	-----	-----	Cemitério	-----
09/09/1834	Amioso	Masculino	18 anos	Solteiro	Cemitério	-----
10/09/1834	Sertã	Masculino	40 anos	Casado	Cemitério	Camaras
18/09/1834	Malpica	Masculino	84 anos	Casado	Cemitério	Camaras
20/09/1834	Carnapete	Masculino	50 anos	Casado	Cemitério	Camaras
21/09/1834	Chão da Forca	Feminino	1 mês	Solteiro	Cemitério	Repentina
22/09/1834	Herdade	Feminino	3 anos e 4 meses	Solteiro	Cemitério	Acréscimos
22/09/1834	Guardinheira	Feminino	60 anos	Viúvo	Cemitério	Camaras
22/09/1834	Casal Fidalgo	Feminino	8 anos	Solteiro	Cemitério	Repentina
07/10/1834	Outeiro	Masculino	70 anos	Casado	Cemitério	Catarral
10/10/1834	Aldeia Cimeira	Feminino	60 anos	Viúvo	Cemitério	Acréscimos
13/10/1834	Outeiro das Colheres	Masculino	34 anos	Casado	Cemitério	Malina
14/10/1834	Sertã	Masculino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Catarral
20/10/1834	Sertã	Feminino	70 anos	Solteiro	Cemitério	Entrevação
29/10/1834	Sertã	Feminino	90 anos	Viúvo	Cemitério	Velhice
30/10/1834	Sertã	Feminino	50 anos	Casado	Cemitério	-----
01/11/1834	Giesteira	Masculino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Sezões
02/11/1834	Carrascal	Feminino	9 anos	Solteiro	Cemitério	Morte Natural
03/11/1834	Sertã	Feminino	50 anos	Viúvo	Cemitério	Catarral
04/11/1834	Chão da Forca	Feminino	50 anos	Casado	Cemitério	Catarral

Data	Localidade	Sexo	Idade	Estado Civil	Local de Enterramento	Causa de Morte
10/11/1834	Codiceira Grande	Masculino	60 anos	Casado	Cemitério	Febre Gástrica
10/11/1834	Abelheira	Feminino	16 anos	Solteiro	Cemitério	Repentina
11/11/1834	Aldeia Ilegível	Masculino	3 meses	Solteiro	Cemitério	Repentina
14/11/1834	Mougueira	Masculino	50 anos	- - - -	Cemitério	Constipação
15/11/1834	Sertã	Feminino	45 anos	Casado	Cemitério	Hidropisia
15/11/1834	Serra do Pinheiro	Masculino	70 anos	Casado	Cemitério	Febre Gástrica
17/11/1834	Malpica	Feminino	60 anos	Viúvo	Cemitério	Hidropisia
25/11/1834	Aldeia da Ribeira	Masculino	10 anos	Solteiro	Cemitério	Malina
25/11/1834	Passaria	Masculino	30 anos	Solteiro	Cemitério	Catarral
26/11/1834	Sertã	Feminino	50 anos	Viúvo	Cemitério	Catarral
26/11/1834	Outeiro	Masculino	10 anos	Solteiro	Cemitério	Malina
27/11/1834	Troviscal	Masculino	13 anos	Solteiro	Cemitério	Hidropisia
01/12/1834	Abelheira	Feminino	40 anos	Viúvo	Cemitério	Camaras
09/12/1834	Vale Porco	Feminino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Repentina
09/12/1834	Abelheira	Feminino	70 anos	Viúvo	Cemitério	Catarral
29/12/1834	Outeiro da Vila	Masculino	70 anos	- - - -	Cemitério	Repentina
31/12/1834	Vila	Masculino	60 anos	Casado	Cemitério	Pleuris

Apêndice B

“Ana” – 79 anos

- Teve conhecimento das obras na Igreja da Sertã em 2005?

- Eu lembro-me de andarem a fazer a renovação da igreja, de andarem a por tábuas no chão e tudo.

- Sabia que tinham estado presentes arqueólogos e antropólogos?

- Não, isso não sabia, não sabia.

- Sabia que tinham sido retiradas ossadas da igreja e que tinham sido reenterradas no cemitério?

- Sim sabia e até soube que havia, até fiquei muito assustada naquela altura, diziam que havia lá, como é que se diz... esqueletos, que havia lá esqueletos completos, completos mesmo, e que os levaram num lençol e não sei o quê, e que esses esqueletos que foram para a igreja mas que depois foram para o cemitério. Eles apanharam depois os ossos, apanharam, quer dizer, naquela altura eram esqueletos completos pronto, que as pessoas ficaram muito espantadas quando viram isso.

- O que acham de ter sido retiradas as ossadas da igreja?

- Eu acho que, para mim, haviam de ter sido enterradas no chão à mesma. Havia de ter ficado por baixo, no chão da igreja.

- Porquê que acha isso?

- Não sei, porque ali era um cemitério, falaram que era um cemitério, eu não me lembro, lembro-me depois de ver esses ossos mas era um cemitério, não é? E então achava que eles haviam de ser enterrados ali onde estavam.

- O que acha sobre essas ossadas estarem a ser estudadas?

- Acho bem, pronto, estarem a estudar, acho bem quererem estudar e saber, pronto, o quê que havia naquela altura, doenças e aquelas coisas. Acho muito bem. Nisso não sou contra mas achava bem, realmente, elas terem ficado lá.

- Sobre as suas memórias do passado. Como eram os enterros, isto é, o que acontecia depois de uma pessoa morrer?

- Era em casa, era em casa, não era como hoje. Estavam em casa, arranjavam uma espécie de um altar ou um lençol ou uma coisa assim, punham uma cruz do senhor e uns candeeiros que haviam antigamente que eram a azeite, havia uns candeeiros com uns bicos, tinham quatro bicos, aquilo era cheio, às vezes a pessoa que morria aquela família não tinha mas havia outras pessoas mais antigas que iam lá levar e que tinham que emprestavam e no outro dia iam buscar. O velório era ali e eles estavam em cima de uma mesa ou de uma cama porque muitas vezes o caixão só chegava de manhã e depois pronto, ia para a igreja, faziam a missa e depois faziam o funeral. Depois tinham as janelas de casa fechadas e a família nem fazia o comer, iam lá os vizinhos levar panelas de sopa e um arroz ou assim.

- Como eram transportados os defuntos para o cemitério?

- Havia uma carreta que usavam mas isso era só para os ricos ou assim, era uma carreta do hospital, que pediam ao hospital ou eram sócios da misericórdia ou disto ou aquilo. Os outros eram levados em braços e eu lembro-me ainda, por exemplo, que vinham do Amioso porque não havia cemitério, agora há cemitério lá, vinha o caixão num carro de bois com quatro homens e depois cá pegavam nele.

- Se falecia uma pessoa sem meios, como faziam o funeral?

- Não sei, mas acho que faziam à mesma, acho que faziam. Lembro-me de ser miúda e haver um senhor que se enforcou e eles não tinham muito e lembro-me de ir lá ver e depois ainda levei um soco por ir lá, e eles não tinham, eram pobres mas fizeram o funeral normal só não ia o padre, como aos que não estavam casados pela igreja, faziam o enterro mas não levava o padre e agora levam. Antigamente era assim.

- Havia diferenças entre os funerais das crianças e dos adultos?

- Não, só os que não eram batizados iam os levar numa caixinha, iam os levar ao cemitério e assim enterrava-os, pronto, lá e os que eram batizados eram feitos pelos padres e faziam o funeral na mesma como as outras pessoas.

- O que era a mortalha?

- A mortalha era um vestido, vestiam o fato melhor que tinham. Lembro-me que houve o tifo e os meus irmãos adoeceram, deixaram de caminhar estiveram muito tempo em que ia lá o médico a casa, naquela altura ainda ia, eu lembro-me que também estive doente em pequenina e também foi lá um médico já muito antigo que era o Dr. Rogério, nem foi, era o Dr. Ângelo, já nem foi o Dr. Rogério nem nada, e que era essa pessoa antiga que foi lá, eu tinha estado muito mal, lembro-me da minha avó que dizia às vezes quando tinha qualquer coisa com ela ou assim que ela dizia assim “ já estou arrependida”, dizia aquilo a rir-se, “ já estou arrependida de te ter pedido a vida, chegaste a estar amortalhada com o fato do batizado ao fundo da cama porque o médico foi lá e disse que tu estavas morta e não estavas”.

- Se fosse uma mulher adulta e solteira a mortalha seria igual? E uma criança batizada?

- Era, era mas se estivesse para casar levava a roupa do casamento e as crianças era a do batismo, mesmo que fossem pobres tinham sempre um vestidinho branco ou assim para as vestirem.

- Nos registos paroquiais encontrei um caso em que um individuo tinha sido enterrado no traje de um Santo, sabe de alguma razão que possa justificar este facto?

- Antigamente havia muitas promessas como às vezes até iam à Senhora dos Remédios, à festa ou qualquer coisa, e iam vestidas, compravam um fato assim como o de Nossa Senhora e iam vestidos assim por isso pode ser uma promessa qualquer que tenha feito. Agora já se deixou isso mas eu ainda me lembro de perguntar isso uma vez aos meus pais porque quando era mesmo nas procissões grandes que às vezes havia anjinhos que iam lá vestidos, as crianças mais pequenas iam lá vestidos com um fato de Nossa Senhora ou assim e explicaram-me isso, que eram promessas que tinham.

- Lembra-se de ouvir falar noutra cemitério que não o que existe presentemente?

- Não, não, sempre ouvi falar naquele. Antes era mais pequeno, havia só metade mas nunca ouvi falar noutra.

- Lembra-se de quando escavaram o adro e encontraram restos ósseos no adro da igreja?

- Eu devia ter uns oito anos, ou nove, e foi nessa altura que começaram a falar que aquilo seria um cemitério porque eu não sabia que aquilo era um cemitério, nessa altura é que começaram a falar mais que tinham tirado esses coisos de onde os tinham encontrado.

- Lembra-se porquê que escavaram o adro da igreja?

- Foi para fazerem a instalação com certeza para a igreja porque dantes não havia lá nem casa de banho nem nada dessas coisas, nem luz, não havia a luz no adro porque aquilo era um coiso... um deserto pronto, e eu lembro-me de só ser assim, aquilo não ter candeeiros nem ter nada. Lembro-me de ver as covas, assim saltar as covas quando andaram a arranjar mas isso já estava a igreja construída.

- Esses ossos foram retirados do adro?

-Tiraram, tiraram os ossos, ossos que apareceram, tiraram mas não sei onde os meteram. Ouvi dizer que havia os ossos, lembro-me perfeitamente de dizerem isso, diziam até que os tinham levado para dentro da igreja e eu lembro-me de uma vez ir lá para ver se estavam porque antigamente a igreja estava sempre aberta, e diziam que tinham ido para a parte onde faziam os batizados onde há uma pia grande mas aquilo era tapado, tinha umas portas, e não, a gente foi lá e não estavam lá ossos nenhuns nem nada. Devem ter sido, com certeza, esses que estavam então inteiros ou assim que a gente ouviu falar que diziam que pronto ainda estavam há tantos anos e que depois os levaram. Toda a gente falava e nós que eramos pequenos queríamos ver os ossos.

- Já eram utilizadas flores nos funerais?

-Não, não se usavam essas coisas, era o véu e aquelas coisas e mais de resto não levavam flores. Não era tradição levar flores no enterro, só se fossem aqueles muito ricos.

- E na altura da festa de Todos os Santos?

- Isso já vem de há muitos anos, nos finados é que se ia ao cemitério enfeitar as campas com as flores e havia lá missa por todos os que estavam no cemitério. Levavam flores, partiam as flores e faziam uma cruz e outras imagens. Eu ainda me lembro disso porque via as outras mais antigas a levarem ramos de flores mas não eram de plástico como agora, eram flores que tinham nos campos ou nas hortas ou assim.

- Quanto tempo é que as pessoas estavam de luto?

- Andavam de luto toda a vida. A minha avó andou sempre até morrer, era sempre de preto com saias compridas e lenços na cabeça, agora é que já não é assim. No tempo em que fiquei viúva (1972), nessa altura ainda se usava aqui o lenço atado na cabeça, usavam mas eu já não usei, nem as saias até aos pés mas usei sempre meias, meias pretas.

- Existiam outros tratamentos aos quais a população recorria quando estavam doentes sem serem os prescritos pelo médico?

- Sim senhora, havia muita gente que chamava, não chamava o médico, chamava o, como é que se chama...o barbeiro! Chamavam o barbeiro a casa e ele dava mezinhas, há alturas em que dava coisas, comprimidos para qualquer coisa mas havia outras alturas em que dava mezinhas. E quando era o cobrão, aquelas coisas que aparecem no corpo todo, a minha vizinha ainda fazia isso e a minha avô também fazia uma reza durante nove dias seguidos e se visse que aquilo era mesmo um cobrão e começava a amainar fazia outros nove dias. Ela teve ali muita gente a quem fazia isso. Houve uma vez que o meu marido escreveu para cá, nós estávamos em Lisboa na altura, e ele escreveu para cá porque o nosso filho não dormia e assim e elas faziam as rezas contra o mau-olhado, diziam que era o mau-olhado e que eram frases que ficavam mal ditas no batismo e não sei o quê, e então a minha avô ainda me ensinou e eu tinha aquilo escrito e depois passei-o à minha irmã e sei que eu fazia uma cruz e dizia assim: “Deus te criou/ Deus te cheirou/ Deus te tire o mal que para ti entrou/ ??? / Se é inveja ela volta a quem a deitou/ O menino Jesus por aqui passou/ Seu sapatinho calçou/ Assim estás tu como ele quando ele se achou”. Era assim e fazia-se em cima da pessoa ou sem a pessoa estar tal como se faz com o azeite na água.

- Nunca ouviu falar, na Sertã ou nas aldeias, de colocarem palha ou fetos dentro dos caixões?

- Ah não, não, era só um lençol que levavam os mais pobres, dobravam o lençol para cima dele mas os ricos já levavam as urnas melhores com tecido por dentro.

“António” – 71 anos

- Teve conhecimento das obras na Igreja da Sertã em 2005?

- Exatamente.

- Sabia que tinham estado presentes arqueólogos e antropólogos?

- Sim, estiveram lá na altura a estudar aquilo.

- Sabia que tinham sido retiradas ossadas da igreja e que tinham sido reenterradas no cemitério?

- Sim.

- O que acham de ter sido retiradas as ossadas da igreja?

- Acho bem para se estudar mas depois deveriam voltar para o cemitério, esta é a minha ideia.

- O que acha sobre essas ossadas estarem a ser estudadas?

- Acho bem para tentar ver há quantos anos aquilo lá existia aquele cemitério.

- Lembra-se de ouvir falar noutra cemitério que não o que existe presentemente?

- Ali para o quintal do Dr. Matos Neves houve lá em tempos um desabamento de terras em que caiu o muro lá para baixo e encontraram muitas caveiras e ossos naquela parte, mas naquela altura não houve estudos nem nada, nem sei o que lhes fizeram, se os fizeram desaparecer ou como é que foi. Mas não me lembro de outro, acho que já ouvi falar sobre um antigo mas não sei onde era.

“Beatriz” – 88 anos

- Teve conhecimento das obras na Igreja da Sertã em 2005?

- Quando fizeram as obras na igreja aquilo por baixo era tudo ossadas que aquilo era antes um cemitério e debaixo do soalho tiraram muitos ossos mas mesmo antes disso, uma vez que também fizeram obras também tiraram mas agora tiraram muito mais e foi tudo para além para o cemitério. E também encontraram o túmulo de um senhor na parede e acho que há lá mais. E cá fora no adro quando fizeram obras também viram que de um lado eram os anjos porque acho que antigamente se dividiam os anjos e os adultos e antigamente quando morreu uma irmã minha também era assim, havia o talhão para as crianças. No adro, estando de frente para a porta principal era o lado esquerdo o dos anjos, disse a minha mãe. Aquele muro do adro que dá para a escadaria em baixo para a misericórdia caiu quando eu andava na escola e quando andaram a arranjar também tiraram muita ossada e eu vi e eram ossos grandes deviam ser das pernas, e essas ossadas foram todas ali para o cemitério. E também foi muita ossada para lá de onde são as bombas hoje (junto à igreja de Santo Amaro) que também foi um cemitério e até dizem que quando andaram lá a escavar para fazer aquilo ainda encontraram muita ossada. A minha mãe contava que quando fizeram a transladação das ossadas desse cemitério quem disse o sermão foi o meu tio padre que era irmão da minha avó e dizia a minha mãe que toda a gente ficou encantada com o sermão que ele disse.

- Sabia que tinham estado presentes arqueólogos e antropólogos?

- Acho que sim, que nessa altura andaram

- O que acham de ter sido retiradas as ossadas da igreja?

- Acho bom porque assim já viam o que era e o que se passava antigamente e foram para o cemitério que é o sítio deles.

- Quando era mais pequena como eram os enterros, o quê que faziam depois da pessoa morrer?

- Faziam o velório em casa, era em casa. Púnhamos a urna em cima de uma mesa e tínhamos um altarzito ao pé e era assim, quando morreu a minha avó e a minha irmã foi

em casa a minha mãe já não que morreu no hospital e o meu pai já foi na igreja de Santo António. A minha irmã até foi batizada à pressa porque quando nasceu a minha avó dizia que ela não ia aguentar muito porque tinha duas moleirinhas e assim foi, morreu com 8 meses e o meu pai até lhe tirou uma fotografia quando ela morreu, levantou-lhe assim a cabeça para ela ficar mais alta e la foi enterrada com o fato de anjo, era um vestido branco que lhe fizeram à pressa toda a noite e levava uma coroa de florezinhas. A gente velava a pessoa toda a noite, sempre ao pé da pessoa que morreu, estavam assim à volta da pessoa e depois o padre vinha buscar mas não fazia missa, não dizia missa, e depois levávamos para o cemitério o padre encomendava a alma da pessoa e faziam o funeral. A minha avó morreu no Picoto e até veio na carreta que ainda havia no hospital. As pessoas levavam a comida, cada família levava comida e punha na cozinha mas agora não, agora vão para a igreja e quem tinha uns candeeiros de azeite em metal, que era quase toda a gente, iam levar sempre e eram esses candeeiros que alumiavam mais do que propriamente velas. E depois mandavam dizer uma missa, mas não era de sétimo dia, era só uma missa.

- Como era o funeral de uma criança não batizada?

- Era igual, iam num caixãozinho branco mas era igual. Mas se nascessem já mortos não faziam muito, ia só a família.

- E levava padre?

- Levava, só não levava padre quem se matasse, os enforcados por exemplo.

- Como era feito o luto?

- Faziam, agora não. Quando morreu a minha avó a minha mãe fez-me andar de luto, a minha mãe andou um ano ainda com uma écharpe na cabeça, quando era o pai ou a mãe era um ano.

- Quando as pessoas estavam doente não iam só ao médico?

- Iam ao barbeiro do Amioso e esse talvez soubesse mais do que certos médicos que há agora, havia lá um barbeiro que valia mais que um médico e que ia tratar as pessoas por aqueles casais. Dizia às pessoas para irem à farmácia buscar o que ele entendia e curava a dor ciática com um ferro quente cortava um nervo dentro da orelha e durante não sei quanto tempo não o podia deixar unir. E iam também a um ferrador, o meu tio foi lá

umas vezes. Ao cobrão ainda há muita gente que faz, e a minha avó também fazia. A minha avó era assim tinha um pau de oliveira acho eu, assim um pau delgadito, e quando uma pessoa tinha uma dor de cabeça ela ia a um copo de água e queimava três pauzitos para o copo de água e dizia qualquer coisa e passava com o copo assim três vezes sem olhar para trás e depois chegava à porta da rua e atirava a água de costas sobre o ombro. Houve uma vez que uma senhora foi lá a casa com isso a dizer “ venho aqui com uma dor de cabeça tão grande, eu não posso com isto” e ela fez aquilo e a dor de cabeça passou-lhe. Ela andava sempre com aquilo.

- Nunca ouviu falar, na Sertã ou nas aldeias, de colocarem palha ou fetos dentro dos caixões?

- Nunca ouvi falar. Mas antes quem fazia os caixões era a Fernanda Serra que fazia, antes era o pai mas quando o pai morreu ficou ela, quem era rico aquilo era do melhor, eram forrados e era ela que os forrava, quando a gente ouvia “tuc tuc tuc” já sabia que ela estava a fazer um caixão, a gente aqui ouvia. Vinha só a madeira e era ela que os forrava por dentro e por fora. Quando víamos o caixão forrado assim com um tecido bonito já sabíamos que aquele pagava bem. Aqueles que iam com coisas mais baratas eram os pobres.

“Bernardo” – 72 anos

- Teve conhecimento das obras na Igreja da Sertã em 2005?

- Sim.

- Sabia que tinham estado presentes arqueólogos e antropólogos?

- Sim, afirmativo.

- Sabia que tinham sido retiradas ossadas da igreja e que tinham sido reenterradas no cemitério?

- Já antigamente se falavam nessas ossadas porque houve uma altura em que o chão apodreceu e tiveram que o mudar, já anterior a 2005, e já nessa altura foram encontradas ossadas e antes já se suspeitava e depois acabou por se confirmar que o terreno à volta da matriz era um cemitério por duas razões principais, quando eu já tinha para aí 16 anos nós encontrávamos ossos no chão e apareciam com frequência porque aquilo não estava nada empedrado e até tínhamos o desprante de ir com uma coisa afiada a tirar os ossos para fora, entretanto um muro virado para a rua Ângelo Henriques Vidigal abateu e acontece que encontraram ossadas, havia um homem que fez uma aposta que bebia vinho por uma das caveiras que lá foi encontrada e bebeu! Portanto, ninguém ligou muito a estes ossos. Quando foi agora a pessoas disseram “Ah, andaram lá na igreja e encontraram ossadas” ora, durante muito tempo era lá se enterravam os mortos e os pobres era cá fora portanto nada disto para mim foi novidade até porque já os tinham encontrado antes. Nós encontrávamos dezenas de ossos humanos no chão do adro, não era de um cão nem era de um gato, eram humanos, eram tíbias e caveiras e bocados de fémures partidos, por isso, isto tudo não foi nada de surpresa. E ainda havia um outro sítio, também na altura, de que não era conveniente falar-se. Atrás da igreja de Santo Amaro, quando mandaram aquilo abaixo para fazer as bombas da Galp, também encontraram cadáveres, o que prova que quer a igreja matriz quer o adro quer a zona adjacente à capela de Santo Amaro foram cemitérios. E dizem que quando construíram o cemitério novo que andaram a transladar ossadas quer da área de Santo Amaro quer da área da Igreja Matriz portanto para saber isto é preciso andar à procura e falar com as pessoas e perguntar do que se lembram porque se perguntarem não só a mim como

àquela malta da minha idade que ainda está viva que são felizmente muitos todos se lembram, lembram-se disto. Eu estou a ver uma máquina caterpillar, foi a primeira vez que vi uma máquina dessas, em Santo Amaro a fazer a remoção de terras e aparecerem os caixões, ninguém se preocupou até que alguém se lembrou de recolher aquelas ossadas e levar para o cemitério, agora se me perguntarem onde é que elas estão enterradas no cemitério isso não sei.

- O que acham de ter sido retiradas as ossadas da igreja?

- Por uma questão de respeito eu admito, por uma questão de higiene e salubridade acho que já é demais, é difícil. E depois outra coisa, eu costumo dizer que quando a gente morre deixem-nos em paz e não nos chateiem que já não temos nada a ver com isto, andar agora a mexer acho que não havia necessidade disso, pouco me disse e o que me disse foi de revolta. Provavelmente um processo como deve ser tentar-se-ia saber de quem eram aquelas ossadas, de quem era, se não se fez esse trabalho não deve ter havido muito interesse nisso.

- O que acha sobre essas ossadas estarem a ser estudadas?

- Acho extraordinário hoje conseguir-se dizer de um esqueleto se era homem ou mulher, tinha tal idade, teve filhos, teve estas doenças, teve aquilo, teve aqueloutro, é extraordinário. Acho que se deve estudar, acho que sim. Nós para nos conhecermos a nós próprios temos de conhecer o antigo, se não conhecermos o ontem não conseguimos o amanhã.

- Como eram os enterros, isto é, o que acontecia depois de uma pessoa morrer?

- O velório era feito em casa. No caso do meu pai passou duas noites em casa. Depois nos anos 80 passou a ser feito nas capelas o que acho que está bem e concordo com quem não quiser lá passar a noite porque já não basta toda a envolvência da morte ainda tem de estar ali uma noite inteira e sei o que me custou, acho que não é necessário isso hoje porque não vamos dar vida ao indivíduo, à pessoa que ali está.

“Carla” – 24 anos

- Teve conhecimento das obras na Igreja da Sertã em 2005?

- Não.

- Sabia que tinham estado presentes arqueólogos e antropólogos?

-Não

- Sabia que tinham sido retiradas ossadas da igreja e que tinham sido reenterradas no cemitério?

- Não.

- O que acham de ter sido retiradas as ossadas da igreja?

- Sei lá, talvez deveriam ter posto noutra sítio mas não no cemitério, num museu ou assim. Depois de serem estudadas deviam era estar num museu, são tão antigas.

“Carlos” – 24 anos

- Teve conhecimento das obras na Igreja da Sertã em 2005?

- Sei que houve obras mas não me lembro do ano.

- Sabia que tinham estado presentes arqueólogos e antropólogos?

- Sim.

- Sabia que tinham sido retiradas ossadas da igreja e que tinham sido reenterradas no cemitério?

- Sim.

- O que acham de ter sido retiradas as ossadas da igreja?

- Acho que não faz grande diferença.

- O que acha sobre essas ossadas estarem a ser estudadas?

- Não acho nada mas depois deviam ficar na Sertã.